



**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL**

ADRIANA SUSSEKIND DE MENDONÇA

**A VIDA CULTURAL NO RIO DE JANEIRO DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DO
JURISTA CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA**

RIO DE JANEIRO

2013

ADRIANA SUSSEKIND DE MENDONÇA

**A VIDA CULTURAL NO RIO DE JANEIRO DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DO
JURISTA CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA**

Dissertação apresentada como quesito parcial para obtenção do grau de mestre do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire.

RIO DE JANEIRO

2013

**A VIDA CULTURAL NO RIO DE JANEIRO DURANTE A SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DO JURISTA CARLOS SUSSEKIND DE
MENDONÇA.**

ADRIANA SUSSEKIND DE MENDONÇA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Aprovada em ___/___/___ .

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire
(UERJ/UNIRIO)
Orientador**

**Prof.^a Dr.^a Ana Chrystina Venancio Mignot
(UERJ)**

**Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea
(UNIRIO)**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

MENDONÇA, Adriana Sussekind.

A Vida Cultural no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial Através do Diário do Jurista Carlos Sussekind de Mendonça. Rio de Janeiro, 2013.

118 f; 30 cm.

Orientador: José Ribamar Bessa Freire . Rio de Janeiro– 2013.

Dissertação (Programa de Pós Graduação em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Vida Cultural. 2. Memória Social. 3. Rio de Janeiro. 4. Diário Pessoal. 5. Segunda Guerra Mundial. I. Freire, José Ribamar Bessa (Orient.) II. Dissertação. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. IV. Título.

CDD:

Dedico esta dissertação à
memória de meus avós Gilda e
Carlos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor José Ribamar Bessa Freire por me orientar com tanta sabedoria e experiência.

Ao meu pai, familiares e amigos que me apoiaram e me incentivaram durante a realização deste trabalho.

*Aquilo que se faz por amor está sempre além
do bem e do mal. (Nietzsche)*

RESUMO

A recuperação da memória do cotidiano social e cultural do Rio de Janeiro durante o período da Segunda Guerra Mundial foi discutida nesta dissertação a partir do levantamento, da organização e classificação de registros do diário pessoal do jurista Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968). Esta pesquisa pretende ser uma fonte para o estudo do processo de construção da memória social de um determinado grupo de pessoas em um determinado tempo e espaço. No caso específico deste diário trata-se do estudo de seu grupo – intelectuais, membros da administração pública, profissionais liberais e outros – dentro do contexto dos anos 1939 a 1945 no Rio de Janeiro. Foram abordadas as influências subjetivas e objetivas que esta reconstrução da memória social recebeu através do diálogo com autores clássicos e atuais das ciências humanas.

O diário, por ser uma fonte documental alternativa, não oficial – um legítimo testemunho cultural e acervo museológico pouco conhecido, constituído por 80 cadernos manuscritos tendo como suporte o papel – possui diversas características subjetivas que foram questionadas, analisadas e consideradas, assim como a própria biografia de seu autor, elementos estes que foram determinantes no tipo de reconstrução feita. Com a finalidade de melhor recompor o imaginário da época e contribuir para a busca de significados que dialoguem com o estudo da memória social no âmbito carioca, destacou-se, nesta pesquisa, a importância do cinema, do rádio e da imprensa no período selecionado, assim como a vida literária do autor, além de aspectos de sua vida familiar, social e política.

Palavras-chave: Vida Cultural, Memória Social, Rio de Janeiro, Diário Pessoal, Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

The present dissertation aims to recovering some of the Rio de Janeiro's social and cultural memory during the Second World War by means of surveying, organizing and classifying notes from the personal diary of jurist Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968). The current research may serve as a reference for studies concerning the way social memory is built for a certain group of people of a particular time. In the case of Carlos Sussekind de Mendonça's diary, it was the study of his social group – intellectuals, public administration servers, self-employed people, among others – in Rio de Janeiro's cultural and social context of the Second World War (1939-1945). In this sense, it was discussed the subjective and objective influences that this reconstruction of social memory received through the dialogue with classical and current Humanities authors. This diary, understood as a documentary alternative source, unofficial – a legitimate cultural testimony and a little-known Museum collection, consisting of 80 manuscripts paper notebooks – has many subjective characteristics that were questioned, analyzed and considered, as well as the biography of its author, these elements that were instrumental in the sort of reconstruction performed.

In order to recompose the social imaginary and to contribute with the searching for meanings that dialogue with the study of the Carioca's social memory, stood out, in this research, the importance of the cinema, the radio and the press in the selected period, as well as the author literary life, and aspects of his family, social and political life.

Key words: Social memory, Second World War, personal diary, Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>CAPÍTULO I</u>	17
<u>DIÁRIO PESSOAL: ANTROPOLOGIA DO COTIDIANO</u>	17
1.1- <u>CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA: UMA VIDA, VÁRIAS BATALHAS.</u>	17
1.2- <u>DIÁRIO E MEMÓRIA SOCIAL: A FIXAÇÃO DA VIDA.</u>	22
1.3 – <u>FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: SELEÇÃO DE MEMÓRIAS.</u>	27
<u>CAPÍTULO II</u>	44
<u>GUERRA É GUERRA: O MUNDO EM CHAMAS</u>	44
2.1. <u>A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</u>	44
2.2. <u>A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO BRASIL</u>	53
2.3. <u>O CINEMA VAI À GUERRA.</u>	65
2.4. <u>RÁDIO: “TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA”</u>	74
<u>CAPÍTULO III</u>	82
<u>UM LUGAR NO BONDE: DA CULTURA</u>	82
3.1. <u>ÁLBUM DE FAMÍLIA</u>	82
3.2. <u>VIDA SOCIAL : A CANETA SEM TINTA.</u>	98
3.4. <u>DIÁRIO: LUGAR DE MEMÓRIA; ARQUIVO DE FATOS</u>	107
<u>CAPÍTULO IV</u>	114
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	114
<u>REFERÊNCIAS</u>	117

INTRODUÇÃO

1 de janeiro de 1942.(...) escreverei todos os dias, haja ou não o que dizer de “interessante”.

Por que, afinal, com que critério chamo eu de “interessante” o que talvez me interesse hoje, mas é muito provável que não me interesse amanhã?

“Interessante” é tudo que nos aconteça.

Registre-se tudo, pois, quando, por mais não seja, para fixar a vida.

A recuperação da memória do cotidiano social e cultural do Rio de Janeiro pode contribuir para entender a força irradiadora que esta cidade teve no Brasil, incluindo o período da Segunda Guerra Mundial, como principal pólo difusor de pensamento e ideias da República. O Rio de Janeiro, além de capital oficial do país, era a capital cultural. Essa operação de recuperar a memória cultural de uma cidade e de um país se baseia, quase sempre, em documentos oficiais, em registros produzidos pelo poder constituído preservados nos arquivos públicos. As fontes alternativas são, frequentemente, ignoradas ou desprezadas, permanecendo esquecidas sob a guarda de particulares ou de famílias. Pretendemos explorar, nesta dissertação de mestrado, uma dessas fontes alternativas: o diário de Carlos Sussekind de Mendonça (1899-1968), que foi um observador atento e crítico da vida carioca.

Carlos Sussekind de Mendonça, ensaísta e criminologista carioca, graduou-se pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1920. O primeiro capítulo desta dissertação faz um breve levantamento da biografia deste jurista carioca, autor de um diário que permanece sob a guarda da família e que, pela sua relevância, foi digitalizado, parcialmente, pelo Instituto Moreira Salles (2004) e datilografado, parcialmente também, para a Fundação Getúlio Vargas (1983).

Este manuscrito pessoal elaborado diariamente ao longo de 25 anos, de 1938 a 1963, e situado no contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro, está composto por 80 cadernos. A feitura do diário demonstra uma escrita clara, sem emendas, uma síntese primorosa do cotidiano. Contém observações detalhadas do passado desse integrante do judiciário carioca, que podem ser recuperadas e ressignificadas no presente, contribuindo para a construção da memória coletiva. Um registro variado que demonstra interesses amplos que, de maneira acumulada, torna-se um completo arquivo pessoal. Nesse sentido a riqueza e pluralidade dos registros pertencentes ao diário do jurista Carlos Sussekind de Mendonça configuram uma

ferramenta rara e original para abordar aspectos sócio-culturais brasileiros relacionados à guarda e preservação da nossa língua coloquial e erudita, hábitos e costumes da burguesia carioca, sua visão sobre os períodos políticos nacionais e internacionais que vivenciou, como o Estado Novo de Getúlio Vargas, a Segunda Guerra Mundial, a criação da Organização das Nações Unidas, etc., e sua respectiva produção cultural e artística confirmando assim a necessidade de investigar esse material.

Pretendemos discutir se esses registros históricos viabilizam uma reconstrução do imaginário da época referente à literatura, teatro, cinema, fatos políticos, religião, eventos sociais, imprensa e jornalismo, entre outros. Informações estas que testemunham, assim, o processo de transformações sociais e do pensamento político brasileiro e servem de matéria-prima para estudos inseridos no marco da memória social.

Por outro lado parece interessante aprofundar os estudos sobre a categoria “diários pessoais” e suas características como fonte de investigação interdisciplinar ancorada na historiografia e antropologia do cotidiano. Historicamente ainda é muito recente a pesquisa científica voltada exclusivamente para esse objeto de estudo. A abordagem desse aspecto será feita dialogando com a historiadora da educação, Anna Crystina Mignot, que vem trabalhando com diários pessoais.

Este projeto será uma fonte para o estudo do processo de construção da memória social de um determinado grupo de pessoas em um determinado tempo e espaço. No caso específico do diário pessoal do jurista será o estudo de seu grupo no contexto do Rio de Janeiro dos anos 1940 a 1945. Sendo que abordarei as influências subjetivas e objetivas que essa reconstrução da memória social pode sofrer dialogando com autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs e Michael Pollak, quando o capítulo focalizar a questão da memória coletiva. E, quando a abordagem for sobre a vida cotidiana e a construção social da realidade por meio do objeto diário, ou seja, o diário como ferramenta para a construção social da realidade, iniciarei um diálogo com os sociólogos Peter Berger, Thomas Luckmann e outros pensadores brasileiros.

Tangenciando a questão do diário como receptáculo de memória e, por considerá-lo um legítimo testemunho de sua época e um acervo museológico e “arqueológico” pouco conhecido, penso em situá-lo como um objeto cultural-

patrimonial, pois trata-se de um manuscrito conservado em 80 cadernos e tendo como suporte o papel. Para tratar desse aspecto buscarei apoio em autores brasileiros como José Reginaldo Santos Gonçalves e estrangeiros como Walter Benjamin, entre outros.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de seleção de “memórias” e a reconstrução dos fatos cotidianos relatados pelo autor do diário. No entanto, diante do longo período de registro, de mais de 25 anos, optamos por fazer um corte cronológico de 1939 a 1945, por abranger a repercussão da Segunda Guerra Mundial no cotidiano carioca.

Contextualizando o período do diário que vai de 1939 até 1945, analisando, organizando e disponibilizando essa documentação, quero contribuir com a busca de significados que dialoguem com o estudo da memória social no âmbito carioca e identificar as reais possibilidades de reconstrução do imaginário cultural deste período histórico brasileiro por meio deste diário manuscrito.

A pesquisa tem como objetivo específico o estudo do processo das memórias e informações contidas no diário por meio da análise, organização e classificação dos registros sócio-culturais dessa primeira metade do século XX, mais precisamente no período do conflito da Segunda Guerra Mundial. O estudo do desenvolvimento cultural carioca por meio da visão detalhada e minuciosa do diarista, sua observação do cotidiano da população e da vida cultural da cidade do Rio de Janeiro. Espetáculos, filmes em cartaz, leituras, eventos sociais (festividades, comemorações, homenagens, conferências) e outras manifestações culturais, são objetos de estudo dessa pesquisa.

Procuro, neste trabalho, resgatar a opinião pessoal do jurista como testemunho de época dos aspectos que circundam a produção cultural como, por exemplo, o surgimento dos filmes coloridos e de outros meios tecnológicos revelando o impacto dessas inovações no seu contexto doméstico e familiar de classe média carioca e a mudança produzida, até certo ponto, nos hábitos e costumes.

O tratamento e a recuperação dessas informações serão feitos para preparar um futuro esboço de banco de dados que nos permitirá revisitar momentos históricos, trazendo à luz novas informações sobre a época, enriquecendo a memória social brasileira e possibilitando o acesso a informações importantes para

os pesquisadores desta área, propiciando assim uma releitura da história cultural carioca. O início deste banco de dados será feito nesta dissertação com a seleção dos trechos do diário relativos ao período estudado.

O olhar desse objeto de estudo vem ancorado pelo quadro de referência teórica dos autores – já citados anteriormente aqui – que trabalham com o processo de reconstrução da memória social de um determinado grupo e por isso a análise desses fatos refletirá esse pensamento transdisciplinar encontrado no âmbito da Memória Social.

A partir do momento em que situamos nosso objeto de estudo, o diário particular de um jurista brasileiro, gerador de uma informação baseada em sua produção intelectual – registros testemunhais e material iconográfico que ainda não foram estudados – que possuem a característica especial de uma disciplina incessante – cronológica, ou seja, todos os dias o autor escrevia, praticamente não há lacunas de tempo em seu diário – constatamos diante desse material tão completo e intacto, que é pertinente elaborar, de maneira mais aprofundada, uma pesquisa, resgatando esse importante testemunho histórico-cultural. E, além disso, identificando as nuances desse elaborado processo subjetivo de seleção de memória feito pelo autor do diário.

Os possíveis desdobramentos da análise são o objeto desse estudo. Esse trabalho é realizado através da utilização de técnicas de identificação e análise crítica do material de estudo com a finalidade de facilitar o mapeamento de informações que possibilitem a descoberta de novos fatos que, por sua vez, permitam compor com mais exatidão e nitidez aspectos da história e da memória sócio-cultural do Rio de Janeiro. As características e condições específicas desse manuscrito como fonte de informação e experimento original para a instrumentação da própria museologia – ciência que estuda a preservação, a conservação e a exposição dos testemunhos culturais do passado – motivam a realização deste trabalho. O desenvolvimento de abordagens sobre um material tão amplo pode permitir um aprimoramento dessa ciência, assim como contribuir para outras correlacionadas.

Coloco então a seguinte formulação do problema central desta pesquisa: Qual a relação existente entre as representações dominantes na sociedade da época e o pensamento do autor do diário? Em que medida um diário pessoal pode servir como

fonte histórica alternativa para a reconstrução do imaginário cultural de um determinado período da história de uma cidade ou de um país? Pretendo buscar a resposta a essas questões analisando o diário pessoal do jurista Carlos Sussekind de Mendonça no período histórico brasileiro de 1939-1945.

A organização social, hábitos e costumes da sociedade carioca refletirão neste diário uma realidade da classe média da época? Como foi processada a construção destas memórias nas páginas do diário levando em consideração as questões relacionadas à subjetividade deste documento que também é uma criação literária?

Para começar a tratar estas questões, trabalho no capítulo I o tema “Diário pessoal: antropologia do cotidiano”. Início com um breve histórico com dados biográficos do jurista. Abordo a questão do diário relacionado à antropologia do cotidiano utilizando alguns pensadores brasileiros como Ângela de Castro Gomes. Concluo o primeiro capítulo com uma apresentação geral sobre o diário pessoal do jurista e alguns aspectos dessa escrita pessoal: o diarista e a literatura e o diarista e a Imprensa/Rádio.

No capítulo II, “Guerra é Guerra: o mundo em chamas”, focalizo o aspecto do diário como um arquivo pessoal do passado que registra o cotidiano da Segunda Guerra e a influência do cinema e do rádio, tornando-se assim um legítimo testemunho cultural do passado, representante da época e do meio social no qual foi escrito.

No capítulo III, “Um lugar no bonde da cultura”, pesquiso o contexto familiar e social com os principais fatos sociopolíticos assim como os eventos culturais marcantes, a classe média carioca na qual está inserido o jurista e toda a ambientação gerada pelos meios de comunicação na construção da memória social deste período. Analiso o diário como “lugar de memória” me apoiando na argumentação de teóricos como Pierre Nora.

Na reflexão final discorro sobre o narrador solitário e sua escrita cotidiana amparada pelos conceitos de autores como Peter Berger e Thomas Luckmann ao falar do diário e da construção do indivíduo. Analiso também a questão da memória e da identidade social traçando um paralelo com as informações contidas no diário utilizando o pensamento de Arno Wehling e seu estudo sobre as diferentes classificações da memória. Quando analiso o conceito de alteridade no diário me

baseio no pensamento filosófico de Miguel Angel de Barrenechea que trabalhou com as idéias de Nietzsche. Ao tratar da questão da memória herdada me apoio nos conceitos de Michael Pollak, autor que direcionou seus estudos privilegiando sempre a categoria identidade social.

Espero concluir de maneira contributiva esta dissertação trazendo novos aspectos para questões estimulantes/instigantes ao estudo da Memória Social.

CAPÍTULO I

DIÁRIO PESSOAL: ANTROPOLOGIA DO COTIDIANO

Era a hora trágica da despedida. Mamãe compreendeu. Levantou-se. Beijou-nos demoradamente. E nós ficamos presos, chumbados ao chão, sem dizer nada, sem coragem sequer de aventurar um gesto. Quando ela desapareceu na escada, um nó danado me apertou a garganta. Os olhos se encheram de lágrimas.

1.1 CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA: UMA VIDA, VÁRIAS BATALHAS.

Carlos Sussekind de Mendonça foi um ensaísta, jornalista e criminologista carioca (1899-1968). Participou ativamente da vida política, literária e cultural do Brasil, através de uma contribuição regular e sistemática de artigos publicados nos jornais e de livros que escreveu. Era filho do ministro do Supremo Tribunal Federal e escritor – membro fundador e idealizador da Academia Brasileira de Letras – Lucio de Mendonça (Lucio Eugenio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça) e da pintora Anita Sussekind de Mendonça.

Suas primeiras memórias escritas foram reunidas em um grande volume – mas não publicadas – e receberam o título de “Infância e adolescência”. Esse volume descreve o período de sua vida, anterior à elaboração do diário, tema principal desta dissertação. Nessas memórias podemos acompanhar as mudanças da vida cotidiana como, por exemplo: o surgimento dos primeiros automóveis que substituíram os carros coupé (puxados a cavalo), o período do internato no Colégio Pedro II – onde podemos observar um pouco o funcionamento deste sistema institucional nacional e suas tradições culturais - as leituras da época, e muito dos hábitos e costumes do nascimento do século XX. Esta leitura nos ajudou a compor o breve histórico do jurista.

Órfão de pai aos 10 anos de idade, foi morar com a mãe e os irmãos na ampla casa dos Sussekind com seus tios, tias e primos (eram aproximadamente

vinte pessoas) no bairro do Flamengo. Um pequeno grupo social com suas crenças morais e normas práticas com características peculiares, pois esse núcleo inicial da família Sussekind era descendente de alemães, sendo o avô de Carlos nascido na Alemanha. Entre outras características, podemos notar uma abertura para o próximo e a ausência de xenofobia, obviamente.(SORJ, 2001).

Também observa-se uma solidariedade entre os irmãos que contribuía financeiramente para as necessidades dos sobrinhos ou de algum membro da família menos favorecido economicamente. As constantes visitas e os agregados temporários e permanentes faziam com que circulassem pela casa uma média de 30 pessoas por dia. Fato pouco comum na sociedade urbana atual, especialmente na zona sul do Rio de Janeiro.(“Infância e Adolescência”, pág. 54).

Como se brincava no Rio na primeira década do século XX? Como as crianças se divertiam? As memórias de infância do autor do diário nos dão algumas pistas interessantes, que dificilmente serão encontradas na documentação oficial.

Durante as férias escolares Carlos e seu irmão mais velho (Edgar Sussekind de Mendonça) acordavam cedo para o banho de mar – antes do café da manhã – em frente à casa, junto ao morro da Viúva. À tarde brincavam com seus soldadinhos de chumbo (possuíam cerca de 2.000) formando “famílias”, “nações”, “continentes” e “mundos” imaginários. No quintal brincavam de “soldado e gatuno”, “chicote queimado”, “pique”, “amarelinha” ou liam histórias. Na hora do jantar havia sempre muitos visitantes e punham a funcionar um fonógrafo com os discos ainda em cilindro que pertencia a um dos tios. Mais tarde era a hora de ninar os bebês, escrever (utilizando a pena molhada no tinteiro), ler, tocar piano, costurar ou sair para dar uma caminhada pelo bairro. No passeio preferido de Carlos ele “descia pelo lado do cais” até o “High Life” (balneário “chic” que alugava aos banhistas a roupa de banho, a toalha e o salva-vidas) que existiu no início do séc. XX. Depois das férias, Carlos voltava ao Internato Nacional Bernardo de Vasconcellos, atual Pedro II, onde ele fazia “soma de frações na pedra” e convivia com “aquela multidão de indiferentes”. Lá, foi aluno de Silva Ramos, Paranhos de Macedo, Álvaro Teixeira, Fausto Barreto, Gabaglia, Scragnole Doria, Accioly e Floriano de Brito entre outras figuras públicas de destaque na época..

Sobre o primeiro dia no internato Carlos nos relata esse doloroso ritual de passagem, quando escreve:

“Era a hora trágica da despedida. Mamãe compreendeu. Levantou-se. Beijou-nos demoradamente. E nós ficamos presos, chumbados ao chão, sem dizer nada, sem coragem sequer de aventurar um gesto. Quando ela desapareceu na escada, um nó danado me apertou a garganta. Os olhos se encheram de lágrimas. Mas a presença do diretor (Paranhos de Macedo) forçou-me a reprimir a “fraqueza” iminente. Bom, carinhosíssimo, como sempre o seria, pegou-me pelo braço e, apontando-me outro menino do meu tamanho, que ali estava também, sentado, junto à mãe, encorajou-me:

- Aqui está outro novato. Vai ser seu colega. Entra, também para o 1º ano. E está contente, vê? Não chora...

Era o Acyr Paes, de quem depois me tornaria amigo, e que me seguiria pela vida afora, até o fim do curso de Direito. Tinha, efetivamente, uma carinha alegre, e ria de verdade. Mas de nada me valeu, naquela hora, o seu contentamento, O internato haveria de ser sempre, para mim, o pior dos suplícios. Bem dizia papai...” (“Infância e Adolescência”, pág.66)

Alguns eventos históricos são percebidos pelos olhos sempre abertos do menino que vivia no Flamengo e que testemunhou os conflitos e as tensões da República recém-nascida.

Em 1910, durante o começo de suas férias, Carlos presenciou a “Revolta da Chibata” que começou com dois tiros de canhão que, de tão barulhentos, estilhaçaram os vidros das janelas da sala de visita de sua casa. O cais da praia do Flamengo em pouco tempo foi tomado por soldados no alto do Morro da Viúva e civis curiosos. Quando começou o tiroteio intenso os civis fugiram. Carlos e sua família foram se refugiar na casa de uma tia em Copacabana, porém lá estava o navio “Minas” e havia a possibilidade de ele ser atacado pelo Forte de Copacabana. A família hesitou, mas permaneceu em Copacabana até a revolta acabar. Dentro deste contexto de movimentos sociais, passeios, viagens a pequenas cidades do interior, estudos e namoros foi se desenvolvendo sua infância e adolescência. O fim desse período acontece com o vestibular para a faculdade, cuja avaliação era feita oralmente por uma banca de professores, sendo alguns “positivistas”¹. A banca foi presidida pelo Prof. Sá Viana. As faculdades de Direito daquela época eram fervorosos centros políticos, onde até publicavam seus próprios jornais. Neste início de século XX ser jornalista possuía um status semelhante ao de um escritor.(MICELI, 2001).

1 Seguidores do Positivismo, religião e filosofia humanística criada por Augusto Comte que prega a idéia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Todas as outras formas de conhecimento que não possam ser comprovadas cientificamente não possuiriam valor real. Os positivistas acreditavam que o progresso da humanidade dependia apenas dos avanços científicos. (PEREIRA SOARES, Mozart. O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte. Editora AGE, 1998.).

Em 3 de abril de 1916, Carlos Sussekind de Mendonça entrou para a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Graduou-se em 1920, portanto, aos 21 anos de idade e deu início a sua vida adulta.

Teve uma vida social intensa e desde menino já participava de agremiações como a do Grêmio Euclides da Cunha no qual foi membro fundador junto com seu irmão. Dirigiu vários jornais, entre os quais *A Esquerda*, *A Batalha*, e a *Quinzena Judiciária*, este último com a colaboração de Roberto Lira. Sua militância nos jornais levou-o a fazer parte da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), da qual era membro.

Na área jurídica, atuou como advogado militante até 1931, destacando-se como promotor adjunto no então Distrito Federal (1921-1938) quando participou do polêmico “Caso Seabra” relacionado ao suicídio ou suposto homicídio do jornalista Sérgio Cartier por Gervasio Seabra (manchete de primeira página do Jornal *O Globo* de 2 de setembro de 1933) entre outros casos.

Ocupou ainda as funções de promotor público (1938-1945); curador de menores (1945-1959); membro do Conselho Penitenciário (onde analisava a situação dos presídios todas as quintas-feiras). Exerceu também os cargos de subprocurador geral (1942-1959); primeiro procurador da Justiça do Distrito Federal (desde 1959) e procurador-geral da justiça do Estado da Guanabara (1960-1962). Fundou a Sociedade Brasileira de Criminologia junto com Evandro Lins e Silva, Roberto Lira e outros. Teve uma vida pautada por reuniões e eventos sociais dos mais variados. Seu único momento solitário era a hora em que escrevia seu diário pessoal e seus ensaios.

No campo literário, publicou vários livros que o levaram a ser aceito como membro da Academia Carioca de Letras (onde se reunia semanalmente ocupando a cadeira nº 2) e membro da Associação Brasileira de Escritores (sócio nº 138). Seus livros discutiram os temas mais variados: o recente papel das emissoras de rádio na vida cultural da sociedade brasileira, a história do teatro, o papel político do catolicismo no Brasil, abordando até mesmo temas que eram considerados um tabu na época, como o comportamento sexual dos brasileiros, analisado no livro publicado em 1927, intitulado “Algumas sugestões à educação sexual dos brasileiros”. Um gênero literário que soube explorar com a qualidade de pesquisador e com especial dedicação foram as biografias. Realizou pesquisas sobre o itinerário

intelectual de vários autores como Silvio Romero, Medeiros e Albuquerque, Salvador de Mendonça e Lemos Brito, entre outros.²

Durante sua trajetória de vida, Carlos Sussekind foi simpatizante do marxismo e do Partido Comunista, sempre de maneira discreta. Atitude prudente de acordo com a situação política de seu tempo. Casado com Gilda de Almeida Rego Sussekind de Mendonça foi pai de dois filhos: Ana Maria e Carlos. Nas páginas de seu diário pessoal podemos observar os conflitos políticos e familiares causados por suas preferências ideológicas. Na política brasileira foi simpatizante de Getúlio Vargas, porém com grandes ressalvas.

Todas essas questões afloram nos cadernos que constituem o Diário de Carlos Sussekind ao longo de todo o período em que registrou suas atividades e sentimentos cotidianos. No entanto, talvez, na nossa opinião, a amostra mais significativa reside no período de 1940-1945, anos de forte presença de Getúlio Vargas e do maior conflito bélico da história, a Segunda Guerra Mundial, por isso, escolhemos esse período como recorte histórico da dissertação.

O diário do jurista nos permite traçar um amplo panorama sócio-econômico e cultural deste período histórico, porém tudo é descrito de uma maneira informal e

2 Na lista feita pelo próprio jurista constam 46 obras publicadas no total. Suas obras principais foram: "O que o Brasil já fez pela radiocultura (história dos primeiros passos do broadcasting entre nós, em colaboração com Edgar Sussekind de Mendonça, (1925); "História do Teatro Brasileiro" (10 vol. – período de 1565 a 1840), (editora Mendonça Machado & Cia, 1926); "Algumas sugestões à educação sexual dos brasileiros (1927); "Quem foi Pedro II (golpeando de frente o saudosismo), (1929); "O catolicismo, partido político estrangeiro" (editora Calvino Filho, 1934); "Lúcio de Mendonça (ensaio bibliográfico em colaboração com Edgar Sussekind de Mendonça), (1934); "Silvio Romero: sua formação intelectual – 1851-1888" – (1938); "Recordação de Medeiros e Albuquerque", (1959), "Salvador de Mendonça, democracia do Império e da República (1960). "A obra penitenciária do professor Lemos de Brito (prefácio à edição de suas obras), (1962); "Silvio Romero de corpo inteiro (1962).

Algumas outras obras escritas e publicadas foram: "O que se ensina e o que se aprende nas Escolas de Direito do Brasil (1920)". Discurso de colação de grau; "Por que não recebi o Prêmio Machado Portela" (1920), protesto dirigido à congregação da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; "O esporte está deseducando a Mocidade Brasileira. Polêmica sobre o valor do esporte como agente educativo (carta aberta a Lima Barreto)", (editora Empresa Brasil, 1922); "Iniciando uma campanha contra a Ação Católica no Brasil", em colaboração com Edgar Sussekind de Mendonça (1924); "Bases para a Educação Sexual dos Brasileiros", teses aprovada pela 2a Conferência Nacional de Educação em Belo Horizonte (1928); "Afirmacões Acatólicas em torno de vários temas" (1930); "Edmundo Rego, Juiz (o caráter, a cultura, o coração e o civismo), (1930); "O sensacionalismo, a Imprensa e a Ditadura", conferência (1933); "Homicídio ou suicídio?" promoção ao inquérito policial para apurar a causa da morte do jornalista Sérgio Cartier, em edição especial de "O Globo de 2/9/1933; "Euclides e seu grêmio", discurso na sepultura de Euclides da Cunha (1938); "Rui e o dia da cultura", conferência no Instituto Brasileiro de cultura (1942); "Monteiro Lobato, antes, ao tempo e depois dos Urupês", conferência no recinto da Câmara dos Vereadores do Distrito Federal (1943), entre outras.

descontraída, ao sabor da atmosfera do momento. Os relatos do diário, geralmente, são escritos poucas horas depois dos acontecimentos.

1.2- DIÁRIO E MEMÓRIA SOCIAL: A FIXAÇÃO DA VIDA.

O diário pessoal do jurista é uma fonte documental um pouco diferente de outras produções documentais arquivadas em instituições burocráticas governamentais. Por sua origem privada e de caráter pessoal sentimos uma unidade rara em sua narrativa e um frescor único ao ler suas páginas manuscritas. É de uma forma absolutamente subjetiva que tomamos contato da relação entre esse indivíduo e a sociedade que o cerca. Suas escolhas sobre o que narrar e arquivar nas páginas de seu diário vão nos mostrando as fases de sua vida e de seu meio social com ampla liberdade e, de certa forma, constituindo a sua própria identidade. Suas leituras, principalmente, dizem muito do momento em que seu período histórico estava existindo. No caso do jurista existe uma profunda equivalência entre história de vida e o arquivamento nas páginas de seu diário, de ideias, correspondências, recortes, fotografias, etc., porque eram arquivamentos de uma constância e continuidade ímpar. Era uma forma de organizar a própria vida.(ARTIÈRES, 1998).

Alguns autores têm considerado a questão de que a escrita autobiográfica foi uma prática estimulada no séc. XIX e XX porque ajudava no controle das emoções. De acordo com Foucault (1987) a escrita autobiográfica tem a função de treinamento de si e seria imprescindível no aprendizado do ser humano ajudando-o no enfrentamento dos problemas cruciais de nossas vidas. Muito pouco de seu cotidiano ficava fora do “controle” feito por meio do diário como podemos ver aqui, em trecho de setembro de 1954:

“Passo a noite procurando nos meus *Diários* a receita do Paulo Filho para os meus *óculos de ver longe*. Não a encontro. Decido-me, portanto, a ir ao oculista da “Ótica Fluminense” amanhã, à hora do Juízo”.

Por mais que o processo de arquivamento de “memórias” seja algo múltiplo, mutável, sujeito a inúmeras alterações, observamos que a forma de registrar os acontecimentos nesse diário era tão rápida, tão próxima ao calor dos fatos que as possíveis “deformações” seriam pouco elaboradas. Pelo menos do ponto de vista

racional e consciente. Do ponto de vista inconsciente e psicológico seria necessária uma abordagem mais específica desse material. Existem muitas razões subjetivas e pragmáticas para a necessidade de se escrever um diário e de todas elas a mais adequada ao diário de Carlos Sussekind de Mendonça, segundo meu ponto de vista, seria a de Contardo Calligaris para quem o autor de um diário necessita interpretar a sua vida para lhe prometer um futuro ou dar sentido a um presente monótono. (Calligaris, 1998).

No dia 1 de janeiro de 1942 o diarista confessa ter ficado um breve período de tempo sem escrevê-lo, fato raríssimo e que nunca mais se repetirá, portanto, essa data é um marco na constância da escrita do diário, na sua nova forma de encará-lo. Esse trecho me parece importante, pois o autor considera que “fixar a vida” seria o fundamental. E, ao iniciar um novo ano explica, nas folhas de seu diário, a sua razão de escrevê-lo, mas, sobretudo, o que é ainda mais importante, ele define os critérios de seleção dos fatos que seriam descritos no diário:

“1 de janeiro de 1942, quinta-feira .

Quis celebrar a data de hoje prosseguindo em meu *Diário*. Não o encontrei. Lembro-me bem de que a última vez em que lhe pus a pena foi para registrar uns versos do Caíco a Churchill. Isso, em novembro de 41. A 11 de Novembro. A recordação precisa não me abona a memória. É que foi o dia do 15º aniversário do meu casamento. Aliás, não houve prejuízo em que o perdesse. Os saltos que ultimamente dava, passando meses inteiros sem escrever uma palavra, seriam mau exemplo para o ano de 42. Foi bom, portanto, que o não tivesse achado.

Mas para que esse não tenha a mesma sorte, decido-me a mudar de orientação; escreverei todos os dias, haja ou não o que dizer de “interessante”.

Por que, afinal, com que critério chamo eu de “interessante” o que talvez me interesse hoje, mas é muito provável que não me interesse amanhã?

“Interessante” é tudo que nos aconteça.

Registre-se tudo, pois, quando, por mais não seja, para fixar a vida.

Será mais um documentário, um arquivo, do que um registro de memórias.

Vamos, portanto, à obra.”

Mas, voltando ao aspecto do diário como fonte de reconstrução para a memória de um jurista e seu período histórico, é interessante destacar as suas leituras que podem servir de fonte para reconstruir sua biografia, baseada na máxima “diz-me o que lê e eu direi quem és”. Ele possuía uma biblioteca particular com milhares de livros que ocupavam estantes por toda a sala e hall de entrada de

seu apartamento, e nos fornece abundantes informações não apenas sobre os livros adquiridos, mas sobre as leituras que fazia e as conversas que tinha com amigos sobre tais leituras.

A compra de livros e o “arquivamento” dos mesmos em seus registros no diário e fisicamente em seu apartamento, também merecem destaque nessa dissertação. O papel do livro em sua formação como ser humano e homem de seu tempo foi fundamental. A catalogação dessas obras que estavam em constante expansão eram uma tarefa permanente em sua vida, como observamos nesses trechos do diário de março de 1951:

“Passo a manhã catalogando livros. Avanço até a 9ª prateleira da estante 29.”(...) “Depois, vou às livrarias da rua São José. Muita lombada interessante. Mas não cedo à tentação de nenhuma. Tenho livros demais. Agora, vou catalogá-los para evitar a compra de duplicatas, calinada (tolice) em que já tenho caído mais de uma vez.”

A memória desse indivíduo registrada no diário serve como uma amostra do que era publicado nas décadas de 1940 e nos demais períodos abarcados pelo diário, mas, principalmente, serve para identificar a personalidade e as inquietações intelectuais pelas quais ele passava nesse determinado momento de sua vida, como nos exemplos abaixo:

“Recebo do “*Bureau* de Informações Polonesas”, em volume de ótima apresentação tipográfica, o *Plano Sexenal do Desenvolvimento Econômico e Construção das bases do Socialismo na Polônia*, do Vice-primeiro Ministro Hilary Minc. São 42 páginas cerradas, de documentação compacta”. (...)“Leio, também, mais 20 páginas do livro *La Comuna Hungara*, tradução espanhola da obra francesa de Pierre Ganivet. Muitíssimo interessante para mostrar os erros, hoje facilmente evitáveis, da constituição de uma “democracia popular”. Naquele tempo (1918) foi difícil a Bela Kun realizar a tarefa. O povo facilmente se convenceu de que a “democracia” de Karalqi era puramente “de fachada”. Mas foi difícil convencer ao mundo de que ajudar um movimento proletário no centro da Europa era servir ao povo húngaro, e não apenas a Moscou.”(...) “Tento ler. A experiência se fez com a “Correspondência de Gorki a Tchekov”. Não consegui passar das primeiras páginas. É inútil. Amanhã, pela manhã, se tiver dormido bem, ataco o Silvio Romero. Começarei bem cedo.”

A ida às livrarias era quase semanal e obedecia a uma rotina “sagrada”. Era um alimento para seu “espírito”. Nas livrarias, os encontros e as conversas eram longas e abrangentes. Pelo fato de ser membro da Academia Carioca de Letras e de outras associações culturais a leitura era uma atividade diária e a aquisição de novos livros era um hábito rotineiro. Seguem abaixo alguns outros exemplos de março de 1951:

“Afinal, dá-me na veneta ir ver, mais uma vez, o “sebo” de 13 de Maio, próximo ao “Tabuleiro da Baiana”. Fiz bem em ir. Encontro o Ramalho Ortigão, edição uniforme, novo em folha, a 8.000 réis o volume. Compro as dez variedades existentes. Só me ficam faltando *As Farpas* (quinze volumes), a *Arte Portuguesa* (três volumes) e *Figuras e Questões Literárias* (dois volumes). Curioso: não tem a *Holanda* (o que o Caíco, logo ao chegar, pergunta). Não sei explicar o fato. Tanto mais que não figura no próprio plano publicado!” (...)“Só encontrei um pouco de paz nas livrarias da rua São José, e na de 13 de Maio, onde pude descobrir alguma coisa, que comprei – o livro do José Maria Belo sobre Eça de Queiroz, em papel especial, assinado, autografado pelo autor – livros de crítica do Sud Menucci e do Álvaro Lins – um Leoni Kaseff sobre “Introdução à Filosofia da Educação” e uns versos malucos do Mário da Silva Brito.” (...) “Vou, depois, À livraria do Ângelo, na rua São José. Para fazer hora e não madrugar no Presídio. Converso com o próprio Ângelo. Anuncia-me que compra a Biblioteca do Borges Sampaio. Não o fez, aliás, sem mágoa, pois sentiu que o assunto foi doloroso para o pobre coitado.”

O fato de ele ser membro da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) também justifica essa intensa e permanente busca por livros. Especialmente livros relacionados a temas socialistas, pois segundo a Profa. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo do Departamento de História da UFC havia uma forte presença de escritores comunistas na ABDE³. Esses escritores estavam preocupados com o “pleno exercício da soberania popular em todas as nações” e a “liquidação do analfabetismo no Brasil” entre outras questões. Sobre o I Congresso da ABDE o jurista escreve apenas isso:

“18 de janeiro de 1945 (...)Na cidade, à 1 hora. Encontro-me com o Afonso Costa e o Phócion Serpa. Casualmente, chega também o Sílvio Júlio. A casualidade nos resolve o principal assunto a ser tratado: o nosso representante no Congresso de Escritores (ABDE). Ficou sendo ele, Sílvio, que, no próprio café em que estávamos, recebeu 1:000\$000 para as despesas de viagem e estadia.”

Em geral, a busca por ofertas imperdíveis e livros de assuntos variados também formavam parte de sua rotina:

Janeiro de 1945: “Vou a algumas livrarias. Encontro várias coisas aproveitáveis. Mas só me decido por um volume ricamente encadernado, cujo preço não paga nem a encadernação. O livro é o das *Conversações com Goethe*, de Eckermann. Em edição portuguesa, condensada, resumida.” (...) “Saio da Procuradoria às 3h e meia. Desço a rua São José. Entro na livraria do Ângelo. Peço a Geografia do Aroldo de Azevedo. O Rui me dá uma notícia esplêndida: a “*História da Música*”, do Mário de Andrade,

3 Ana Amélia de Moura Cavalcante é autora do artigo “Comunistas na Associação Brasileira de Escritores” que foi apresentado no X Congresso BRASA em 2010.

foi reeditada. O diabo é o preço: 60.000 réis! Mas o Caíco merece o sacrifício.”

No ano de 1951, pela primeira vez o nome do jurista é cogitado para presidir a ABDE, fato que não o convence muito e definitivamente não lhe empolgava como podemos ver no trecho do diário abaixo:

“O Fernando Segismundo fala da eleição de amanhã na A.B.D.E. Vamos eleger o Graciliano Ramos para Presidente. Para Vice, o Cleto Seabra Veloso. Secretários, o Carreira Guerra e a Alina Paim. Tesoureiro, o Miécio, reeleito. Cogitou-se de me promover à presidência. Mas, como eu estava fora (segundo lhe informaram pelo telefone) não quiseram candidatar-me à revelia. Aceito a versão. De modo algum aceitaria o abacaxi.”

Avançando no tempo, ainda nos anos 1950, podemos perceber que suas leituras continuam com a firme preferência pelos temas políticos. Em novembro de 1952 escreve:

“Saio às 4 ½. Passo pela Livraria Franco-Brasileira, da Av. Presidente Antonio Carlos. Compro um bom livro, atualíssimo, embora de 1950 – de Ralph Parker, *Le Complot contre la Paix*. Um magnífico libelo contra as safardanices dos Ocidentais a propósito da paz que eles chamam de “soviética” só para não a aceitarem. A coisa é bem feita, recuando até Munich. Convence.”

É importante lembrar que sua ligação com a Academia Brasileira de Letras sempre foi próxima devido ao seu pai Lucio de Mendonça que junto com Machado de Assis e outros escritores do séc. XIX a fundaram. Sendo assim, em novembro de 1952 ele escreve:

“Edgar telefona para dizer que o Múcio Leão é quem está dirigindo as Publicações da Academia Brasileira de Letras e que já se comprometeu a reeditar o *nosso* Lúcio, admitindo que o completamos com um anexo antológico. Vou pensar nisso.

Ontem, já o Múcio telefonara, dizendo que deixara na Academia o seu volume sobre Salvador, só agora publicado. Pensei que se tratasse do volume reunindo as conferências de 1941. Vejo que não. É um livro novo. Da Coleção “Afranio Peixoto”. Isso aumenta o meu interesse. Irei buscá-lo amanhã, sem falta. O Phócion me manda outro seu. Sobre Taunay. Na mesma coleção. Tal como já fizera com Otaviano, é só biográfico, fugindo assim ao espírito da coleção. Mas está uma bela brochura de 134 páginas. E o Afonso de Taunay o elogia. Que se pode querer mais?”

A faceta de escritor do jurista fica mais evidente em suas reuniões semanais na Academia Carioca de Letras, como podemos observar no trecho abaixo de novembro de 1952:

“Às 6 e pouco, chego ao consultório do Aloysio. Já lá está Ana Maria, à minha espera. Mas não vamos à Rosinha Neder. Ela já falou pelo telefone. Deixo-a, portanto, com o Aloysio e corro para a Academia Carioca. Tarde cheia. Lá encontro o Paulo de Medeyros, o Phócion, o Martins de Oliveira, o Jonas Correia, o Silva Araujo, o Osório Dutra e o Afonso Costa. Batemos papo. O Martins faz discursos. O Afonso me aproxima do Papa nas idéias contra o esporte. O Paulo distribui o *Caderno* nº 20. E anuncia que o 21 – o nosso, meu e do Edgar – já está comendo. Não poderia ter notícia melhor!”

E, continuando a ampliação do acervo de sua biblioteca, predominantemente composta por livros de assuntos jurídicos e políticos, encontramos este trecho que comenta a aquisição de vários livros peronistas que pertenciam anteriormente a sua sobrinha Anitinha e que lhe foram presenteados em setembro de 1954: “Trago, de presente, toda uma *biblioteca* peronista que deram a Anitinha quando de sua viagem à Argentina”.

Em diversos trechos coletados do diário percebemos a influência de seu pai em suas preocupações intelectuais e a importância fundamental da aquisição de livros relacionados ao seu trabalho. Trechos de setembro de 1954:

“Passo, depois, pela livraria do Carlinhos (Ribeiro). Ele me pede *O Hóspede*, de Papai. Para quê, não sei. Prometo levar-lh’o. Folheio a *Apresentação da Poesia Brasileira* de Manuel Bandeira. Papai foi friamente alijado. Confere. Da prosa, o Lobato (na antologia do Djacir). Da poesia, Papai. E, isso, uma publicação quase que oficial da Academia Brasileira!” (...). “No Conselho Penitenciário, às 2h, depois de correr várias livrarias à procura de um livro sobre “Inquéritos Administrativos”.

Esse breve apanhado de registros, referentes às leituras do jurista, concebem um indivíduo interessado nas questões políticas mais significativas de sua sociedade: a questão econômica e sua distribuição nas sociedades da época; as agremiações e sua função sócio-cultural; os órgãos de justiça e suas competências, entre outras. Seu diário, a partir de classificações de Calligaris, estaria mais caracterizado por ser um espaço de anotações no dia-a-dia sem a ambição de propor um padrão, ou então, um local de memórias, anotações dos fatos, sobretudo os acontecimentos externos, como para se lembrar do que aconteceu. Sendo assim, diário e memória social possuem um diálogo intrínseco. (CALLIGARIS, 1998, pág.46).

1.3 – FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: SELEÇÃO DE MEMÓRIAS.

O cotidiano do jurista está diretamente relacionado aos jornais e periódicos que lia vorazmente, todos os dias. Diante dessa enorme quantidade de anotações sobre notícias jornalísticas, ao redor de 1.500 no período de 1939 a 1945, me inclinei a selecionar as que comentam os principais fatos políticos da época que, do meu ponto de vista, foram a Segunda Guerra Mundial. A morte do Presidente Getúlio Vargas em 1954 foi extremamente relevante e teve que constar nesta pesquisa mesmo sendo posterior ao período de tempo selecionado.

A construção de uma nação ocidental, em alguns momentos históricos, e talvez ainda hoje, é gerada por uma simbiose entre os níveis científico, pedagógico, teórico e prático, segundo Pierre Nora. A memória e a história de uma nação ainda são fatores relacionados diretamente com a identidade da nação assim como as instituições que constituem a sua formação. Pierre Nora dedicou-se ao estudo desse processo de construção analisando períodos históricos cruciais da França. O que podemos observar é que a análise profunda de períodos históricos vai configurando inúmeras outras histórias esquecidas ou apagadas, daí a problematização do que “não existe mais” e a dificuldade em resgatá-lo. Observando a história da França, Pierre Nora demonstra que a História foi a legitimadora da nação no sentido de haver propiciado toda a formação da consciência nacionalista, organizando aquilo que devia ser lembrado, mas também aquilo que devia ser esquecido.(NORA, 1993).

O trabalho de Pierre Nora questiona exaustivamente o conceito de memória estudando várias categorias possíveis: a memória verdadeira do gesto e do hábito; as memórias de impregnação e os saberes reflexos; e a memória transformada por sua passagem em história. É interessante observar os muitos usos da memória, seus novos paradigmas e o conhecimento que ela nos transmite. O conhecimento, seja através da memória ou da história, abre uma possibilidade de se ter uma noção mais exata das coisas e nada melhor do que possuir o discernimento proveniente do conhecimento quando o assunto é a Memória Social, mas uma questão insiste em pairar sobre os que lidam com esse assunto: como administrá-lo de maneira eficaz? O autor esboça uma resposta a essa pergunta:

Não somente tudo guardar, tudo conservar dos sinais indicativos de memória, mesmo sem saber exatamente de que memória são indicadores. Mas produzir arquivo é o imperativo da época. Tem-se o exemplo perturbador com os arquivos de Segurança Nacional – soma documental sem equivalente, representando, hoje, trezentos quilômetros lineares, massa de memória bruta cujo inventário pelo computador permitiria, idealmente, ler tudo sobre o normal e sobre o patológico da sociedade, desde os regimes alimentares até os modos de vida, por regiões e por profissões, mas, ao mesmo tempo, massa cuja conservação, tanto quanto a exploração concebível demandariam escolhas drásticas e, portanto, impraticáveis. Arquive-se, arquive-se, sempre sobrar alguma coisa! (NORA, 1993, p. 33).

Trabalhar todo esse material arquivado pelas instituições e em coleções familiares é apenas um dos desafios da Memória e da História. Mas, indubitavelmente, não conservá-los poderia causar erros futuros⁴. Sendo assim, me dediquei a estudar, neste capítulo, estas anotações do diário de Carlos Sussekind de Mendonça referentes a períodos conturbados de nossa História.

Pensar sobre a força da coletividade na vida do jurista, por meio da agitação política que o cercava e a maneira pela qual ele processou essa memória recente e conturbada em seu diário, me pareceu útil para a reconstrução desses dois momentos históricos: o Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial e o impacto causado pela morte de Getúlio Vargas.

Depois de ler todas as notícias do dia, o jurista anotava suas observações sobre as que mais impressão lhe causaram ou colava o próprio artigo ou notícia que mais lhe interessou nas páginas do diário, arquivando-as. De acordo com Ângela de Castro Gomes o movimento acadêmico chamado “história social das idéias” tem um forte referencial antropológico e ao fazer o levantamento desse cotidiano pautado pela guerra e posteriormente, no caso do Getúlio, pelo jogo político onde no dia-a-dia vai sendo definido o rumo da nação brasileira, percebemos que o mundo sempre esteve sob o domínio de poucos pensadores e sob a fragilidade de suas inconstantes idéias. As elites culturais e sua dinâmica de sociabilidade estão retratadas nos trechos que foram transcritos do diário e que fazem parte deste capítulo. (GOMES, 1998).

4 O fato de certos grupos políticos queimarem o conteúdo de arquivos só confirma a necessidade de sua permanência. Em países onde governos ditatoriais imperaram durante muitos anos existe uma grande perda de documentos, o que dificulta a reconstrução do processo histórico dessas sociedades.

As transmissões radiofônicas também faziam parte do ritual noturno da vida dessa família carioca, seja em sua própria casa ou na casa de amigos e familiares. Entretanto, no ano de 1942 quando a Segunda Guerra Mundial estava alterando o panorama político de todos os países, percebemos que o cotidiano do jurista estava absolutamente impregnado pelas notícias detalhadas da guerra e suas conseqüências no Brasil, a ponto de afetá-lo emocionalmente. Podemos acompanhar nos trechos que transcrevi aqui as etapas da guerra de maneira minuciosa, como o faria um repórter de campo.

Outras notícias sobre assuntos culturais e gerais não tinham a mesma influência nele que as notícias da guerra neste período histórico.

Inicialmente separei um trecho do diário que comenta sobre as conseqüências das chuvas no Rio de Janeiro, notícia que me chamou atenção por ser ainda um problema atual em 2013. Nos outros trechos podemos observar aspectos da política brasileira em janeiro de 1942. É útil lembrar que em caso de guerra internacional mencionava-se a “quinta coluna” referindo-se a grupos clandestinos que atuavam dentro de um país, espionando, e no caso do Brasil estes seriam os fascistas brasileiros, como comenta o jurista:

Janeiro de 1942: “Os jornais noticiam inundações, desabamentos e até mortes na cidade. Foi o maior temporal que já desabou sobre o Rio. E nós tão alheios! Copacabana é, mesmo, uma estranha. Não é filha do Distrito Federal. Isso é mais oceano que cidade.” (...)

“Acordo cedo. Mas nada faço pela manhã. A missa do Tácito é às 9 e meia. Não dará tempo para nada. Limite-me a ler os jornais. A Conferência dos Chanceleres continua a absorver o noticiário. Nunca se viu o Brasil tão panamericano! Não creio, todavia, que se chegue a resolução alguma de caráter mais sério. Teremos, possivelmente, uma definição de atitudes. Diremos com mais ênfase a nossa solidariedade continental. Não romperemos, todavia, sequer as relações comerciais. E a 5ª Coluna continuará no Exército, na Marinha, na Polícia, na Justiça, na Imprensa. E os partidários da Democracia que se preparem para mais alguma perseguiçãozinha...”

“Depois do almoço, leio um pouco. O suplemento de *A Manhã* é consagrado ao Mário Alencar. Bem feito. Passo os olhos por outros jornais. Inclusive pela *Gazeta de Notícias* que me dei ao trabalho de comprar para tomar o pulso à imprensa nazista nessa hora de panamericanização. Profundamente cínica, como era de esperar. O Wladimir procura desculpar-se com seus patrões acerca dos deveres continentais do Brasil. O Bastos Tigre, seu triste companheiro de mercância germanófila, escreve sobre a insinceridade comunista pregando o desapego à riqueza e ao conforto. Que deplorável vendilhão!

Ainda bem que me chega pelo correio, para compensar essa miséria, o livro do J.G. de Araujo Jorge – o *Cântico do Homem Prisioneiro*. O rapaz soma as virtudes de excelente poeta às de ótimo pensador. O seu *Cântico dos Cânticos* é uma profissão de fé ateísta e de ardor liberal. Tem

rasgos de Junqueiro na anatematização do Fascismo e do conúbio clerical. Limpou-me a alma! (...) “Os jornais da tarde davam a delegação argentina como irreduzível em seu propósito de não romper com o Eixo. O rádio, porém, às 7 e meia da noite, noticiou a resolução unânime do rompimento. Cumpre, assim, a Conferência dos Chanceleres a sua principal finalidade. E ainda bem.

“Os jornais procuram fixar a emoção excepcional de ontem. Os telegramas trocados entre Aranha e Cordell Hull são significativos. As ameaças com que o Japão responde à nota de rompimento da Bolívia são ainda mais eloqüentes. Vamos ter tudo isso, com certeza. E não é impossível que a canalha integralista ainda ponha as manguinhas de fora. Já agora, entretanto, a união do continente representa uma garantia contra qualquer arreganho mais ousado.”

Neste outro trecho podemos acompanhar o surgimento da revista “Seleções” do Reader’s Digest no Brasil e o contínuo acompanhamento da Segunda Guerra Mundial onde observa-se sua opinião pessoal sobre esse momento histórico e muitos de seus protagonistas, entre eles Roosevelt:

Janeiro de 1942: “Volto para casa cedo, às 5 e pouco. No bonde, leio o primeiro número das *Seleções do Reader’s Digest* em português. É o mesmo texto das *Selecciones*. E o mesmo preço. Vingará? Leio, também, as *Diretrizes*. Interessante, o número de hoje. Leio, mais, um livro do Maurício de Medeiros – *Homens, Idéias e Fatos* – edição do Calvino, comprado no “Quaresma” por dois mil réis. Leio, finalmente, os jornais. O avião que levava a delegação argentina à conferência dos Chanceleres caiu no mar. Não morreu ninguém. Foi susto só. Duas notas valiosas, contudo: Roosevelt telegrafia em termos cordialíssimos ao Getúlio. E o Felinto Muller já baixou uma portaria ditando providências enérgicas contra as sociedades alemãs, japonesas e italianas. Mais uma vez, adesista, o canalha! E, como ele, certamente, todos os outros. Que fazer? Dignidade não se impõe. E voltar às fileiras depois de nove anos de prestígio político, de serviços à Gestapo e de verbas secretas – não deve ser muito agradável.

Janeiro de 1942: “Jantamos quase às 8 horas. Depois, ouvimos pelo rádio um resumo em espanhol do discurso de Hitler. Bem pouca coisa de maior. Uma estopada acerca do histórico do nacional-socialismo. Uma ironia muito insossa sobre Roosevelt. E comentários infinitamente cínicos sobre a campanha da Rússia. Em vez de explicar aos alemães porque não tomou Moscou, prefere achar que os russos estão muito morosos na reconquista do terreno perdido. De Londres, também, nada de novo. Confirma-se a queda de Benghazi e prepara-se a de Cingapura, noticiando-se que 100.000 japoneses avançam agora decididamente a menos de trinta quilômetros de suas defesas externas.

Oscila, assim, mais uma vez, o fiel da Guerra. Enquanto a Rússia mantém, sozinha, o saldo aliado, o Japão contrapesa a má sorte do Eixo com o primado absoluto do Pacífico. Na África, o vai e vem que favorecia os ingleses pende agora para os alemães. Da Itália e dos Estados Unidos é prudente, por ora, não falar...”

O hábito de ouvir o rádio depois do jantar aparece freqüentemente e destaco alguns exemplos que demonstram o horário noturno e o fato de sempre escutarem

reunidos em grupo, talvez por ser um modelo de aparelho de grande tamanho que permanecia no mesmo lugar, ou seja, não era portátil:

31 de janeiro de 1942: “Depois do jantar, ouvimos o rádio de Nova York e Londres. As notícias da África e da Ásia continuam péssimas. O avanço alemão na Cirenaica não parou em Benghazi. Prossegue ainda de maneira assustadora. Toda uma brigada britânica (na hora do revés deixa de ser britânica para tornar-se hindu) está ameaçando o cerco. Em Cingapura, os ingleses procuram resistir até que cheguem os reforços “que não de chegar”. O comando anuncia o término da luta na Malaia para ter início a batalha de Cingapura. Oxalá que... *God save the King*. Não tenho muitas esperanças.

Fevereiro de 1942: “No *O Jornal*, o Virgílinho Melo Franco escreve sobre “Stalin”. Incrível! O artigo é de elogio franco, desassombrado, louco. São dele trechos como este: “Tal como quase sempre sucedia, Lenine, com sua aguda visada, tinha razão”. E estes: “Falem, pois, de Stalin como quiserem os homens – os amigos com amor e os inimigos com ódio – porque todos o farão, daqui para o futuro, com o respeito e a admiração a que ele tem direito”. “O tzar vermelho levantou, pedra a pedra, a gigantesca fortaleza industrial e econômica que está quebrando os dentes ao poderio alemão”. É, ou não, um índice da “virada”? (...) A empresa de *A Noite* lançou o 2º número de *Síntese*, publicação no gênero do *Hoje* e do *Reader's Digest*. Está bem feita. Mas falta-lhe o que sobra naquelas – o espírito antifascista, sem o que nada interessa no momento.”

Ouviam a rádio de Londres:

Fevereiro de 1942: “À noite, jogo com o Caíco. Ouço a rádio de Londres. As notícias acerca do candidato democrata no Chile e da resistência norte-americana nas Filipinas e em Cingapura desanuviavam-se um pouco. Só assim consigo dormir antes das 11 horas.”

Mais detalhes sobre a grande guerra:

Fevereiro 1942: “De volta à casa, leio os jornais. A Guerra está no auge das contradições. A Líbia, que parecia uma vitória fácil para a Inglaterra, está se tornando um triunfo penoso, mas sólido, para a Alemanha. A Cirenaica, que Churchill proclamava estar incorporada ao Império Britânico, já se acha recuperada por Von Rommel. No Pacífico, os comunicados já cansaram de proclamar dispersões e destroçamento das investidas nipônicas. Agora, já confessam que Cingapura não é só a maior, mas a última base que resta aos Aliados. Se cair, adeus campanha! Só a Rússia, portanto, se mantém à tona do fracasso geral. E, assim mesmo, já começa a ser admitida a possibilidade de terminar o inverno sem que as tropas nazistas tenham sido expulsas do seu território. É o diabo!

Fevereiro de 1942: “Leio, às pressas, os jornais. A Guerra continua a pregar suas peças. Os russos já encontram maior resistência dos alemães no Norte. A Cirenaica já está quase inteira de novo nas mãos dos italianos e alemães. A situação no Pacífico está péssima. Discuto com o Fritz (Rego) e o Plínio. Acho que a opinião pública inglesa é capaz de dar com Churchill em terra. O desapontamento é grande. E o inverno está a se despedir...”

Entre uma batalha e outra relatada pelos jornais, o diarista comenta a guerra, não sem antes passar pelas livrarias em busca de novas publicações:

Fevereiro 1942: “Corro, ainda, as livrarias a bisbilhotar novidades. Nada encontro de maior. O carnaval afrouxa o empenho dos livreiros. Para que expor bons livros? Ninguém os comprará. Venho para casa cedo. No bonde, os jornais se incumbem de me tirar o bom humor. As notícias da Guerra são terríveis. Como se já não bastasse a queda de Cingapura e a perda de quase toda a Cirenaica, vem agora a primeira derrota naval da Inglaterra na própria Mancha! Três navios da esquadra alemã passam em frente a Dover e se recolhem tranqüilamente a Heligoland, abatendo quarenta e dois bombardeiros ingleses. É dantesco, isso. Quando se pense, então, que esses navios foram dados por inutilizados pela RAF, fica-se a matutar no que deve valer a “propaganda britânica” em todos os assuntos...

A guerra e sua influência no cotidiano e no emocional do jurista, causando temor sobre o futuro da humanidade:

Fevereiro de 1942: “Janto abalado. À noite, a B.B.C. confessa lealmente o fracasso. Mas, de que vale essa lealdade? Fora melhor que não tivesse o que confessar. Desligo o rádio, furioso e desconcertado. Vou levar Ana Maria. Converso com o Aloysio e o Edgar. O fracasso inglês reconcilia-nos. Inutilmente o otimismo de Edgar tenta diminuir o descalabro. Tememos, todos, seriamente, pela sorte do mundo.”

A Guerra chega ao Brasil e o diarista registra imediatamente:

Fevereiro de 1942: “Saio de casa às 11 e meia. A primeira edição dos jornais noticia ataques desfechados por submarinos do Eixo contra as costas da Venezuela. Imagino que deve ser essa a razão dos boatos do Mauro e do Plínio. Mas, antes de chegar à Procuradoria, ouço os garotos jornaleiros apregoarem uma edição extra. E, nesta, o torpedeamento de um navio brasileiro. O navio é, de fato, o “Buarque”. Diz a notícia que pereceu apenas uma pessoa “não identificada”. Já isso é profundamente estúpido. Por conta dessa não identificação intranqüilizam-se oitenta e nove famílias. Mais prático seria que uma só se acabrunhasse. O pior, porém, não está nisso. Está na covardia que o comunicado oficial revela. Dir-se-ia redigido pelo *Meio-Dia*. De fato, nem a nacionalidade do submarino atacante é declinada. Afundou o “Buarque”. Só. Por submarinos? Por aviões? Por acidente?

A livraria parecia ser o espaço de convívio, o ponto de encontro e de tertúlia. Conversando em uma livraria sobre os assuntos políticos dos jornais em 1942:

Numa roda da Livraria “Jacinto” alvitro a possibilidade de o Chefe de Polícia comunicar que o submarino foi o “Humaitá”, tripulado por comunistas brasileiros. Há quem ria. Mas há, também, quem me olhe atravessado. Ninguém se pode iludir. O Brasil está sem governo para as decisões

radicais que o momento nos exige. O nosso rompimento não foi um compromisso – foi um resgate. Ele representa tudo que podemos fazer. Não daremos mais um passo adiante. Mesmo que queira, o que não creio, o Getúlio não o fará. O militarismo, que nos empesta, não consente em que se faça mal aos seus patrões do Eixo. Enquanto se conservar o Dutra e o Guilhem nas pastas militares, o Campos na pasta principal do ministério, o Felinto Muller na Chefia da Polícia e o Góes Monteiro na chefia do Estado Maior, o Brasil estará vendido ao nazismo. E não temos, sequer, um Rui Barbosa, para anatematizar o conúbio indecoroso, como em 1914.”

Ainda em fevereiro de 1942 os jornais e a rádio de Montevideú noticiam a morte do escritor Stefan Zweig⁵, célebre autor austríaco de origem judaica que se refugiou no Brasil por causa das perseguições nazistas, onde escreveu “Brasil, país do futuro” . A notícia da morte transtorna o diarista que suspeita de uma ação nazista até saber da confirmação do suicídio. Ao mesmo tempo comenta o discurso proferido do presidente Roosevelt criticando o pensamento norte-americano em geral atribuindo-lhe características como ingenuidade, isolacionismo e exploração da liberdade de religião:

“À noite, logo depois do jantar, somos surpreendidos com a notícia da morte de Stefan Zweig. O laconismo da comunicação nos faz supor que se trate de uma safadeza nazista. Saio de casa indignado para desabafar com Mamãe. Digo vários improperios pelo telefone. Chego a pensar em me constituir auxiliar de acusação por parte da Academia Carioca para acompanhar o inquérito em Petrópolis, onde se deu a morte. Mais tarde, todavia, tudo se esclarece: foi suicídio. Dele e da mulher. Deixaram carta a respeito. Tudo foi providenciado na mais perfeita ordem. Ouço o esclarecimento pelo rádio de Montevideú. Às 11 horas da noite principia, também em Montevideú, a irradiação do discurso de Roosevelt. Transmissão péssima, constantemente interrompida. Pelo que pude ouvir, o discurso é fraco. Não é significativo. A mesma panacéia das evocações de Washington, da Declaração da Independência, etc. A insistência, já desnecessária, de que os Estados Unidos lutam pelas liberdades fundamentais. A exploração política de que uma dessas liberdades é a de religião. E, em meio a tudo isso, a ingenuidade de sempre, misturada ao camelotismo incurável do *yankee* — o apelo constante para que os ouvintes o acompanhassem de mapa-mundi aberto porque a guerra se estendia a todas as partes do mundo... Francamente! Deito-me tarde e decepcionado.”

A influência das notícias em seu cotidiano íntimo é evidente. O suicídio de Zweig o afeta profundamente ao ponto de perturbar seu descanso e provocar-lhe

5 Stefan Zweig (1881-1942) foi um escritor, biógrafo, dramaturgo e jornalista austríaco de origem judaica. Autor da célebre obra “Brasil, país do futuro” (1941) entre outras. (BONA, Dominique. Stefan Zweig, uma biografia. Editora Record, São Paulo, 1999).

insônia. Evidencia uma profunda análise psicológica da motivação do suicídio. Paralelamente o jurista interpreta politicamente o suicídio, especialmente a reação do regime, como um sintoma da mudança estratégica do governo Vargas afastando-se da Alemanha. Sendo assim, revela uma divisão interna do regime em que o segmento germanófilo está perdendo sua influência. No mesmo trecho o autor noticia sobre a organização do Congresso Nacional do Ministério Público do ano de 1942 destacando o debate sobre a atualização da codificação, elemento central da estrutura normativa jurídica do Estado. Entendendo o grau de exposição política que isto representa o jurista decide se abster de participar dos trabalhos :

“Durmo mal. Agitadíssimo. De madrugada, acordo e não insisto mais no sono. Fico na cama, matutando. Às 5 e meia levanto-me. Às 6 já estou na rua, em roupa de banho, à procura de jornais. A reportagem não deixa dúvida sobre o suicídio. A carta é bem dele. Mata-se porque não sabe viver no clima espiritual do mundo de hoje. A guerra esgotou-lhe as energias. E, sobretudo, a esperança de viver melhores dias. O suicídio se transforma, pois, em mais um autêntico assassinato do nazismo. Felizmente o Getúlio lembrou-se de fazer os funerais à custa do Governo Brasileiro. Foi mais um ato de divórcio com o Eixo. Se os cínicos auxiliares nazistas do seu governo ainda não se dão por achados é que têm mesmo a cara muito dura!

Os jornais noticiam que será em junho o Congresso Nacional do Ministério Público. O delineamento geral é bom mas a exequibilidade é duvidosa. Fala-se numa crítica "objetiva" aos novos Códigos. Isso é rolha e da boa. Depois, se fala no convite à comissão elaboradora dos Códigos para fazer parte da reunião. Mais: a presença de todos os Procuradores Gerais dos Estados. E ainda o da República, Livra! Abro mão da vontade de ir tomar parte nos trabalhos. Limitar-me-ei, se possível, a mandar alguma coisa por escrito. É mais prudente...”

Nesta observação de Carlos Sussekind de Mendonça sobre sua participação na criação da revista universitária *A Época*, ele revela seu passado como diretor em 1919 e percebe-se sua mágoa diante deste verdadeiro “apagamento de memória” que foi feito com ele significando uma verdadeira situação de banimento da história. O autor se assume explicitamente como intelectual de esquerda:

“Agosto de 1942: Leio nos jornais que amanhã se comemora o 36º aniversário de *A Época*, a mais antiga das revistas universitárias do Brasil. A relação dos diretores não menciona o meu nome. Só os do Tristão, do Serrano, do Filadelfo, do Oscar Saraiva... O horror ingênito aos intelectuais de esquerda! No entanto, há 23 anos, em 1919, eu imaginei reunir todos os diretores, chegando mesmo a iniciar a história da revista. Até quando continuaremos a ser proscritos na nossa própria terra?”

As seguintes transcrições são de um período histórico extremamente relevante mas que estaria fora do recorte dessa dissertação, o ano de 1954, quando ocorre a morte do Presidente Getúlio Vargas. Porém, pelo fato de termos analisado

o governo Vargas durante toda esta dissertação nos pareceu fundamental tratar do desfecho deste político que foi tão marcante durante o período da Segunda Guerra Mundial.

O envolvimento do jurista e de toda a população com os acontecimentos políticos relacionados à morte de Getúlio demonstram uma forte mobilização. Neste acontecimento específico da crise do governo de Getúlio que culminou com sua morte, a escrita pessoal do jurista transmite uma sensação de contato muito próximo com os personagens reais desse momento político. É como se a história estivesse, novamente, acontecendo diante de nossos olhos, o que torna a “história” mais viva e talvez propicie a “ilusão da verdade” que nos fala Ângela de Castro Gomes. (GOMES, 1998). A prova disto está no trecho sobre os dias que antecederam a morte de Getúlio Vargas e, fundamentalmente, no emotivo relato do dia de sua morte:

Em 22 de agosto de 1954 recebe o pagamento por um artigo escrito para o jornal *Gazeta Judiciária* e comenta a situação política. A tensão política do momento percebe-se claramente ao registrar a censura realizada pelo editor em forma preventiva por atingir os interesses da Embaixada Americana, e o autor do diário, compreensivamente, a aceita, respeitando os interesses do jornal. A campanha de boatos e desprestígio promovida pelas Forças Armadas, com destaque para a Aeronáutica, fica evidenciada, como também a atitude do “porta-voz oficial”, o Caiado de Castro de negar a gravidade da crise :

“O Rolando Pedreira me dá os 500\$000 do artigo de junho e o exemplar da *Gazeta*. Que torneios de frase para dizer que tomou a liberdade de cortar “o finalzinho” de um dos meus tópicos “muito contra a Embaixada Americana”, que justamente agora tomou várias assinaturas... Tranqüillizo-o: “Corte tudo o que julgar preciso. Você é o único juiz das conveniências do jornal”. E é mesmo.

A conversa obrigatória é a agravação seríssima da situação política. O tumor está a furo para ser lancetado. Voltou a prontidão para as classes armadas. Espera-se, hoje, uma reunião decisiva da Aeronáutica. (...) O Edgar me diz que, pelo rádio, os militares estavam divulgando notas sensacionais sobre a situação. Apressei-me em ligar o receptor. Mas o que ouvi foi muito pouco – só o Caiado de Castro pretendendo desmentir a onda de boatos espalhados, para afirmar que “no Palácio reinava absoluta calma” e que o Governo estava disposto “a defender, a qualquer preço, intransigentemente, o mandado que lhe outorgara o povo”.

Em 23 de agosto de 1954, véspera da morte de Getúlio, descreve a agitação das Forças Armadas e identifica os representantes de cada uma delas na Junta Governativa. A cena dos jardins do Palácio do Catete iluminados como se fosse de dia é cinematográfica e parece anteciper o desfecho do golpe. A justificativa deste golpe de Estado muda do crime da rua Toneleros para a denúncia da corrupção generalizada que envolve o próprio Getúlio. A única crítica ao golpe que é resgatada é a do Prestes que se apresenta de forma premonitória:

“Durmo bem, sem qualquer calmante. Ainda a tempo de isolar, em cima do último minuto, o despertador. Barbeio-me. Tomo o meu banho. Tomo o meu café (pequeno, com pão preto). E vou ouvir o rádio nos seus primeiros comunicados. Continua a agitação militar. Os generais se agitam pela madrugada adentro. Os holofotes iluminam permanentemente o jardim do Palácio do Catete, por onde trafegam viaturas como se fosse dia... E o paspalhão do Caiado de Castro a dizer “tudo em calma”!

O “golpe” já está a dois passos. Já agora, ninguém mais se ilude. A Aeronáutica já tem seu representante na Junta Governativa: é o Eduardo Gomes; o Exército, o Juarez; a Marinha, o Moniz Freire. E o Zenóbio? Ficarà sobrando?

O crime da rua Toneleros já passou para o segundo plano. Não interessam mais os pistoleiros e os mandantes. O que interessa é a corrupção que as diligências revelaram. É o tumor dos Gregórios, dispendo de fortunas à sombra do Catete, com franca participação dos Vargas de todas as categorias.

A morte do major Rubens valeu para interessar as Classes Armadas na solução da crise. Sem ela, o Carlos Lacerda continuaria falando sozinho. Com possível êxito pessoal nas eleições de outubro. E tal ou qual repercussão no Congresso. Mas só. Ora, ninguém tem dúvida de que era preciso mais.

Só os meus amigos – os comunistas – não querem enxergar essa verdade comezinha.

Está certo que Prestes advirta contra o perigo que se encerra num “golpe” militar. Sabemos, todos, disso. Atrás da derrubada – que se justifica – virá todo um conjunto de assaltos às liberdades públicas que culminarão com fascistadas piores do que o Estado Novo. Nisso, ele está certo.”

O diário registra o papel do Rádio na transmissão das notícias políticas, das contradições e da luta pelo poder. Ouvindo o Rádio em 23 de agosto:

“O golpe mais espetacular, porém, quem o dá é o Café Filho, comunicando ao Senado que – já que o Getúlio se obstina em ficar – ele renuncia à vice-presidência! O efeito, no Senado, é enorme!

Tenho a impressão de que o espertalhão se limpa, assim, com as Classes Armadas. Já agora, quando o Getúlio renunciar, os militares já aceitarão que ele o substitua.

Na esperança de que o Carlos Lacerda ainda fale, ficamos ouvindo rádio até meia-noite.”

O telefone também tem função importante na troca de informação, fazendo ponte com o rádio. Em 24 de agosto de 1954, escreve:

“A noite foi cruel, como era de esperar. Durmo pesadamente até as 4 horas. Aí, o telefone toca. É Aloysio. Manda que Gilda ligue o rádio. Salto da cama e o faço imediatamente.

Já há mais de uma estação no ar. Mas tudo quanto divulgam é que Getúlio se obstina em não renunciar.

Há qualquer coisa de patético nessa recusa. Sua obstinação encerra algo de impressionante nessa hora.

Aloysio telefona outra vez. Dá a renúncia como certa. Mas o rádio ainda não a confirma. Fala em “licença por 90 dias”. Mas dá logo a licença como “desaprovada” pelos militares.

Afinal, às 5h, veio a “renúncia”!

Os locutores adiantam que o Getúlio se apresenta calmo, “vestido à gaúcha”. O Café Filho já foi chamado e estava a caminho do Catete. E o rádio não cala mais. Comunicados, músicas, entrevistas. (...)

(...)Quando desço o elevador, o ascensorista me diz que o Getúlio se suicidou. Rio-me da pilhéria. Mas a expressão do pobre homem é de profunda mágoa. “Foi demais, seu doutor! Homem nenhum resistiria a tanto insulto!” Fiquei impressionado.

Na rua, as fisionomias se mostram todas tristes. Todas! Os rádios já estão divulgando a notícia. Então, é verdade!

Entro numa leiteria para me alimentar e não contendo as lágrimas. Disfarço-as como posso. Mas elas me atraíam. Que fazer?

Não devia nada ao Getúlio. Só a nomeação inicial – por concurso, aliás. Depois, todas as promoções foram “choradas”. A última, foi do Linhares, e não dele.

Mas a sua figura me inspirava simpatia.

E, ontem, quando os rádios noticiavam o seu sofrimento *sozinho*, sem nenhuma pessoa de sua família, nem mulher, nem filhos – toda a raiva que ultimamente sentia por ele, desejando-lhe a queda, se transformou em comiseração sincera.

Imagino-o no momento final – no instante em que se decidiu ao gesto e empunhou o revólver, apontando-o para o coração.

Aos 70 anos de idade, é preciso que se tenha muita força, muita energia, para praticar um ato desses.

E a carta que deixou? Não pude ouvi-la toda, pelo rádio. Mas o que consegui escutar revelou-me o bastante para identificar a sua fibra.

Hei de guardá-la, aqui, numa última homenagem.que, sem constrangimento algum, lhe presto.

A ele ainda consagro toda a página fronteira (retrato colado à pág.129, vol.65, do Diário manuscrito). É a mais recente de suas fotografias que possuo. A que figurou no frontispício d’ *A Campanha Presidencial*. É de 1950. Calma. Sem pose. Natural. Cheia de simpatia e de irradiação espiritual.”

Esses apanhados servem como uma síntese subjetiva e de uma certa forma “invisível”, por estarem guardados em um diário privado, dos acontecimentos da Segunda Guerra e da morte de Getúlio Vargas. Podemos dizer que o diário é um testemunho museológico de um tempo e de uma sociedade que não existe mais em sua totalidade, mas que deixou vestígios, registros e permanece impregnado em nossa contemporaneidade. Em 2013 podemos obter uma maior “consciência historiográfica” abordando um número cada vez maior de fontes. O diário desse

intelectual carioca carrega uma série de informações peculiares, o que o torna uma fonte para os pesquisadores⁶.

Lembrando que certos autores, como Berger e Luckmann, apontam que a noção de realidade é construída socialmente e a sociologia do conhecimento deve analisar o processo em que este fato ocorre, relaciono aqui essa idéia com o recente crescimento das pesquisas científicas que utilizam a categoria diário pessoal como ferramenta para a edificação da historiografia social, mais especificamente a memória individual refletida na memória coletiva e vice-versa, aquilo que os historiadores franceses chamam de “fontes privadas”. Mais uma vez evidencia-se a necessidade de investigar o passado de maneira mais criativa e estabelecer uma relação com o presente para que a “história-realidade” seja cada vez mais “espontânea e verdadeira”, dentro do possível, ao invés de manipulada e construída em arquivos à mercê de políticas institucionais.

De acordo com Pierre Nora, “a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo”. Grupos políticos, movimentos intelectuais e artísticos ou outros segmentos estão cada vez mais conscientes dessa capacidade de criar-se e recriar-se através de auto-atribuições de valores. Aos poucos a história que vai sendo formada é extremamente racional e conduzida. Isso é percebido na utilização de gigantescas campanhas publicitárias dos partidos políticos do ocidente – a identidade pré-construída segundo Pollak – e na midiaticização geral da cultura. Talvez seja esse aspecto do nosso momento histórico que solicita essa grande demanda de pesquisas sobre os discursos do passado. A retórica faz parte da cultura ocidental desde o período romano, mas seu culto e sua utilização na atualidade está atingindo um ápice. A “história da memória” parece ser uma reação a toda essa mercantilização do uso da memória. Porém, nessa discreta fonte privada do passado, o diário, a história parece estar menos contaminada

6 A pesquisadora Ângela de Castro Gomes analisa em seu artigo “Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso da festa”, o espaço e o clima em que se moviam os intelectuais cariocas da primeira metade do séc. XX, configurando assim um panorama sócio-político-cultural da cidade do Rio de Janeiro.

por abrangentes pressões de grupos políticos e aparece apenas como a visão individual do diarista.(NORA, 1993).

A memória e a história de uma nação ainda são fatores relacionados diretamente com a identidade da nação assim como as instituições que constituem a sua formação. É interessante observar que a análise profunda de determinados momentos históricos vai configurando inúmeras outras histórias esquecidas ou apagadas. Surge então a necessidade de recorrer a fontes alternativas para compor esse mosaico histórico. (NORA, 1993).

No Brasil, grandes mudanças institucionais foram verificadas a partir do século XX. Renato Ortiz em seu ensaio “Cultura Brasileira e Identidade Nacional” destaca a questão da pluralidade de identidades em nosso país e sua construção cultural, que está diretamente relacionada à construção do Estado Brasileiro. Essa enorme diversidade de grupos sociais e suas respectivas culturas foi reinterpretada, a partir das últimas décadas, e as instituições contemporâneas estão absorvendo essa nova mentalidade. (ORTIZ, 2006).

O passado dos anos 1940 a 1945 e seu retorno/recuperação ao presente por meio da investigação de fontes privadas como o diário do jurista traz interessantes questões que ainda sobrevivem em alguns segmentos de nossa sociedade atual. De uma certa forma o passado está sempre presente na vida dos grandes centros urbanos. A cidade do Rio de Janeiro é uma das grandes protagonistas do diário do jurista carioca, palco dos acontecimentos políticos que mobilizavam todo o país, como a morte de Getúlio Vargas que acabamos de rememorar neste capítulo. Em um primeiro olhar, no aspecto geral do diário, muito do que aparece em suas páginas escritas em 1940 é possível de ser encontrado sessenta anos depois. Porém, o que vai se descortinando com o tempo – a distância temporal nos faz contemplar melhor – são os preconceitos, as idéias de classe, a escassez de recursos existentes, a pouca industrialização da vida, a mudança das mentalidades, o jogo político, a violência urbana da época, os movimentos sociais, as reivindicações trabalhistas, feministas, artísticas e a ausência de certas questões atuais do século XXI como a preservação do meio ambiente e de nosso patrimônio natural. No caso específico do diário pessoal do jurista, conservado muitos anos após a morte de seu autor, essa influência do passado no presente, analisada por

Pollak em seus estudos, estimula a reavaliação de uma série de valores e condutas que foram adotados por gerações seguintes. (POLLAK, 1982).

Pollak sinaliza que a memória é extremamente importante na continuidade e na coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si e aponta os conflitos oriundos, por exemplo, de certas reconstruções de memória de organizações políticas.

Ou seja, a possibilidade de um acesso científico ao diário do jurista faz com que o reconhecimento desse processo de transferência de valores descrito por Pollak seja classificado metodologicamente, recebendo um tratamento focado nas ciências humanas, não apenas dentro da influência percebida nos grupos familiares, mas aplicado em diversos grupos que transitam pelas páginas do diário, como veremos nos próximos capítulos.

A escrita de um diário pessoal envolve uma série de escolhas e decisões. Este processo cotidiano de recolher fatos e pessoas e reagrupá-los por meio da escrita em páginas de um caderno, pode ser repleto de significados subjetivos. Um homem nascido no final do séc. XIX (1899) senta-se diariamente em sua escrivaninha e decide relatar seus dias e preenche, aproximadamente, 80 cadernos ao longo de sua vida. Cadernos pautados e escritos, inicialmente, à pena, posteriormente com caneta-tinteiro. Após a sua morte esse registro torna-se documental, legitimado pelo próprio tempo que transforma os homens e vice-versa, tornando a realidade contemporânea de 2013 extremamente divergente da realidade retratada no diário.

Em uma primeira leitura, para nós, leitores de outra época, o diário talvez nos pareça algo simplesmente factual e cronológico. Depois, mais atentamente, percebemos que os valores de seu tempo, sua gente, e seu país, formam um emaranhado cultural único e profundamente pessoal. O narrador solitário ao encarar a folha de papel em branco aciona sua memória recente, estimula o seu inconsciente com a tarefa de escrever e começa a recompor/recuperar o seu dia. A partir daí, a suposta “verdade” ou as “impressões” sobre os acontecimentos vividos – entre outros elementos identificados por diversos teóricos – nesse determinado dia, pelo autor, irão aflorar em seu texto e o subjetivismo conduzirá a criação literária desta narrativa diária. Este diário específico do jurista Carlos Sussekind foi utilizado – teve diversos trechos transcritos – na criação literária de dois romances brasileiros:

“Armadilha para Lamartine” e “Que pensam vocês que ele fez?”, por seu filho Carlos Sussekind de Mendonça Filho.

Mas, envolvendo todo esse relato escrito, encontra-se de maneira onipresente a memória social do grupo ao qual pertence o diarista. E a forma como “o outro”, seja ele um indivíduo ou um grupo específico, aparece descrito nesta narrativa diarística, sua influência e sua fusão com o diarista, me parece ser uma questão fundamental neste trabalho e será desenvolvida nos próximos capítulos.

O autor do diário quando narra suas memórias costuma fazer comparações históricas entre um fato atual e outro antigo. Certos acontecimentos políticos e sociais vão pautando a sua escrita. Diversos protagonistas da história mundial são descritos em suas páginas como Churchill e Roosevelt, por exemplo. Dentro destas e outras tensões, o texto geral do diário vai se configurando não apenas como um detalhamento das guerras ocorridas e das mudanças políticas da sociedade brasileira. Ele vai além, estabelece ligações, vislumbra reflexões e aprofunda-se nas questões que dizem respeito à mentalidade vigente em sua época. Pondera sobre o socialismo, os países capitalistas e a situação geral.

Por outro lado – isso é apenas um ponto de vista meu – o diário poderia ser observado, também, como uma tese de defesa sobre a vida do próprio autor. Nele encontramos uma exposição de fatos e sentimentos que se assemelham a um processo dialético. Seria essa a intenção subjetiva mais profunda do autor? Nele o jurista argumenta a seu favor e se defende dos outros e das adversidades da vida manifestando sua indignação e seu repúdio com as injustiças sociais, em geral, com a política e com os conflitos familiares dentro do pequeno contexto de seu núcleo. Podemos observar isso nos exemplos abaixo transcritos do diário:

“1 de março de 1950, quarta.

Levanto-me às 7 e meia. Os jornais não trazem grandes novidades internacionais. Apenas uma *blague* evidente – a notícia de que se cogita dar o Prêmio Nobel da Paz a Truman, Marshall ou Churchill. Que Deus perdoe a Civilização Cristã por mais essa heresia!”.

Trabalhar com o campo da Memória Social faz com que o exercício de comparação de ideias entre os diversos autores, especialistas no assunto, seja amplo, e por isso, percebemos, na maioria dos tratados teóricos sobre o assunto, que a idéia de construção e direcionamento de determinadas memórias sociais está

presente, como nos estudos de Wehling, Pierre Nora e José Reginaldo Santos Gonçalves, apenas para citar alguns exemplos. Isto significa que a facilidade com que determinadas memórias vão sendo criadas e objetificadas de acordo com as necessidades do Estado, ou de certos grupos, é evidente. Instituir uma memória ou uma tradição seria criar e fundamentar algo que estaria nascendo da vontade de um grupo e por essa razão seria algo previamente manipulado/elaborado exclusivamente por esse restrito número de pessoas. Por isso torna-se interessante pesquisar um diário privado que mapeia os acontecimentos políticos e a movimentação desses grupos com a distância de um expectador que, apesar de ser um funcionário público do Estado e ter suas preferências políticas, não atua no processo da derrubada política de Getúlio Vargas, por exemplo, apenas acompanha passo a passo o seu desfecho.

Desta forma, o autor incorpora em seu diário um conjunto de temas de interesse para o que se convencionou denominar como antropologia do cotidiano: as visitas às livrarias, os espaços de convivência, a audiência familiar do noticiário dos rádios, as relações e formas de sociabilidade, as experiências estéticas e políticas, a violência urbana, o surgimento de edifícios ameaçando as antigas casas com seus quintais, o deslocamento no espaço da cidade, enfim, um conjunto de experiências vividas e compartilhadas que nos revelam as formas de olhar a vida e de entender as razões e emoções que a alimentam, úteis para discutir os processos de construção da identidade social. José Reginaldo postula que o deslocamento de objetos materiais do cotidiano para o espaço dos museus e arquivos pressupõe uma categoria fundamental: o colecionismo. (GONÇALVES, 2007). De igual forma, talvez seja correto falar de coleções de narrativas quando o registro do cotidiano é deslocado para um diário. Podemos acompanhar este processo destacando os registros do diário durante a Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO II

GUERRA É GUERRA: O MUNDO EM CHAMAS

“1 de junho de 1942. (...) À noite, vou, com Gilda, ao cinema “Americano”. Vamos ver O mundo em chamas e um filme com Bing Crosby. Impressionante, a documentação do primeiro. Dormimos à meia-noite.”

2.1. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial foi o conflito bélico global mais violento do século XX. Foi extremamente cruel – utilizando a primeira bomba nuclear – e absolutamente desprovido de grandes inteligências diplomáticas que soubessem solucionar este conflito de forma pacífica. Houve momentos em que a população mundial chegou a temer pelo fim da Humanidade. O permanente estudo sobre a Segunda Guerra Mundial busca entender a sociedade humana em toda a sua complexidade, embora dificilmente isso seja possível, pois a realidade da guerra supera a ficção e os estudos científicos. A Segunda Guerra Mundial continua sendo um tema profundamente pesquisado e discutido. Ainda existem lacunas que poderão ser vislumbradas sob maiores perspectivas e ângulos pelos historiadores, memorialistas e estudiosos do assunto.

O século XX foi marcado profundamente pelas guerras. Na prática, pode-se dizer que foram 31 anos de guerra mundial começando pelo conflito de 1914 que culminou na Primeira Grande Guerra, a qual teve a participação das grandes potências mundiais e de quase todos os países europeus. A Segunda Guerra Mundial causou uma enorme devastação no nosso planeta. A intensificação de todos estes problemas arrastou milhões de pessoas para a morte e esse genocídio seguido pela destruição de patrimônios culturais, arquitetônicos e naturais, nos impressiona até hoje. Por ter uma extensão territorial tão grande foi considerada

uma aula de geografia do mundo através de sua cobertura nos meios radiofônicos e na imprensa em geral. (HOBBSAWM, 1994).

Nesta dissertação, ao abordar o tema da Segunda Guerra e seus aspectos sócio-culturais em um determinado grupo social carioca dos anos 1940, iniciamos um diálogo com alguns autores clássicos e contemporâneos e pretendemos desenvolver neste capítulo um discurso sobre alguns temas que parecem estar sempre presentes em todas as civilizações de todas as épocas: a questão da hegemonia, as guerras entre os povos, a busca eterna pelo domínio econômico-cultural, pela aquisição de novos territórios, de novos recursos naturais, mas, principalmente o uso da força e da violência até as últimas conseqüências para a obtenção do que se quer. Essas são as características essenciais da ação do ser humano atual e de outros tempos. Embora o discurso chamado de “politicamente correto” que vigora na mídia e nos ambientes acadêmicos seja contrário a essa prática do uso da violência como recurso político-social é inútil negar que a sociedade permanece pautada por essa conduta e que isso constitui a natureza da sociedade humana.

Sobre a violência de um mundo governado por homens propensos à guerra, nos pareceu relevante o que dizia John Locke no século XVII⁷:

“Se não se quer dar motivo a que se pense que os governantes deste mundo são apenas o produto da força e da violência e que os homens apenas vivem juntos segundo as regras que vigoram entre os animais selvagens – em que o mais forte é quem leva a melhor – e se não se quer, portanto, assim semear os germes de uma discórdia eterna, de palavras, de tumultos, de sedições e de rebeliões (...) é preciso encontrar necessariamente um outro modo de nascimento para o governo...” (LOCKE, 2006).

Para acompanhar as anotações do diário de Carlos Sussekind sobre a Guerra é interessante contextualizar o conflito na Europa e destacar seus reflexos no Brasil.

A Alemanha nazista tinha a ambição de criar um grande e poderoso império cujo território unisse a Alemanha e o leste da Europa em um só país, um “espaço vital” (*Lebensraum*) que garantisse o crescimento populacional e econômico do povo

7 Ver LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo Civil. Editora Vozes, 4a edição, 2006.

germânico ampliando o acesso a novos recursos naturais, principalmente ao carvão. E tal império, na visão germânica, só poderia ser obtido por meio da guerra.

A absurda propaganda nazista convenceu o povo alemão de que o caminho para seu destino de glória e prosperidade fundamentava-se na pureza de sua raça aariana e no legítimo extermínio de todos aqueles que ameaçassem esse objetivo. Os grupos minoritários como os judeus, os ciganos, os homossexuais e os militantes comunistas eram considerados responsáveis pelas desgraças que afetavam a nação germânica, devendo ser removidos ou eliminados.

Considera-se o marco inicial da Segunda Guerra a invasão da Polônia pelos alemães em 1º de setembro de 1939. Logo após esse acontecimento, França e Inglaterra declaram guerra à Alemanha. Este conflito mundial envolveu grande parte das nações do mundo divididas em dois blocos. De um lado os países do “Eixo”, liderados pela Alemanha, Itália e Japão, potências com governos fortemente autoritários e militarizados. E do outro, os “Aliados”, comandados principalmente pelos Estados Unidos, Inglaterra, França e posteriormente a União Soviética.

Inicialmente a Alemanha assegurou a neutralidade com a União Soviética através do “Pacto de não-agressão germano-soviético” em agosto de 1939. Sendo assim a Polônia foi derrotada por forças alemãs e soviéticas, e teve seu território dividido entre a Alemanha nazista e a União Soviética. Em uma fase seguinte a Alemanha conquista diversos países: Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e finalmente a França. No dia 22 de junho de 1940 franceses colaboracionistas assinaram um tratado de cessar-fogo com a Alemanha criando um regime pró-nazista no sul da França, na cidade de Vichy. Em 1940 a União Soviética ocupou os países bálticos – Lituânia, Letônia e Estônia – ainda com o apoio bélico dos alemães. A Itália, liderada por Benito Mussolini, aderiu à guerra em 10 de junho de 1940 aliando-se com a Alemanha. Entre julho e outubro deste ano ocorreu a “Batalha da Inglaterra” com ataques aéreos sistemáticos da Alemanha sobre a Inglaterra. Apesar da destruição provocada pelos bombardeios às cidades inglesas a vitória final foi da Inglaterra. Surpreendentemente, em um golpe baixo estratégico, em junho de 1941 os alemães invadiram a União Soviética violando diretamente o “Pacto de não agressão germano-soviético” e dominaram também os países bálticos. A partir deste momento Stalin, representando a União Soviética, tornou-se um dos “Aliados”, opondo-se à Alemanha nazista. Quando o Japão atacou a base

naval americana de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos entraram definitivamente na Segunda Guerra tornando-a uma guerra intercontinental⁸.

Depois de sucessivas batalhas entre o “Eixo” e os “Aliados” nos diversos continentes, a guerra terminou em 1945 com a ocupação de Berlim, o suicídio de Hitler e a consequente vitória dos “Aliados”. No final da Guerra ocorreram os únicos ataques nucleares da história mundial. As bombas transportadas pela força aérea norte-americana caíram no Japão, sob a ordem do presidente americano Harry S. Truman, nos dias 6 e 9 de agosto de 1945. A bomba atômica “Little Boy” caiu sobre a cidade de Hiroshima e a bomba “Fat Man” sobre Nagasaki obrigando o Japão a reconhecer sua derrota por meio da própria fala do imperador Hiroito, até então considerado um “deus vivo”, em uma transmissão de rádio ao povo japonês.

Após o término da Guerra foi estabelecida, então, a Organização das Nações Unidas (ONU) com a finalidade de evitar futuros conflitos bélicos e manter a paz mundial. O sistema da organização da ONU nasce com a Carta de São Francisco (1945) em cuja elaboração destaca-se o papel do Brasil liderado pelo chanceler Oswaldo Aranha, chefe da delegação brasileira na recém-criada ONU. Ele também presidiria a II Assembléia Geral da ONU que votou o Plano da ONU para a participação da Palestina em 1947 dando origem a criação do Estado de Israel, fato que rendeu a Aranha o respeito e a gratidão dos judeus e sionistas por sua atuação. Entretanto, neste período, duas potências mundiais tornaram-se rivais: Estados Unidos e União Soviética, dando início a uma guerra fria.

Sobre os crimes praticados na Segunda Guerra – sendo que os mais conhecidos foram o genocídio de grande parte do povo judeu-europeu e de alguns grupos do povo cigano – instituíram-se cortes judiciais internacionais e nacionais (Alemanha) no final da guerra, para uma possível obtenção de justiça tardia, dentro do parâmetro das leis criadas pelos homens, mas que raramente são respeitadas, pois o poder econômico continua a ser a forma mais atuante de poder, ainda na atualidade. Prova disso é que diversos ex-nazistas continuaram ocupando cargos de grande destaque em toda a Europa após a guerra. Observa-se também que a “Solução Final” adotada pelos nazistas e que consistia no assassinato sistêmico de pessoas “indesejadas” pelo governo – no caso judeus, comunistas e outros, inclusive

8 Ver na internet a Enciclopédia do Holocausto: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article>

os doentes mentais – ainda não desapareceu do cenário político mundial como constatamos nos noticiários recentes sobre os crimes que ocorreram na ex-Iugoslávia, Ruanda, Iraque e Timor Leste. Sendo que a tortura e a prisão ilegal continuam institucionalizadas na base americana de Guantánamo como vem sendo denunciado, permanentemente, por diversas organizações internacionais de direitos humanos.

É interessante notar o processo de transformação pelo qual está passando o conceito que dissocia as leis em relação ao valor da justiça. Existe uma noção clara e um reconhecimento, atualmente, de que está ocorrendo um afastamento progressivo dos parâmetros da legalidade em relação à justiça. Pois a lei exprime cada vez menos o valor de justiça ao preocupar-se mais com as normas formais de controle, organização e ordem, e menos com os Direitos Fundamentais. Cada vez mais se evidencia que os excessos de normas processuais terminam prevalecendo sobre o valor essencial da justiça. Tribunais internacionais como os de Nuremberg e Tóquio tentaram, ainda que retroativamente, realizar o valor justiça focado na questão dos Direitos Humanos, também chamados Direitos Fundamentais, condenando alguns dos principais líderes nazistas e líderes do Império japonês. Porém, a grande maioria permaneceu livre, ou com penas leves, e muitas vezes conseguiu emigrar para países distantes, principalmente da América Latina (WARAT, 1995). Como o autor do diário era um jurista me parece relevante observar esse aspecto⁹.

Um caso que exemplifica esta questão seria o julgamento do nazista Eichmann que havia se refugiado na Argentina em 1945 com o auxílio da ODESSA (Organização de ex-membros da SS que auxiliava nazistas) e fora capturado pelo governo de Israel (pelo MOSSAD, Serviço Secreto Israelense) e levado a julgamento pelo Tribunal de Jerusalém em 1960:

“O julgamento de Eichmann era uma questão política, que envolveu o Governo do Estado de Israel, especificamente o Primeiro Ministro Ben-Gurion, que desejava ter um nazista julgado em público, perante um tribunal de Judeus, pelos crimes cometidos contra a humanidade durante a Segunda Guerra Mundial. Desejava, ainda o Primeiro Ministro israelense que, a partir de então, outros criminosos nazistas fossem encontrados, desentocados e, posteriormente, julgados. (...) Sob este aspecto, o

9 Ver Warat, Luis Alberto. Introdução ao Direito II, a epistemologia jurídica da modernidade. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris editor, 1995).

juízo de Eichmann fora bem sucedido, posto que em função deste, uma série de nazistas e as histórias dos seus crimes, foram revelados com os conseqüentes julgamentos (muito embora, a maioria daqueles nazistas que foram desentocados na Europa, tivessem penas brandas, em função da passagem do tempo – prescrição – e também, pelo fato de que muitos ex-nazistas ocupavam cargos de destaque na sociedade européia – sejam em cargos de governo, sejam em funções privadas – nos anos 1960).” (MIRANDA, 2012)

A filósofa política Hannah Arendt estudou o caso Eichmann e elaborou o conceito de “banalidade do mal ou banalização do mal” após o julgamento deste criminoso de guerra.¹⁰

O Brasil participou na Segunda Guerra Mundial, junto dos Aliados, apesar de que naquele momento estivesse sendo dirigido por um regime político ditatorial e simpatizante do fascismo – o Estado Novo de Getúlio Vargas. Alguns incidentes diplomáticos ocorreram antes de Vargas se posicionar na Guerra, como a interceptação feita pelos ingleses em 26 de setembro de 1940 de um navio brasileiro que trazia armas alemãs para o Brasil, o que vai merecer um registro carregado de ironia no diário de Sussekind. Durante os dois primeiros anos da Guerra o Brasil esteve indeciso e negociou abertamente com a Alemanha e com os Estados Unidos. Finalmente, após o ataque japonês à Pearl Harbor, em dezembro de 1941, o governo brasileiro declarou sua solidariedade aos norte-americanos.

Os Estados Unidos através da política de boa vizinhança praticada pelo então presidente Roosevelt e por meio do financiamento da construção de uma enorme siderúrgica, a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) obteve a aliança com o Brasil. Em 31 de agosto de 1942 o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, inclusive porque houve uma grande pressão para que isso acontecesse por parte da União Nacional de Estudantes (UNE) e de outros milhares de manifestantes populares que tomaram as ruas exigindo que o Brasil se posicionasse do lado dos Aliados. Ainda no ano de 1942, devido a forte pressão diplomática e aos permanentes incentivos econômicos, os norte-americanos instalaram bases aeronavais ao longo da costa Norte-Nordeste brasileira. O Brasil também se comprometeu com os Estados Unidos a enviar uma força expedicionária de combatentes para a Europa e cumpriu. A mais

¹⁰ Ver : ARENDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999).

importante das bases navais estava localizada no estado do Rio Grande do Norte. A partir da diminuição da força italiana em fins de 1943 e do empobrecimento da campanha submarina alemã, as bases americanas em território brasileiro foram sendo desativadas ao longo de 1944-45, apesar de que na base da ilha de Fernando de Noronha os norte-americanos permaneceram até 1960.

Entretanto, a participação do Brasil na guerra contribuiu para a desarticulação do regime do Estado Novo de Getúlio Vargas. A questão polêmica que rondava o ambiente político era “Como defender a democracia lá fora e manter a ditadura aqui dentro?”. Em outubro de 1945, um golpe de Estado afastou Getúlio Vargas do Poder. Era o final do Estado Novo. A população carioca acompanhava constantemente pelo rádio e pelo noticiário projetado nas sessões de cinema todas as notícias sobre a Segunda Guerra Mundial. (NOSSO SÉCULO, 1980)¹¹.

O diário do jurista registra os dias em que ocorreram os acontecimentos marcantes da Segunda Guerra. Alguns desses dias foram selecionados no texto desta dissertação para termos uma reconstrução subjetiva, pois trata-se de um diário pessoal, do imaginário desse período. Essa narrativa de tempo vem permeada de comentários íntimos, pois o autor guardava seu diário em um local inacessível para os outros e se permitia escrever com liberdade. O interessante é que os fatos são relatados no próprio dia, a poucas horas de seu acontecimento, o que reduz o processo de elaboração da memória e do nível intermediário entre tempo e narrativa. Sendo assim, supomos que o “esquecimento” de certos fatos ou aspectos das situações ficaria amenizado ou diminuído neste relato diário, sofrendo menos “abusos”. O “abuso” seria uma manipulação concertada da memória e do esquecimento pela classe dominante, poder político e econômico. O estágio de “busca da lembrança” – ação de resgatar o acontecimento por meio de esforço e conjecturas – estaria muito próximo do momento em que ocorreu a ação. (RICOEUR, 2007).

Essa representação do tempo da Segunda Guerra Mundial aparece aqui através das informações que o jurista vivenciava no calor da conjuntura dos fatos. Por ser um jurista e um escritor isto determina o modo de pensar dele e a forma de

11 Ver Nosso Século, 1930/1945. A Era Vargas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

selecionar informações e conhecimentos, definindo sua maneira de arquivar as notícias e fatos em sua escrita diária. Percebemos as impressões que a guerra e todo o contexto social causam no autor do diário como sendo manifestações características de um homem de seu tempo, no caso os anos de 1940, período em que no Estado Novo surge uma elite de administração pública profissionalizada com competência técnica e acesso ao conhecimento, com um olhar sobre o social e a cultura completamente diferenciado dos outros setores da sociedade. Enquanto o Estado Novo industrializa o país, as elites da administração pública, composta por intelectuais também, já se inserem numa lógica pós-industrial¹². A ideia/proposta neste trabalho é pesquisar sobre a relação existente entre as representações dominantes na sociedade da época e o pensamento do autor do diário. Procedendo desta forma penso em situar a importância de um diário pessoal como fonte histórica alternativa para a reconstrução do imaginário cultural de um determinado período da história de uma cidade ou de um país. Destacando o objeto diário como um facilitador da “conquista da distância temporal”, ou seja, o diário como uma ferramenta que propicia a compreensão - detalhada e menos contaminada pelo poder - de outras épocas.

No Estado Novo de Getúlio Vargas o intelectual era considerado uma espécie de “intérprete” da vida social, um intermediário que atuaria entre o Estado e as manifestações sociais do povo. Juristas e diplomatas eram os intelectuais que escreviam para jornais e tinham inserção na prosa e na poesia. Essa camada de intelectuais, notadamente funcionários públicos do Estado, possuía uma relação de dependência com o poder, fato este que gera diversas indagações sobre a autenticidade de seu nacionalismo que poderia servir, também, como um meio para obter o reconhecimento do Estado ao qual pertenciam¹³.(PÉCAUT, 1990).

Getúlio Vargas teve sua imagem construída para ser considerado um modelo a ser seguido pelos intelectuais, pois atribuíam a ele o fato de ser um homem de pensamento e ação. As ideias nacionalistas de Getúlio visavam a unificação do Brasil e a busca das raízes brasileiras fundamentando assim a política cultural desse

12 Ver MASSI DE, Domenico (ORG.). A sociedade Pós-Industrial. SENAC SP: São Paulo, 1999.

13 Ver PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil – entre o povo e a nação. Ed. Ática: São Paulo, 1990.

tempo e, por conseqüência, a vida cultural da capital Rio de Janeiro. (PIMENTA VELLOSO, 1987).

Muitos periódicos circulavam nessa época e era comum e corrente que um político fosse também um escritor, um intelectual. Destaco o caso específico do suplemento literário semanal *Autores e Livros* do jornal *A Manhã*, dirigido por Cassiano Ricardo – também diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de São Paulo e diretor do Departamento Cultural da Rádio Nacional – que possui artigos escritos por personalidades ligadas à vida política do Brasil. O jurista Carlos Sussekind colaborou em alguns números. Os colaboradores eram ecléticos e extremamente eruditos, podemos citar como exemplo: Josué Montello, Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu Amoroso Lima, Cecília Meireles, Viriato Correia e Ribeiro Couto¹⁴. Uma elite empenhada em reforçar o sentimento nacionalista vigente no governo de Getúlio Vargas levava adiante esse projeto. O objetivo inicial do organizador do suplemento, o jornalista Múcio Leão¹⁵, era o de reunir representantes de todas as correntes, “antigas e modernas, revolucionárias e conservadoras” segundo ele, e buscar o autêntico mérito literário, criando, assim, um suplemento que representasse a mais legítima atividade literária do país. Unificar os escritores brasileiros, evitando a dispersão da produção dos que moravam em diferentes regiões do país também fazia parte dessa proposta. *Autores e Livros* sonhava em congregar Gilberto Freire, intelectual emblemático do nordeste do país, e Érico Veríssimo, representante da intelectualidade gaúcha, por exemplo, em suas colunas. (AUTORES E LIVROS. Rio de Janeiro: A Manhã, n.1, 1941).

Cabia às elites “organizar a nação” no período do governo de Vargas. Além de forjar um povo seria necessário também traçar uma cultura estruturalmente forte que garantisse a unidade da nação. A idéia destes intelectuais de elite dos anos 1940 era a de agir “de cima” para ir dando “forma” à sociedade brasileira. (PÉCAUT, Daniel. 1990).

14 Os escritores Josué Montello (1917-2006); Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990); Alceu Amoroso Lima cujo pseudônimo era Tristão de Ataíde (1893-1983); Viriato Correia (1884-1967) e Ribeiro Couto (1898-1963) pertenciam a Academia Brasileira de Letras. A escritora Cecília Meireles (1901-1964) destacou-se na poesia e recebeu diversas premiações. (Enciclopédia de literatura brasileira/direção Afrânio Coutinho. 2a ed. Rev., ampl. Global Editora, Rio de Janeiro, 2001).

15 Múcio Carneiro Leão (1898-1969) foi jornalista, escritor, orador e presidente da Academia Brasileira de Letras em 1944.

2.2. A REPERCUSSÃO DA GUERRA NO BRASIL

O afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e o fato de que 3.187 combatentes brasileiros da Força Expedicionária Brasileira (FEB) – a maioria oriundos do nordeste – foram feridos, mortos ou capturados, durante a Segunda Guerra, nos fazem refletir sobre a participação do Brasil neste conflito. (SIQUEIRA, 2001)¹⁶

As transcrições feitas aqui deste diário contribuem para criar uma parcial reconstrução/visão da realidade destes dias distantes da Segunda Guerra especificamente no Rio de Janeiro, uma cidade privilegiada, pois não houve ataque direto à cidade. Apenas verificamos que houve o racionamento de certos alimentos, de produtos estrangeiros e outras dificuldades.

Podemos observar o marco inicial da Segunda Guerra Mundial com a ocupação de Hitler na Polônia. O interesse do jurista em buscar informação sobre os fatos por meio de todos os tipos de comunicação da época - a imprensa e o rádio - era uma preocupação constante. O desejo do jurista de que “a Guerra custe o mínimo de sacrifício ao mundo” não foi realizado, mas nos causa perplexidade pensar que os governantes dos principais países envolvidos no conflito desconsiderassem este pensamento, fato este que foi demonstrado pelo resultado final da Segunda Guerra com aproximadamente 70 milhões de mortos. Nesta época as elites intelectuais cariocas dividiam-se em grupos de germanófilos e anglófilos - incluímos neste último grupo os simpatizantes dos Aliados, incluindo EUA e França. Segue abaixo o primeiro registro do Diário sobre o conflito:

“1 de setembro de 1939, sexta-feira.

Os jornais confirmam, em manchetes espetaculares, a declaração virtual da Guerra.

Hitler lança uma proclamação aos alemães que é um modelo de despudor e de cinismo. É a Polônia que agride a Alemanha e torna insustentável a situação.

Isso serve, entretanto, para mobilizar as forças morais do Mundo contra o infame.

¹⁶ Ver SIQUEIRA, Cleantho Homem de. (Guerreiros Potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial – Natal (RN): EDUFRN, 2001.)

Em 1914, podia-se odiar o povo alemão, e exercer sobre os alemães daqui as represálias inspiradas na indignação.
Hoje, não. Hoje, a guerra não é de alemães – é de nazistas. Muitos alemães haverá, entre nós, mais inimigos de Hitler que nós mesmos.
Façamos, pois, o único voto que o momento comporta: que a Guerra custe o mínimo de sacrifício ao mundo e liberte a Alemanha do seu cancro social, que é a causa de todas as misérias do mundo.

A leitura de livros e jornais, bem como a audiência de rádios européias estão presente no diário em 1 de setembro de 1939:

“Passo a manhã procurando distrair-me. Releio um velho livro de gravuras sobre a Guerra de 1914. Emprestou-me um germanófilo, o advogado Luiz Domingues, em 4 de setembro de 1936. “Por tempo indeterminado”, dizia ele. Vou devolvê-lo, agora, três anos depois. Antes, revejo-o. É Guerra em todas as suas fases. Desde a decretação. O entusiasmo ingênuo das massas. A divinização dos generais. A apoteose mística aos soldados... Isso, no começo. Depois, os mutilados. Os espetáculos em benefício dos necessitados. Os teatros repletos de órfãos nos dias de Natal. Belíssima distração, não há dúvida! (...).
À noite, vou à casa de mamãe. Ouço o rádio de Londres, de Paris, de Roma e de Berlim. Mais ou menos o mesmo que os telegramas dizem. Os jornais não estão mentindo muito...”

O autor do diário consegue separar o povo alemão dos nazistas, desqualificando a estes últimos como representantes legítimos da nação germânica e condenando-os com vigor absoluto ao denominá-los “cancro social”. Ao mesmo tempo, evidencia a divisão da sociedade brasileira que o confrontava com os simpatizantes germanófilos e sua afeição ao militarismo e ao belicismo.

No dia 18 de agosto de 1942 manifestações populares tomaram conta do Rio de Janeiro exigindo represálias contra os alemães e forçando o Brasil a entrar na guerra ao lado dos Aliados. Observamos a presença de simpatizantes do nazismo no próprio ambiente de trabalho do jurista. A inexistência da televisão e do computador fez com que o rádio tivesse um importante papel na comunicação às massas populares, de todos os acontecimentos, tornando-se o centro de todas as atenções.

O autor observa a mudança do chefe de polícia do regime Vargas que simplesmente afasta Filinto Muller¹⁷, figura notadamente identificada com o

17 Filinto Strubing Muller (1900-1973) foi um militar e político brasileiro que durante o governo de Getúlio Vargas foi Chefe da Polícia do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro), de 1933 até 1942. Promovia prisões arbitrárias, tortura de prisioneiros e era simpatizante do regime nazista. Ocupou diversos cargos políticos entre eles o de senador e presidente da Arena (1969-1973). (BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. São Paulo: Ática, 2003).

fascismo, porém mantém o controle social com o toque de recolher que limita a liberdade de circulação das pessoas.

No trecho abaixo do diário temos uma visão de como foi esse dia:

“18 de agosto de 1942, ter.

Às 11, de passagem pela Rua do Ouvidor, surpreendo-me com o movimento de protesto que ganha todo o centro da cidade. Em frente à *Gazeta de Notícias*, o novo Chefe de Polícia recebe palmas. Cara antipática. Pequenino de figura. Desagradável. Mas tão melhor do que o Filinto, que a gente, mesmo assim, aplaude.

Chego à Procuradoria às 11 ½. Trabalho até a 1 hora da tarde. Despacho mais de vinte processos, corrigindo os pareceres datilografados. O funcionalismo da Secretaria vibra de revolta. Menos o Sabóia Porto e o Sarmiento, cujo nazismo acha prudente ficar hoje em casa...

A 1 ½, como qualquer coisa numa leiteira. E saio para a Avenida a ver a “massa”. É grande. E exige o fechamento das casas comerciais diante de grandes brados de protesto. Faz gosto vê-la. Quase toda composta de estudantes e marítimos. Gente boa e decidida. (...).

De 4 as 6 consigo despachar, apenas, dois *sursis*. O ambiente político continua a empolgar-me. E eu passo mais junto ao rádio que na mesa de trabalho.

Depois do jantar, a “Hora do Brasil” divulga a fala oficial. Getúlio falou. Prometeu castigar severamente os alemães e os quintacolunistas. Saio para levar Ana Maria até a casa de Mamãe. Depois, vou, de ônibus, até a cidade. Mas, volto logo. O movimento nas ruas é pequeno. Há uma ordem do Chefe de Polícia mandando a população se recolher às 22 horas. Esquisito. Todos os cinemas, sorveterias, cafés – tudo fechou.

De volta a casa (...). Ouço, ainda, o rádio de Londres e de Nova York até as 10 ½. Nada de novo.”

Encontramos também no diário a criação de entidades relacionadas com a Segunda Guerra como a Sociedade dos Amigos da América. Segundo a historiadora Maria do Carmo Gregório, a Sociedade dos Amigos da América foi fundada pelo general Manoel Rabelo¹⁸, na época Ministro do Superior Tribunal Militar, para participar de debates sobre a inserção do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A instituição criou núcleos em vários estados brasileiros e foi fechada em 1944 por causa de divergências entre seu fundador e o general Eurico Gaspar Dutra¹⁹, Ministro da Guerra do Estado Novo do Governo de Getúlio Vargas. O

18 Manuel Rabelo (1878-1945) foi um militar e político brasileiro. Positivista e discípulo de Benjamim Constant. Foi ministro do Superior Tribunal Militar (1941). Participou da Comissão Rondon. (Delta Larousse, vol.3).

19 Eurico Gaspar Dutra (1883-1974). Militar brasileiro e Presidente do Brasil (1946-1951). Foi ministro da Guerra no Governo Vargas até 1945. Era germanófilo. (SILVA, Hélio. Eurico Gaspar Dutra, 16o Presidente do Brasil. Ed. Três, 1983).

vice-presidente da entidade, Oswaldo Aranha²⁰, pediu demissão de seu cargo público de chanceler no Ministério das Relações Exteriores no dia seguinte em que o Governo fechou a Sociedade. Segue abaixo o trecho sobre o dia da fundação:

Em 1 de janeiro de 1943:

“À tarde, vou com o Caíco à instalação da Sociedade dos Amigos da América no Teatro Municipal. Chegamos às 3 ½. Esperamos, na porta, até 4 e, depois, na sala, até 5 e 40! Desorganização absoluta, integral. Constantes apelos pelo alto-falante para que o público se mantivesse paciente, à espera. Constantes infrações do público, por meio de oradores improvisados, alguns bem cacetes. Afinal, a sessão. Grande entusiasmo em torno do Manoel Rabelo, que começou dizendo da morte de Afrânio Melo Franco, figura realmente bastante expressiva da política pan-americana. O discurso, propriamente, foi bom. Tirante a velha estrutura positivista, o resto foi ótimo. Uma alusão à Rússia trouxe a sala em delírio. Outra, ao integralismo, despertou, também, enorme entusiasmo. Muito bem feito, igualmente, o discurso do Odilon Braga. Longo demais para a circunstância. Mas excelente de justeza e de equilíbrio. Sem entusiasmo, a divulgação dos nomes dos membros dos conselhos diretores. Muito nome desconhecido. E exclusões odiosas, a começar por dois dos próprios presentes – o Ernani Amaral Peixoto²¹ e o Etchegoyen²², chefe de polícia. De intelectuais, só os fósseis marca Reis Carvalho. Nenhum esquerdista, como, por exemplo, Hermes Lima²³. O Ivan Lins²⁴ entrou a gancho para o Conselho fiscal. E entrou ,como positivista, não como intelectual.”

Em 20 de abril de 1945 é reaberta a Sociedade dos Amigos da América no dia em que os Russos invadem Berlim. Os comentários sobre a cerimônia de reabertura coincidem com as homenagens ao Roosevelt que será imortalizado na coleção da mãe do autor e ao mesmo tempo se associa a estas homenagens a presença do líder comunista Luis Carlos

20 Osvaldo Euclides de Sousa Aranha (1894-1960) Político, advogado e diplomata brasileiro. Foi ministro da Justiça e da Fazenda (1931); Ministro das Relações Exteriores (1938-1944). Foi amigo dos Presidentes Vargas e Roosevelt.(SOUTO MAIOR, Dagoberto. Tesouros de Osvaldo Aranha,2007)

21 Ernani do Amaral Peixoto (1905-1989). Militar e político brasileiro. Foi marido de Alzira Vargas, filha de Getúlio. Foi Governador do Rio de Janeiro de 1951 a 1954, entre outros cargos (site do CPDOC).

22 Alcides Gonçalves Etchegoyen (1901-1956). Militar brasileiro. Chefe de Polícia do Distrito Federal(1942-1943) (site CPDOC).

23 Hermes Lima (1902-1978). Jurista, professor universitário e político. Foi presidente do STF, Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República (1961-1962), entre outros cargos. (Academia Brasileira de Letras. Anuário, 1973-1974).

24 Ivan Lins (1904-1975). Escritor, positivista, professor universitário de História da Filosofia e Ministro do Tribunal de Contas (RJ). (Conferências na Academia Brasileira de Letras, 1962-1972. Ed. Da Academia de Letras [s.d.], 98p.).

Prestes²⁵ permitindo assim uma clara comparação entre o nível de admiração atribuído aos dois:

“Às 11 ½, Mamãe telefona avisando da entrada dos russos em Berlim. Confirma-se, assim, o boato de ontem. E tem bastante significação a escolha da data aniversária de Hitler. Mamãe lembra a alegria que teria tido Roosevelt e pede um retrato dele para a sua galeria de mortos. Hei de dá-lo.

Não sei ainda se poderei comparecer ao desfile em homenagem à memória dele, Roosevelt, hoje à tarde. Se largar cedo o Conselho, irei, sem falta. Deve ser algo de deslumbrante – sobretudo, anunciada, como está, a presença de Luis Carlos Prestes. Se for, ficarei na cidade jantando para não perder a reabertura da Sociedade Amigos da América à noite. A sessão está marcada para as 8 ½, no Instituto de Música. Se não formos às 8, não encontraremos lugar.”

Em 4 de setembro de 1939 conversando sobre a guerra com um colega de trabalho percebemos a influência da guerra no cotidiano do Rio de Janeiro e no ambiente profissional das repartições públicas. Devemos lembrar que o autor se insere dentro das denominadas elites da administração pública do período e uma das características essenciais deste grupo social era uma vasta ilustração em termos de cultura clássica, acompanhada pelas noções de humanismo e progressismo/modernidade. Na linha do progressismo a influência do pensamento liberal está de acordo com a defesa das liberdades fundamentais, a preservação da vida e da paz que o autor defende abertamente. Contrastando com isso, outro setor do funcionalismo público se identificava com o rigor técnico e a eficácia da organização do Estado promovida pelos setores autoritários simpatizantes do fascismo italiano e do nazismo alemão:

“Por cúmulo do azar, o meu juiz se dá ao luxo de defender a Alemanha... E com que argumento, pai do céu! Com o de que, quaisquer que sejam os erros do hitlerismo, não se pode deixar de reconhecer o benefício enorme que ele trouxe à humanidade preservando-a do Comunismo... Perco as conveniências. Acanalho o argumento com a hipocrisia demonstrada *a posteriori*. O Smith, contudo, tem mais fôlego que um gato. Resiste. Teima. E não há outro remédio senão deixá-lo sozinho.”

25 Luís Carlos Prestes (1898-1990). Político e militar brasileiro. Foi Secretário geral do Partido Comunista Brasileiro e líder da “Intentona Comunista” (1935). Permaneceu preso durante o período de 1936 até 1945. Foi eleito Senador de 1946 a 1948. Exilou-se na extinta União Soviética de 1960 a 1979. Em 1982 saiu do PCB e entra para o PDT de Leonel Brizola. (Luis Carlos Prestes. Dicionário-Histórico Brasileiro (FGV). UOL-Educação. Página visitada em 20 de abril de 2013.)

E a guerra vai sendo mapeada dia-a-dia pelo jurista, que assume uma posição de estrategista e compartilha opiniões sobre as vias de ação mais favoráveis dos exércitos dos aliados, ao mesmo tempo em que cobra destes responsabilidades morais:

Em 12 de março de 1943:

“As notícias da guerra voltam a inquietar a gente. Antes do inverno terminado, já os alemães estão contra-atacando com êxito, e conseguem “superioridade numérica” que ameaça a Karkov. Será que nem assim ingleses e americanos se convencem de que já é tempo de abrir a segunda frente? As *Diretrizes* de ontem têm um artigo magnífico do Nemo Canabarro Lucas²⁶ sobre o assunto. É admirável a serenidade com que consegue versá-lo, pulverizando os argumentos comodistas dos que julgam possível contemporizar ainda com o dever inadiável das Democracias nesta hora.”

Em 8 de setembro de 1943 a rendição da Itália era o assunto do momento nas reuniões. Podemos ver também os hábitos daquela época em termos da influência dos hábitos de alimentação originárias da cultura norte-americana na clara referência ao refrigerante e ao cinema americano:

“Passo, apenas, pela Academia, às 5 ½. Como vejo muita gente, prefiro não entrar. Isso me faz chegar em casa antes das 7. Jantamos logo. E, às 8 ½, saltamos, eu e Gilda, em frente ao Bennett, para a reunião do Círculo de Pais e Professores. Ambiente amigável. Miss Hyde, nós, o professor Arruda e duas senhoras, uma, loura, muito bonita, D. Heloísa não sei de quê, outra, morena, de feições feias, mas de muita simpatia falando. Assentamos que a próxima conferência seja feita pelo Dr. Josué de Castro, técnico em alimentação.

Às 9 ½, terminada a reunião, com coca-cola e laranjada, ainda conversamos sobre o grande assunto do dia — a rendição incondicional da Itália. E, às 10h., vamos, eu e Gilda, ao “Rex”, rever a *Dama das Camélias* com Greta Garbo e Robert Taylor.
Em casa, de volta, à meia-noite.”

Em 12 de abril de 1945 observamos a morte do presidente Roosevelt e o sentimentalismo exacerbado que existia na cultura da classe média dos anos 1940 e nos chama a atenção a diferença entre o comportamento emocional dos brasileiros com o dos funcionários norte-americanos. A proximidade com que o brasileiro tem em relação aos seus líderes se justifica pela influência cultural do paternalismo político. O caráter carismático da figura presidencial causa uma forte impressão no sentimento do brasileiro incomparável com a cultura anglo-saxônica:

26 Nemo Canabarro Lucas. Militar brasileiro. Foi tenente no exército brasileiro, capitão no Paraguai, major na Espanha e correspondente de jornais em Londres.(RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere, vol.I, pág.12)

“Às 7 h., em casa. Quem me recebe é o Caíco, para dizer, logo à saída do elevador, a grande notícia do dia – a morte de Roosevelt – ocorrida às primeiras horas da tarde. É uma das molas do mundo que se parte. Sinto, entretanto, a perda, como se fosse qualquer coisa de íntimo, como a de um velho parente, muito querido, muito respeitado, que morresse. É possível que, já agora, não modifique a sorte do mundo. A Guerra está no fim. Um pouco antes seria capaz de determinar um colapso na ação das Nações Unidas. A paz, porém, se vai ressentir, e muito, da sua falta. E a Vitória não terá a alegria merecida sem ele. É uma pena!

Saio, com Gilda, às 9 ½. Vamos ao cinema. Ao “Metro”. É preciso diverti-la. Antes, pelo telefone, falamos a Mamãe. Estava comovida até as lágrimas. No cinema, surpreende-nos ver oficiais norte-americanos. Acho que nós, brasileiros, se soubéssemos da morte do nosso presidente, no estrangeiro, não teríamos coragem de fazer isso. E era um Roosevelt!

Magnífico, o filme *À meia luz (Gaslight)*. Tragédia intensa, mas esplêndida. Incrível, o trabalho de Ingrid Bergman. E o do próprio Charles Boyer. A sessão termina à meia-noite e trinta. Já à porta do cinema estão vendendo *A Manhã* com amplo noticiário sobre a morte de Roosevelt. Morreu de um derrame cerebral, às 3 ¼ da tarde. Sob o poder, nos Estados Unidos, o Vice-Presidente. Definitivamente? Não parece que seja. Ainda no começo do período, devem fazer novas eleições. A menos que, também lá, as coisas tenham mudado. Dormimos, à 1 ½.”

Em 17 de março de 1945, a criação de novas armas de guerra e a possibilidade de alcançarem uma tecnologia destrutiva altamente sofisticada e que altera a noção de velocidade, também surpreende o autor do diário:

“O noticiário dos jornais não é de molde a tranquilizar. A guerra apresenta, agora, outra face cruel do nazismo estrebuchante: depois das “bombas voadoras”, os “foguetes gigantes”. São armas horrivelmente insidiosas, que matam, de uma vez, centenas de pessoas. Não se deixam pressentir, como as bombas, embora com pouco tempo. Caem e matam logo, pois são animados de uma velocidade maior do que a do som. Cumpre-se, assim, a promessa de Hitler.”

O jurista fala em uma entrevista sobre um indulto que ele dará aos presos comuns com motivo da celebração da criação das Nações Unidas, no final da guerra, em 6 de outubro de 1945. E, ao mesmo tempo, descreve detalhadamente a organização e estrutura da Procuradoria Geral do Distrito Federal destacando a nova abrangência de funções e se posicionando na vanguarda do pensamento criminológico ao resgatar a condição de cidadania do presidiário e interpretar o indulto como um instrumento útil na política de reabilitação dos criminosos. Este pensamento era completamente inovador na

época e prova que o autor do diário se insere dentro do grupo dos intelectuais humanistas-progressistas:

“Como encarou a incumbência? E prossegue:

-É claro que recebi com muito agrado essa incumbência. Apesar de subprocurador da Justiça local – encarregado justamente de todo o movimento criminal da Procuradoria Geral do Distrito Federal, a que, agora, não está afeta apenas a superintendência imediata do Ministério Público mas 16 varas criminais desta capital, como em todos os Territórios Federais ultimamente criados no país – no seio do Conselho Penitenciário deixo de ser acusador para ser tão somente juiz.

Indagamos qual a sua primeira impressão, e a resposta é imediata:

-Não poderei deixar de ver com simpatia o movimento dos presidiários. A oportunidade que eles escolheram para formular a sua pretensão não poderia ser melhor. Cidadãos, como continuam a ser, a despeito da segregação temporária a que se acham sujeitos, é justo, é natural que não se divorciem do regozijo geral da nação pela vitória das Nações Unidas, em cujo número o heroísmo da nossa Força Expedicionária nos incluiu. Se outros acontecimentos, de âmbito exclusivamente nacional, já têm determinado iniciativas semelhantes, não se compreenderia que esse, universal, no fim da guerra não justificasse celebração idêntica.

E o indulto será uma medida de ordem geral?

– Não, não pode ser, absolutamente, uma medida geral, sem restrições. Essa é uma ilusão que os presidiários não devem, de maneira alguma, acalentar. As restrições têm de vir, consubstanciadas em requisitos mínimos, mas irredutíveis, sem o que a providência deixaria de ser um incentivo à regeneração para se converter num encorajamento ao crime.”

Em julho de 1945 a chegada vitoriosa da Força Expedicionária Brasileira era aguardada ansiosamente pela população brasileira. Durante 239 dias os soldados brasileiros lutaram na Itália. Vale registrar que neste período os desfiles de tropas militares eram grandes espetáculos públicos que atraíam multidões com o efeito direto de legitimar a corporação mostrando-a vitoriosa, heróica :

“22 de agosto de 1945, quarta-feira.

Acordo, resfriadíssimo, às 8 ½. Venho logo para o gabinete. Dia incerto, ainda. Esplêndido, porém, para o desfile dos expedicionários, que chegaram mesmo hoje. (...) Passo a tarde toda, ou deitado, ou recostado. Ouvindo o desfile do 2º escalão da F.E.B. pelo rádio. Conversando. Lendo aos pouquinhos o *Zamor* do Mota Lima.”

Em 21 de outubro de 1945 amigos do jurista já sabiam que haveria o afastamento de Getúlio Vargas dias depois, provando a inserção do autor e de seus círculos de amizade nos grupos próximos ao poder:

“Saímos às 10 ½. O Aloysio, contra a regra, não foi ao plantão. Dr. Agenor, ao sair, dá-me uma “bola” sensacional: o Getúlio, na sexta-feira, 26, convocará a Constituinte e no sábado será deposto pelo Exército, que porá no governo uma junta militar, sob cuja presidência se processarão as eleições.”

Em 29 de outubro, dia em que Getúlio foi deposto constatamos que independentemente da comemoração familiar o autor tinha restrições ao fato. Indubitavelmente a figura de Benjamin Vargas²⁷ é rejeitada pelo jurista e seus colegas da administração pública, provando a existência de sérias rejeições ao governo Vargas desde o próprio núcleo do funcionalismo público qualificado. A todo momento, os rumores, os boatos alimentam e disseminam as informações, apontando a proximidade da sociedade com as autoridades na capital da República. A posterior transferência da capital para Brasília favoreceu a liberação das autoridades da pressão popular:

“29 de outubro de 1945, seg.

Acordo à hora habitual, Às 6 ½. Não saio à rua, porque não há jornais. Fico a despachar os meus processos até as 10 ½. Banho às 11. Almoço às 11 ¼. Saio, com o Caíco, às 11 ½. (...)

À 1 hora, na Procuradoria. Toda a primeira parte da tarde foi tranqüila. Assino pareceres. Preparo o expediente das designações. Converso com vários promotores sobre matéria de serviço. Às 4 hs., entretanto, começam os boatos: grande agitação no Exército, exigindo os generais a resposta do Getúlio à sua “fórmula”. Os jornais, entretanto, desmentem. O Góis se mostra até irritado nas informações que dá. Às 5, quando saímos, eu e o Romão, o Corregedor vem ao nosso encontro: o João Alberto deixou a Polícia, sendo substituído pelo Benjamim Vargas! Duvidamos. Logo o “Beija”?! Não era possível. Deixamo-nos às 6 hs. O Romão insistia em não acreditar nos rumores. E eu me inclino a acreditar nele.

Quando chego à casa, já se sabia que se estavam passando coisas muito sérias no país. Um jornal publicava, em 2º clichê, a nomeação do Benjamim Vargas. O Rego Neto estava telefonando com insistência.

Jantamos com “nervosismo”. Não obstante, insisto com Ana Maria para irmos ao teatro Ginástico. Vamos, às 8 ½. Em casa de Mamãe, onde Ana Maria se foi vestir, Irene e Aloysio se mostram

27 Benjamim Dornelles Vargas (1897-1973). Político e irmão de Getúlio Vargas. Foi chefe do Governo provisório (1930), deputado (1934), chefe do Serviço de Segurança Presidencial (1943), Chefe da Polícia do Distrito Federal (1945). (Dicionário Histórico Brasileiro pós 1930. 2a ed.. Rio de Janeiro:Ed. FGV, 2001).

agitados. Mas não traem absolutamente insegurança alguma quanto “ao que esteja ocorrendo”. (...).

No intervalo entre o 1º e o 2º ato, saio com Ana Maria. O Martinho (jornaleiro) me aconselha a ir para casa “enquanto é tempo”. Mas Ana Maria não quer interromper o espetáculo. Ainda o 2º ato foi bom. Já o 3º, entretanto, foi fraco, fraquíssimo.

Sáimos às 11 ½. Conseguimos, logo, ônibus. Já estávamos sentados quando vimos um grupo de pessoas correndo aos gritos de “brigadeiro, brigadeiro!” Pouco depois, um casal toma o ônibus, e o homem declara que o Getúlio foi deposto. Duvido. Mas a presença de vários carros de assalto e tanques na Avenida, junto ao Monroe, mostrava que o boato devia ter fundamento.

À meia-noite, em casa de Mamãe, ouvimos o rádio. Já não havia dúvidas: confirmava-se a deposição do Getúlio. Dizia-se “renúncia”. O telefone não parava. De dois em dois minutos, amigos davam informações. Irene abriu garrafa de *champagne*. Eu bebi por ser aniversário de Aloysio. Quanto ao acontecimento político, reservo-me para opinar depois. Quando se souber, ao certo, o que houve.

Em casa, à meia noite e vinte. Gilda está acordada, ouvindo rádio. Ficamos à espera de informes mais detalhados até 1 ½ da manhã. Soubemos, mais, que assumir o governo, no Ministério da Guerra, José Linhares²⁸, na qualidade de Presidente do Supremo Tribunal. Confere. Venceu a fórmula sugerida pelo Eduardo Gomes. Agora, aguardemos o curso normal das eleições.”

Nos dias 7 e 8 de maio de 1945 comemora com amigos e familiares o final da Guerra, mas também, no primeiro dia, o autor destaca a mudança estratégica de atitude do DIP, agora abertamente pró-aliados quando anteriormente mostrava outras simpatias:

“7 de maio de 1945, seg.

Acordo às 7(...)A manhã continua linda. Não é tão pura como as dos outros últimos dias. O céu tem nuvens. Mas, como as de todo o outono, é luminosa e fresca. As árvores do quintal sobem quase até as nossas janelas. Os arranha-céus da vizinhança ainda não conseguiram ocultá-las. (...)Na cidade, ao meio-dia. Indescritível o tumulto nas ruas pela notícia – que, desta vez, parece verdadeira – da rendição incondicional da Alemanha. (...) Chego à Procuradoria à 1 ½ (...) Nas ruas, o foguetório continua terrível. E todos os prédios embandeiraram as fachadas.

Ficamos conversando – eu, o Plácido, o Maurício Rabelo, o Loy, o Marcelo Heitor de Souza e o Borges Sampaio. Até as 4 ½. Quando saímos, encontramos um verdadeiro carnaval na rua. Todo o comércio fechado. Papéis atirados de todas as fachadas. E o DIP distribuindo bandeiras aliadas... Cínicos!

Jantamos às 7 ½. Vou levar Ana Maria à casa de Mamãe às 8 ½. Pretendia voltar logo. Mas Irene, apesar de continuar com a sua nevrálgia, levanta-se e faz questão de festejar com *champagne* o fim

28 José Linhares (1886-1957). Advogado, ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente da República por três meses, de outubro de 1945 a janeiro de 1946. (DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos – Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003).

da Guerra. Comparecem à farra Augusto e Maria Amélia, Tony e Maria Cecília, Edinho e Lourdes, Edgar e Armandinha. Ana Maria, de capricho, porque não foi ao cinema, vai deitar-se.

Na irradiação da “Hora do Brasil” tocam todos os hinos aliados, inclusive o russo. Não é mais a “Internacional”. Mas é uma página soberba de música, a mesma que eu ouvi na fila do ônibus há dias. Reconheci-a logo, e, assim que possa, hei de comprá-la. Já a prometi ao Caíco, colecionador de hinos.(...).

Neste segundo dia de comemoração do final da guerra a ênfase é colocada no paralelismo entre o desmoronamento das forças do Eixo e o desmoronamento do regime Vargas. Cabe ressaltar que o autor se permite ainda um diagnóstico, que não se realizaria, ao preconizar a queda de Salazar²⁹ em Portugal e a do general Franco³⁰ na Espanha, já que ambas ditaduras se estenderiam durante décadas e só dariam lugar a estados democráticos nos anos 1970.

O autor continua a destacar a figura de Luis Carlos Prestes deixando transparecer sua simpatia e o anseio de que este viesse a desempenhar um papel protagônico na queda do regime em função da enorme adesão popular que se evidenciava. Prestes é percebido pelo autor como um “remédio” para aniquilar o “mal” da ditadura e assim provocar uma profunda transformação do Estado:

8 de maio de 1945, ter.

Acordo às 7(...) Mando-a buscar os jornais a ver detalhes da Vitória.

No cenário internacional é quase certo que o Japão capitule. Ele não há de querer sangrar-se mais para ter a mesma sorte da Itália e da Alemanha. Depois, sem Hitler e sem Mussolini, não há como fanatizar mais as massas suggestionadas. O milagre acabou. Perdidos por perdidos, antes salvar ainda alguma coisa.

Na Europa ainda é possível que se solucionem os casos espanhol e português. O primeiro talvez se resolva pela intervenção da França. O segundo cairá por si mesmo, assim que o primeiro se resolva.

29 António de Oliveira SALAZAR (1889-1970). Político, ditador português e professor universitário. Instituiu o Estado Novo português (1933-1974) período de forte nacionalismo econômico e repressão política. (DACOSTA, Fernando. Máscaras de Salazar. Lisboa, Casa das Letras, 2006).

30 Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo FRANCO y Bahamonde. Foi um militar e ditador espanhol. Foi Chefe de Estado e Regente do Reino da Espanha (1939-1975). Foi caudilho na guerra civil espanhola promovendo fuzilamentos. Era anti-semita. (GARZA, Hedda. Os grandes líderes: Franco. Editora Nova Cultural, 1987.)

No cenário nacional, o Governo continua a perder terreno de dia para dia. A penicilina de Prestes já não pode tardar a decomposição inevitável. Ainda não creio, todavia, que as eleições resolvam a parada. Será preciso um remédio mais violento.

A cozinheira volta sem jornais. O italiano da banca de Bolívar só tem *A Manhã*. É outra safadeza que precisa acabar. No jornaleco oficial se diz que o povo homenageou ontem Getúlio e é de ver o discurso com que este agradeceu a manifestação... Que Getúlio diferente daquele de 11 de junho de 1941! Como vão longe os deboches do DASP e do DIP aos “demo-liberais”. (...)

De volta, às 8 h. da noite, a cidade delirava. Na Lapa, diante do Silogeu, em comício da Liga da Defesa Nacional, tocavam o novo hino russo e o orador dava vivas a Luis Carlos Prestes, ainda aplaudido pela multidão.

Chegamos para jantar às 8 ½. Mamãe nos esperava aqui. Com grande espanto nosso, os jornais da tarde noticiam que a Alemanha ainda não se rendeu à Rússia. Que é da Vitória, pois? E a paz? Os telegramas dão que se ela não o fizer até a meia-noite de hoje, todos os Aliados reiniciarão as hostilidades amanhã. E essa! (...).³¹

A Guerra e algumas de suas múltiplas facetas estão aqui metodicamente representadas por este diarista. É possível acompanhar a crônica diária de Guerra desde 1939 até 1945. Os trechos selecionados sinalizam alguns dos momentos mais simbólicos e pontuais deste conflito no Brasil e no mundo. Vale a pena considerar que esta é apenas uma pequena mostra do grande mapeamento feito pelo diarista por meio da leitura de jornais, periódicos, publicações, e pela convivência em tempo real com a grande Guerra.

A memória recuperada aqui de uma maneira por vezes sentimental, individual e subjetiva – quando prevalece o “pai de família” escrevendo – e por outro lado a memória conectada com a vontade coletiva, com uma descrição factual e objetiva – quando quem “fala” é o profissional pertencente a uma rede de servidores públicos ligados ao poder e ao Estado – serve para o propósito de conhecer a percepção e a interpretação que um grupo social, no caso os juristas da administração pública que participavam do “projeto nacional” defendido por Getúlio Vargas, tinha como observador privilegiado de um momento social complexo como a II Guerra, consciente de ser um momento de profundas

31 A Liga de Defesa Nacional foi fundada em 1916 no Rio de Janeiro. Presidida por Rui Barbosa teve como fundadores Olavo Bilac, Miguel Calmon e Pedro Lessa. A Liga defendia o patriotismo por meio do serviço militar e desde seu início recebeu o apoio do Exército.

transformações para a sociedade brasileira, da qual eles constituíam a nova elite “profissional “ destinada a liderar o povo rumo ao progresso material e humanístico. Havia uma grande preocupação por parte do jurista em contribuir para a formação da sociedade, pois supunha-se que o intelectual tinha que participar ativamente da “construção da nação”.

O autor do diário nos permite reconstruir o imaginário deste momento social, e observar ao mesmo tempo a tentativa de desenvolver uma nova identidade social mais ligada aos valores essencialmente brasileiros, porém fortemente influenciada pela aliança feita entre Brasil e Estados Unidos. Trata-se de conciliar a cultura brasileira e suas raízes mais puras com a atitude da modernidade progressista representada pelo estilo de vida do novo aliado. A solução seria adequar o Estado Novo de Getúlio a todas essas novas circunstâncias originadas pela Segunda Guerra e pelo papel que os Estados Unidos iriam desempenhar após o seu previsível triunfo. O cinema e o rádio serão veículos de transformação do perfil de consumo dos cidadãos e também da mudança de comportamento da sociedade.

2.3. O CINEMA VAI À GUERRA.

O período cinematográfico situado entre 1939 e 1945 produziu filmes de propaganda bélica, mas também filmes históricos, comédias, musicais românticos e de mistério. Hollywood estava se preparando para a guerra. “Cinema e ideologia” é um tema associado intrinsecamente à política cultural dos países. A história demonstrou que o contexto da guerra mundial tornou-se um veículo de comunicação e um bem simbólico através da construção e projeção dos EUA como um império democrático que seria a única solução capaz de enfrentar o perigo nazista. Hollywood foi um importante instrumento de transmissão desta ideologia por ser um produto acabado do capitalismo, um bem de consumo de massa atrelado aos compromissos políticos e ideológicos americanos e articulado

diretamente com a política externa dos EUA, principalmente no que diz respeito aos “Assuntos Interamericanos” privilegiados no governo Roosevelt.

Na Segunda Guerra a hegemonia capitalista, centrada nos Estados Unidos, permitiu que a indústria do cinema fosse uma arma ao serviço do esforço bélico e simultaneamente um instrumento de propaganda da cultura e estilo de vida norte-americano. Neste período os produtos de consumo norte-americano, como a marca “Coca-Cola”, eletrodomésticos e outros – acessíveis ao consumidor mediano – eram considerados os produtos acabados da modernidade, uma espécie de “modelo de consumo” para a América Latina, e essas convicções tomaram uma grande proporção a partir do momento em que começaram a circular através dos filmes e da publicidade norte-americana e tiveram seu apogeu nos anos de 1950 com o “american way of life”. (ZAGNI, 2008).

O Ministério da Guerra norte-americano aplaudia os filmes que estimulavam o recrutamento e os filmes antinazistas. Os estúdios de Hollywood colocaram suas instalações e seus equipamentos para a realização de documentários didáticos e puseram suas estrelas a disposição de tours beneficentes ou enviando-as para atuar aos soldados, animando-os. A divisão cinematográfica da Oficina de Informação da Guerra (OIG) sugeriu a Hollywood que baseasse sua produção em alguns dos seguintes tópicos: a) As causas da guerra; por que lutamos; o estilo de vida norte-americano; b) a natureza do inimigo, sua ideologia, princípios e métodos; c) os aliados; d) os recursos para a vitória; e) a retaguarda, responsabilidade e sacrifício dos cidadãos; f) os combatentes, sem esquecer o aspecto humano do homem no front de batalha. O estúdio respondeu com entusiasmo à OIG e refletiu um certo sentido de responsabilidade por ser detentor do meio de comunicação mais importante do mundo na década de 1940. Por outro lado o governo norte-americano reconheceu no Cinema um dos principais meios para sustentar a moral de seu povo e dos aliados, e portanto, durante esta época os

Estados Unidos se apoiaram na indústria cinematográfica com forte intensidade. Da mesma forma que a Grã Bretanha, os Estados Unidos recebiam de braços abertos os temas e as histórias originais e criativas. Depois do ataque de Pearl Harbour o país inteiro se uniu diante dessa terrível ameaça e esse sentimentalismo resultante propiciou uma maior aceitação dos filmes hollywoodianos e as platéias passaram a lotar os cinemas. (Gran Historia Ilustrada Del Cine, 1984).

Havia também a “Office of the Coordinator of Inter-American Affairs” – OCIAA, escritório chefiado pelo empresário milionário Nelson Rockefeller³² que desenvolvia projetos de aproximação entre EUA e América Latina. (ALMEIDA, 1999). Nele havia uma seção dirigida a área do Cinema. As ações de difusão da cultura norte-americana incluíam a disseminação do uso de expressões no idioma inglês e comportamentos padronizados que serviam para definir a classe média e a alta, enquanto que a cultura nacional e tradicional dos países latino-americanos passava a designar às pessoas de menor poder aquisitivo. Os filmes hollywoodianos de ficção deste período e os documentários reproduzidos nos anos 1940, sob a orientação direta das políticas deste escritório faziam apologia ao modo de vida e valores americanos. (ZAGNI, 2008).

Durante o período da guerra, no qual bases norte-americanas militares se instalaram nas repúblicas latino-americanas, o objetivo norte-americano ia além das questões estratégicas militares. O fundamental era a construção de uma solidariedade hemisférica por meio da propagação dos valores pan-americanos, valores estes que foram consolidados durante as conferências pan-americanas e pela política cultural do cinema, entre outras ações. A ideia era mobilizar a opinião pública latino-americana com o objetivo de facilitar o auxílio prestado pelos Estados Unidos e fazer com que fosse rejeitada qualquer opinião negativa sobre o “imperialismo ianque”. (ZAGNI, 2008).

32 Nelson Aldrich Rockefeller (1908-1979). Foi Vice-Presidente dos Estados Unidos (1974 a 1977) e Governador de Nova Iorque (1959 a 1973). Promoveu a aproximação entre Estados e Brasil. (TOTA, Antonio Pedro. Imperialismo Sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. Companhia das Letras: São Paulo, 2000).

Sobre a produção do cinema nacional-socialista alemão, podemos dizer que também foi um poderoso instrumento de propaganda e de consolidação do movimento nazista, considerado uma arma tão eficaz como os canhões de guerra. Os estúdios UFA (hoje Babelsberg), de Potsdam, localizado em Berlim, foi ocupado e seus antigos diretores, Fritz Lang, Billy Wilder e outros foram banidos, perseguidos e fugiram do país desenvolvendo carreiras de sucesso na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Os diretores que ficaram, como Veit Harlan e Gustaf Grundgens, produziram uma cinematografia a serviço da ideologia nazista. As atrizes preferidas do ministro e chefe da propaganda nazista, Joseph Goebbels³³, eram as suecas Ingrid Bergman³⁴(esta foi pra EUA logo para filmar Casablanca em 1942), Kristina Soderbaum e Zarah Leander. Na ideologia racial nazista, os escandinavos representavam um alto grau de pureza ariana. E, por isso, essas três atrizes suecas protagonizaram a maioria dos filmes nazistas. Estes filmes com roteiros românticos e açucarados também incitavam a intolerância racial, como por exemplo “Jud Suss” no qual o personagem protagônico era uma caricatura negativa de um judeu. Outro exemplo são os filmes de fundo histórico como “Kolberg” em que uma cidade alemã resiste aos ataques do exército napoleônico³⁵. Joseph Goebbels criou em março de 1933 o Ministério de Informação e propaganda Alemão, como núcleo central de uma estrutura complexa que incluía a Câmara Nacional do Filme (*Reichsfilmkammer*) e o banco de crédito do cinema (*Filmkreditbank*). Esta estrutura foi colocada a serviço da promoção dos valores constitutivos do ideal nazista de identidade germânica justificando através desta, seu destino histórico e a pretensa superioridade do povo alemão. Este modelo encaixaria perfeitamente na política Vargas de

33 Paul Joseph Goebbels foi o Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista. Foi o líder nazista de maior influência ao lado de Adolf Hitler, exerceu o controle sobre os meios de comunicação e instituições educacionais. No final da Segunda Guerra ele e sua esposa mataram seus filhos pequenos e depois se suicidaram.

34 Ingrid Bergman (1915-1982). Atriz sueca de grande êxito nos EUA. Estudou na Real Escola de Arte Dramática de Estocolmo. Ganhou diversos prêmios, entre eles três Oscar. (<http://www.imdb.com/name/nm000006/>).

35 Ver: MAGALHÃES-RUETHER, Graça. “As suecas do nazismo”. In: jornal O Globo, 16/03/2013; pág.2.

promoção do Estado Novo e inspiraria a criação de uma estrutura similar.(ALMEIDA, 1999).

O cinema brasileiro teve sua origem no final do século XIX. No dia 8 de julho de 1896, em uma sala da Rua do Ouvidor 141, aconteceu a primeira sessão do “Omniógrapho” ou fotografias em movimento. O entusiasmo pelo novo evento foi imediato e em 1927 já existiam vinte e duas novas salas só no Rio de Janeiro. Mas os limitados recursos para produzir e dirigir filmes de origem nacional permitiu que basicamente se desenvolvesse um negócio promissor para os principais distribuidores mundiais como França, Alemanha e principalmente Estados Unidos. O Brasil se transformou rapidamente em um lucrativo centro importador de filmes. (Gran historia ilustrada del cine, vol. 9, 1984). Situação que se mantém até os dias de hoje em que a maioria das salas cinematográficas apresentam produtos de produção estrangeira, predominantemente de Hollywood deixando relegada a produção nacional a um segundo plano.

No discurso proferido em 1934 sob o título “O cinema nacional, elemento de aproximação dos habitantes do país”, o próprio Getúlio Vargas manifestou sua vontade política de proteger a indústria cinematográfica nacional destacando sua relevância como fator de instrução para um estado moderno (ALMEIDA, 1999). Já desde 1931 existiam a Associação Brasileira Cinematográfica (ABC), criada por importadores e exibidores e a Associação Cinematográfica de Produtores Brasileiros (ACPB), fundada em janeiro de 1932, em divergência com a anterior. Pelo decreto 21.240, de 4 de abril de 1932, foi criado o Instituto Cinematográfico Educativo e a Revista Nacional de Educação. Determinava-se também a exibição obrigatória de curtas-metragens complementares às sessões normais. Em 11 de julho de 1934 foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) inspirados na estrutura do modelo alemão criado por Joseph Goebbels.

Estava dada a dupla face do cinema no Brasil, por um lado um viés educacional como instrumento de instrução que seria utilizado, por exemplo, pelos fundadores da Escola Nova, entre eles Edgar Sussekind de Mendonça, irmão do autor do diário, como também promovido por

grupos de intelectuais reunidos no Chaplin Club, entre eles outro familiar do autor, Plínio Sussekind³⁶. (Gran historia Ilustrada Del cine, vol. 9, 1984). Por outro lado havia o aspecto propagandístico ideologizante do regime Vargas que objetivava a autopromoção. Mais uma vez, reforçamos a participação do núcleo familiar deste estudo que configura uma verdadeira rede sócio-cultural-política.

Abaixo um trecho que fala da construção do cinema Rian que localizava-se na Av. Atlântica em Copacabana, em frente ao edifício onde o jurista morava nessa época:

“18 de junho de 1941 qua.

Acordo bem disposto, às 7 h., com o sinal da obra – o cinema da Nair Tefé (futuro cinema “Rian”), que ainda não foi concluído. Dia de sol belíssimo, como têm sido todos esses últimos dias. Quarta-feira, não pretendo ir à Vara. Vou despachar uns inquéritos atrasados e, à tarde, tenciono ir à Cidade com o meu Caíco...”

Em 16 de julho de 1943 percebemos que o cinema acompanha o momento histórico e tem a função de informar também, por meio de seus noticiários nacionais e estrangeiros que são projetados no telão:

“Venho para casa aniquilado, às 7 ½. O Caíco me faz ir com ele, primeiro, à casa de Edgar, depois ao cinema “Americano”. (...) O cinema estrompa pela quantidade. Filme natural. Jornal nacional. Jornal estrangeiro. Primeiro filme – *O segredo do médico*. Episódio (de filme em série). Segundo filme – *Balas contra a Gestapo*. Em casa, à meia-noite e vinte...”

Em 1 de junho de 1942:

“À noite, vou, com Gilda, ao cinema “Americano”. Vamos ver *O mundo em chamas* e um filme com Bing Crosby. Impressionante, a documentação do primeiro.
Dormimos à meia-noite.”

Em 5 de março de 1942:

“Depois do jantar vou com a Gilda e o Caíco ver *O Dragão Dengoso*, no “Ritz”. Não é uma história só, são várias. É, mais, uma reportagem sobre os estudos e os processos de Walt Disney³⁷. Além de O

36 Plínio Sussekind Rocha (1911-1972): Físico; teórico com especialização na França em Filosofia da Ciência; Professor de Mecânica Analítica na Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil e de História da Ciência na USP. Elaborou profundas reflexões sobre matemática, física e artes em geral. Foi o fundador do Chaplin Club e defensor do cinema mudo. Em 1952 a revista parisiense *L'Âge du Cinéma* publicou uma entrevista de Plínio sobre o filme « Limite ». Para ele « o cinema é o sublime ». (http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discursos/pdf/D03_plinio_sussekind)

37 Walter Elias Disney (1901-1966). Cineasta e empresário americano. Foi co-fundador da Walt Disney Company. Durante a Segunda Guerra fez filmes de propaganda militar e era anti-comunista. (GABLER, Neal. *Walt Disney: o triunfo da Imaginação Americana*. Ed. Novo Século: São Paulo).

Dragão Dengoso, ficamos ouvindo a história de um trem desconjuntado, a de um cavaleiro teimoso e a de um menino prodígio. Todas, incríveis de interesse e movimentação.”

Em 18 de junho de 1942. Observamos que existiam filmes em formato de seriado e diversas atrações contínuas:

“Depois, vou com o Caíco ao cinema “Americano”. Vamos para acompanhar um filme em série, a *Águia Branca*. E ainda vemos, de sobra, um filme de Charlie Chan, *Mortos que matam* – delicioso de engenhosidade – e nada menos que uma obra prima do cinema soviético, *Pedro o Grande!* E há quem gaste 5\$500 para ver baboseiras nos “Metros” e quejandos.”

Mas nem todos os filmes versavam sobre a guerra. Ele registra na ida ao cinema em 6 de setembro de 1943:

“Janto em dez minutos, com a família inteira de pé, apressando-me. É que querem ir, todos, a um cinema da cidade: Gilda, Ana Maria, Terezinha e Caíco. Vamos. A saída de casa se faz antes das 9 h. Chegamos à Avenida às 9 ½. Vamos ao Metro. O filme – *Noite do Passado*. Com Greer Garson e Ronald Colman. Uma autêntica maravilha. Sem nada de guerra, nem de antifascismo. Alguma coisa de profundamente artístico, se bem que pouco verossímil.”

No início do período da Guerra um belíssimo filme surge entre a numerosa cinematografia, a admirável obra de Charlie Chaplin: *O Grande Ditador* (The Great Dictator). É um filme feito em 1940, nos Estados Unidos, antes do país entrar na Segunda Guerra. É uma sátira crítica e comédia dramática. Foi lançado em 15 de outubro de 1940 e satiriza o fascismo e o nazismo e seus maiores propagadores, Benito Mussolini e Adolf Hitler. Foi o primeiro filme falado de Chaplin. Abaixo destaco um trecho do discurso do personagem central:

“(…)Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido. (...)”

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas idéias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

(...)Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice. (...).(CHAPLIN, 1940).

No domingo, 25 de julho de 1943 ele se reúne com familiares e amigos e a presença da Guerra está no noticiário do cinema, mas não nos filmes exibidos:

“À tarde, uma visita inesperada do Alberto, de Heloísa. Conversamos até 3 ½. Depois, vou, com ele, o Caíco, Heloísa e o Antonio Carlos (Xuruca) à cidade. Eles vão para o Campo de Sant’Ana. Eu e o Caíco para o Rex. Um ótimo programa, aliás. O filme de Tarzan teve cenas adoráveis de animais. E belíssimos cenários. Complementos magníficos – o nacional, sobre o Correio Aéreo do Brasil – o estrangeiro sobre os preparativos da Invasão. Ainda dois filmes: *As profecias de Nostradamus* e *O gato e o camundongo* (este, colorido).

Embora anteriormente registre a exibição de filmes sobre a guerra como em 10 de março de 1943:

“Jantar às 7 e meia. Com Carmem. Logo depois, saio. Vou com Caíco e Ana Maria no “Pirajá”. Boa fita, o *Ser ou não ser*. Charge antinazista. Feita ainda com a Carole Lombard, já hoje morta.”

Em 14 de maio de 1945 assiste na Associação Brasileira de Imprensa, ABI, um documentário sobre a Segunda Guerra:

“Esplêndida, a noite na A.B.I. Além do filme em “exibição prévia” – *No vale das sombras* (em technicolor) – o documentário completo das atrocidades nazistas.”

Em 8 de janeiro de 1944, sábado, passeiam e vão ao cinema “Capitólio”:

“Almoço à 1. Calmo. Depois, jogo xadrez com o Caíco. E me visto para sair com ele. Vamos à cidade. Sem rumo. Sem programa. À toa. Vamos, primeiro, ao *Jornal do Comércio*. Compramos fascículos atrasados do *Arquivo Judiciário*. Depois, vamos às lojas “Victor”. A seguir, tomamos

lanche no “Ponto Chic”. E, por fim, vamos ao “Capitólio” conhecer o programa “Passatempo”. Ótimo. Documentários. Viagens. Música. Esporte. E muita guerra.”

É notável a rotina do jurista e sua família de assistirem filmes americanos, pois tratando-se de um jurista carioca simpatizante dos filósofos esquerdistas europeus, chega a ser curioso o fato de estar tão impregnado da cultura cinematográfica norte-americana produzida por Hollywood. O autor do diário anota os nomes das atrizes/atores, diretores e manifesta sua opinião sobre os filmes e sobre a modernidade do cinema. O fascínio exercido por esses atores carismáticos como Bing Crosby, Carole Lombard permite ultrapassar qualquer barreira ideológica que o jurista possa ter. Sente-se esta influência hollywoodiana no comportamento dos filhos, na moda usada pela família e na culinária das festividades e comemorações.

O cinema seria a parte de “ficção” na vida do diarista, onde ele mergulha em outras histórias que transcendem a sua realidade cotidiana do trabalho e da família.

Apesar de ser um escritor – autor de ensaios e biografias – percebemos que a realidade é a grande “matéria prima” de seu cotidiano. Mas é, também, no cinema onde ele assiste os noticiários em forma de documentários sobre a guerra e atualidades gerais. E, das tecnologias midiáticas da época, tão importante quanto o cinema parece ter sido o Rádio.

2.4. RÁDIO: “TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA”

A importância cultural do Rádio na sociedade brasileira é inegável. Desde seu surgimento foi transformando aos poucos e profundamente a vida do povo brasileiro de todos os cantos do país trazendo novas informações e novos conhecimentos para o homem da cidade e posteriormente para o homem do campo. Nos exemplos pinçados do diário e destacados aqui, ressaltamos, basicamente, o

papel do Rádio na cobertura das notícias da Segunda Guerra, mas destacamos também a participação de Edgar Sussekind de Mendonça no nascimento deste grande projeto dos meios de comunicação. O rádio surge como um empreendimento de intelectuais e cientistas cujos objetivos eram primordialmente culturais, educativos e científicos.

Para o jurista o rádio assume uma dupla relevância, por um lado é a principal fonte de representação da “nova” sociedade urbana brasileira, moderna e progressista, e por outro lado o rádio reflete o prestígio social de sua própria família que se legitima como parte desta nova elite ao contar na figura de seu próprio irmão, Edgar Sussekind de Mendonça, com um dos fundadores e principais ativistas e promotores deste novo meio de comunicação. A família faz questão de se reunir para prestigiar e homenagear membros de seu próprio círculo social potencializando assim sua própria presença protagônica em uma complexa rede de relações sociais e políticas.

O rádio aparece oficialmente no Brasil em 1922, na exposição do Centenário da Independência, quando foi transmitido o discurso do presidente Epitácio Pessoa e a seguir desde o Teatro Municipal se realizou a transmissão da ópera “O Guarany” de Carlos Gomes.

O Rio de Janeiro foi a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de Rádio. Definitivamente, considera-se a data de 20 de abril de 1923 como sendo o marco da instalação da radiodifusão no Brasil, pois começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto e Henry Morize³⁸.

A ideia inicial era a que o rádio teria um papel fundamentalmente educativo. Nesse começo o rádio era um meio da elite, pois os aparelhos receptores eram muito caros. Transmitem óperas, concertos, recitais de poesia, palestras científicas e uma programação de alto nível cultural. Será apenas a partir dos anos 1930 que o rádio se tornará um veículo realmente popular. A publicidade comercial radial foi regulamentada através do decreto 21.111 de março de 1932. Ao mesmo tempo o decreto considerava a radiodifusão como um meio de interesse para finalidades educacionais. Ainda assim, o rádio mostra sua capacidade de mobilização política quando diversas rádios paulistas fomentaram a queda do Presidente Vargas. Em

38 Ver: SWETLANA ORTRIWANO, Gisela. “A informação no rádio. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.” Summus Editorial, São Paulo, 1985.

julho de 1932 ocorreu a chamada Revolução Constitucionalista em que os cidadãos paulistanos eram chamados a participar pelo rádio (CALABRE, 2003).

O irmão do autor do diário teve um papel de destaque na implantação do rádio no Brasil e na educação brasileira, segundo Natália Peixoto Bravo de Souza³⁹: “Ainda na década de 20, Edgard Sussekind de Mendonça participou da fundação, juntamente com sua esposa, Armanda Álvaro Alberto⁴⁰, e com seu amigo Francisco Venâncio Filho, da Escola Regional de Meriti e foi o primeiro locutor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em empreendimento conjunto com Roquette-Pinto. (...) “Essa mesma militância de Edgard pelos temas da educação acabou levando-o à prisão, no ano de 1935, no governo de Vargas. O professor, que deixou claro em diversos escritos a sua oposição ao ensino religioso nas escolas, foi acusado de comunismo, e mais tarde absolvido, já que a acusação nunca foi provada. O conhecimento da militância de Sussekind de Mendonça em inúmeras outras causas nos permite levantar a suspeita de que teriam sido as suas firmes convicções científicas ou até mesmo positivistas, e não o comunismo, que o levaram a se opor ao ensino religioso e a defender a laicização das escolas.”

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro segundo Luisa Massarani “foi criada por um grupo de pessoas, entre elas os membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC), que se cotizaram para implantar esse novo veículo de comunicação, que seria usado para difusão de assuntos culturais e científicos. Segundo seus estatutos, a "Rádio Sociedade, fundada com fins exclusivamente científicos, técnicos, artísticos e de pura educação popular, não se envolverá jamais em nenhum assunto de natureza profissional, industrial, comercial ou político".

É fundamental descrevermos aqui o início desta rádio pioneira porque o idealismo com que foi criada orientou, de certa forma, o aspecto cultural deste meio de comunicação no Rio de Janeiro.

Os idealizadores da Rádio Sociedade tinham como objetivo criar um espaço dinâmico em sua sede com uma sala para cursos e conferências, uma biblioteca, um laboratório de ensaios para seus componentes e uma estação emissora

39 Natália Peixoto Bravo de Souza é Mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP) e autora do artigo “O papel dos euclidianos cariocas na monumentalização de Euclides da Cunha” In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH, São Paulo, 2011.

40 Armanda Álvaro Alberto (1892-1974). Educadora e militante feminista brasileira. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE) e primeira presidente da União Feminina do Brasil (UFB). (MIGNOT. Ana C. Venancio. Armanda Álvaro Alberto. Coleção Educadores. MEC/Brasil)

(broadcasting) para irradiar concertos, palestras, assuntos de diversos interesses culturais de cunho científico, artístico, literário, assim como o boletim do tempo e outras curiosidades (MASSARINI, 1998).

Os membros que constituíam a Rádio Sociedade e assinavam seus estatutos eram: Morize, Roquette-Pinto, Francisco Lafayette, Henrique de Beaurepaire Rohan Aragão, Arthur Moses, Dulcídio Pereira, Francisco Venâncio Filho, Armando Fragoso Costa, Eugênio Hime, Mário Paulo de Brito, Othon Leonardos, Jorge Leuzinger, Carlos Gooda Lacombe, Mário Souza, Edgard Sússekind de Mendonça, Antonio Caetano da Silva Lima, Carneiro Felipe, entre outros.

Em 19 de maio de 1923, escolheu-se o Conselho Diretor constituído por: Morize (presidente), Roquette-Pinto (secretário), Demócrito Lartigau Seabra (tesoureiro), diretores: Carlos Guinle, Luiz Betim Paes Leme, Alvaro Ozorio de Almeida, Francisco Lafayette, Mario de Souza e Angelo M. da Costa Lima. Presidente honorário: Dr. Francisco Sá. Diretores honorários: General Ferrié, Prof. Abraham, General Rondon, Prof. Paulo de Frontin, Dr. Octavio Mangabeira, Dr. João Teixeira Soares e Dr. Gabriel Ozorio de Almeida.

Através da ata da sessão de 29 de abril de 1925 da Academia Brasileira de Ciências percebemos nitidamente que a divulgação científica era o objetivo principal da Rádio Sociedade:

"Foi aprovado um voto de congratulações para a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pela passagem de seu segundo aniversário, tendo o Sr. Alvaro Alberto realçado a grande obra de educação e de vulgarização científica que vem realizando essa instituição nascida no seio da Academia."

Einstein, quando esteve no Brasil em maio de 1925, visitou à rádio e nela transmitiu publicamente suas impressões, que foram traduzidas pelo químico Mario Saraiva:

"Após minha visita a esta Rádio Sociedade, não posso deixar de mais uma vez admirar os esplêndidos resultados a que chegou a ciência aliada à técnica, permitindo aos que vivem isolados os melhores frutos da civilização.

É verdade que o livro também poderia fazer e o tem feito; mas não com a simplicidade e segurança de uma exposição cuidada e ouvida de viva voz. O livro tem que ser escolhido pelo leitor, o que por vezes traz dificuldades. Na cultura levada pela radiotelegrafia, desde que sejam pessoas autorizadas as que se encarreguem das divulgações, quem ouve recebe além de uma escolha judiciosa, opiniões pessoais e comentários que aplainam os caminhos e facilitam a compreensão: esta é a grande obra da Rádio Sociedade."

Na comemoração do terceiro ano da Rádio Sociedade seu arquivo já estava amplamente organizado e continha ao redor de dez mil documentos, "alguns do maior valor para a história do rádio no Brasil". A biblioteca contava com 800 volumes e a sala de leitura dispunha publicações periódicas de T.S.F. (telefonia sem fio) e de ciência em geral (MASSARINI, 1998).

A legislação de 1932 abriu através da publicidade comercial o caminho da sobrevivência e do sucesso financeiro do rádio. O que atraiu patrocinadores foi seu enorme potencial de chegar às massas populares de consumo, em sua grande maioria analfabetos incapazes de ler os jornais... Em 1939 foi criada a "Hora do Brasil", que permitiu ao governo personalizar a relação política com os cidadãos.

Em 1940 a Rádio Nacional passa a ser um veículo de afirmação do regime Vargas, segundo a decisão do próprio Governo que encampou a empresa A Noite, à qual pertencia a Rádio Nacional. Esta emissora, líder de audiência, passa a servir como um mecanismo de "controle social" cujo objetivo era manter as expectativas sociais dentro dos parâmetros estabelecidos pelo sistema político de Vargas. Sendo um grande difusor das ideias getulistas (SWETLANA, 1985).

Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro que percebeu o potencial político do rádio e passou a utilizá-lo com autoritarismo. O DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – diretamente ligado à Presidência da República, fiscalizava o conteúdo da programação do rádio e também dos jornais, teatro e cinema.

O DIP convidava artistas famosos para a Rádio Nacional atraindo dessa forma cada vez mais audiência para sua programação. Tinha sua grade de atividades composta por quadros de notícias de caráter geral, entretenimento e notícias políticas (CALABRE, 2003).

A classe média urbana das grandes capitais brasileiras compunha o principal público ouvinte do rádio nos anos de 1940. Através do rádio recebiam uma visão idealizada da Nação e do sentimento nacionalista vigente. O rádio foi o meio no qual essa camada da população brasileira, principalmente, tomava conhecimento do que acontecia no mundo e no país, seja através das notícias e informações, assim como dos modismos culturais, entretenimentos e novidades tecnológicas. Ao longo dos anos de 1940 e 1950 o rádio teve a função de unificar o território brasileiro propiciando o encontro da modernidade com a tradição. Houve uma verdadeira padronização de gostos, crenças e valores. As radionovelas estimulavam a

imaginação do povo brasileiro influenciando novos comportamentos. Fundamentalmente, a popularização do rádio propiciou a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade fortalecendo a ideia de mobilização das massas vislumbrada pelos políticos da época (SWETLANA, Gisela).

Devido à necessidade vital de acompanhar a Segunda Guerra Mundial a Rádio Nacional do Rio de Janeiro criou o noticiário “Repórter Esso” no dia 28 de agosto de 1941. Seu slogan de “testemunha ocular da história” ecoou pelas residências cariocas durante um longo período.

O jurista ouvia a rádio de diversos países, pois a família era poliglota. O ensino de idiomas, como o francês e o inglês, formava parte da grade curricular de colégios como Pedro II, Bennet, Andrews e outros:

Em 30 de maio de 1942 janta com sua sogra e depois ouvem o rádio:

“À noite, Amelinha janta conosco. Depois, ouvimos rádio. Nova York dramatiza o torpedeamento do “Comandante Lyra”. E divulga – antes do Rio de Janeiro – o nome do avião brasileiro que pôs a fundo o submarino alemão: Oswaldo Pamplona da Silva. Chama-o de “herói”. Antes assim!

O apresentador Barbosa Junior, nessa época trabalhando na Rádio Nacional, era ouvido pelo jurista e sua família. Este locutor alcançou um grande sucesso no rádio como humorista e criou uma linguagem original cheia de bordões:

“Em 2 de abril de 1944

À noite, ouvimos rádio. Não o internacional, que o noticiário de guerra já não traz novidades. Ficamos mesmo cá por casa ouvindo “barbosadas” (Barbosa Júnior). Até as 10 hs.(...)”

No domingo, dia 18 de julho de 1943, escutam notícias e programas da Rádio Nacional e do mundo. Destacamos o programa norte-americano “Barão Eixo”. É importante observar que sob a coordenação do OCIAA (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs) se iniciou uma campanha publicitária direcionada à classe média brasileira. O incentivo era ao consumismo de luxo, principalmente, roupas caras e eletrodomésticos sofisticados, objetos de aquisição impensáveis para a grande maioria do povo brasileiro. Criando assim a noção de que tudo aquilo que era norte-americano era superior, melhor.

Os programas radiofônicos e as produções cinematográficas norte-americanas enfatizavam os produtos de consumo, o ideal norte-americano, e, fundamentalmente, a propaganda da guerra. Por trás dessa política ideológica podemos encontrar também as bases do “Destino Manifesto”⁴¹

Nos anos de 1940, programas de rádio transmitidos desde o território americano tinham ampla penetração em todo o Brasil. O OCIAA através da rádio *A Voz da América* com suas antenas voltadas para o nosso país apresentava a cobertura em tempo real da guerra com campanhas ideológicas incitando aos brasileiros o quanto era bom ser “americano”. A cultura norte-americana, seus usos e costumes, era divulgada permanentemente. As publicidades direcionadas principalmente à classe média e aos jovens de faixa etária entre vinte e cinco e trinta anos em programas radiofônicos eram intensas e fortemente planejadas.

Bons exemplos de propaganda de guerra foram programas como “O Brasil na Guerra”, “A Família Borges” e “Barão Eixo”:

“Chegamos à casa de Mamãe às 8. O lanche de todos os domingos. Com Dr. Agenor. Edgar continua em repouso. Ouvimos o rádio de Londres até 9 ½. Boas notícias da Sicília e da Rússia. Ouvimos, também, na Rádio Nacional, o Barão Eixo. Engraçado. A “bola” de hoje foi apresentar como “arma invisível” do Eixo a esquadra italiana...”

No trecho a seguir notamos a importância da preservação da memória da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro após vinte anos de sua criação por meio da celebração desta data:

Em 20 de abril de 1943:

“Jantar calmo. Vou, depois, levar Ana Maria. Em casa de Mamãe, todos se reúnem para ouvir o rádio. É que o Edgar fala. Fala na comemoração do 20º aniversário da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. E fala muito bem, fazendo o elogio de Roquette Pinto. Volto à casa às 10 horas. Fico, ainda, de conversa com Gilda. E dormimos às 11.”

41 O Destino Manifesto é um conceito criado no séc. XIX pelos Estados Unidos que difunde a crença de que o povo deste país é eleito por Deus para dominar e civilizar toda a América, sendo assim o expansionismo americano seria apenas o cumprimento da vontade de Deus. (MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Formação do Império Americano (da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque). São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2005).

Em julho de 1943 o rádio informa sobre a queda de Mussolini e o jurista apela para que termine o fascismo no mundo e, inclusive, no próprio Brasil:

“À noite, jantamos com Mamãe, Dr.Agenor, Aloysio, Irene, Terezinha, Ana Maria, Anitinha, Caíco, eu e Gilda. Jantar calmo, também. O Caíco, que se queixava da falência da papelaria (Papelaria “Vitória”, de sua propriedade, que consistia em artigos de papelaria que ele colecionava supostamente para vender à família), recebeu providencialmente 200\$000 de Dr.Agenor. Para coroar a noite, o rádio informa a queda de Mussolini. Impossível prever todas as conseqüências do acontecimento que põe termo a 20 anos de fascismo na Itália. Baste, entretanto, a alegria enorme que causa em todo o mundo. É, positivamente, o fim, não só da Itália, como de todo o Eixo. A Alemanha nunca consentiria em tal desastre se não estivesse virtualmente perdida.

É preciso, entretanto, que seja a queda do fascismo em todo o mundo. Na Espanha, na França, em Portugal – e, sobretudo, aqui.”

Em 13 de janeiro de 1943 o diarista extrai de uma fonte estrangeira um comentário que apresenta a existência de um duplo conflito: o primeiro as vitórias nazistas e o segundo o conflito interno que denuncia a fragilidade da estabilidade do regime Vargas que é contestada por movimentos revolucionários no interior do Brasil. O fato de ser uma fonte estrangeira, Londres, legitima sutilmente a veracidade das duas informações:

“Às 9 horas, ouço Londres. Como sempre, otimista. Por outro lado, Berlim anuncia vitórias espetaculares. É verdade que, no meio da irradiação, diz que “o Brasil continua agitado pelo movimento revolucionário irrompido em São Paulo e na Bahia, que o governo não consegue debelar de todo”.

O jurista reflete sobre a política internacional e nacional com base em suas leituras atualizadas de periódicos, publicações estrangeiras e, principalmente, as informações recentes dadas pelo rádio. O rádio cumpre a função primordial de informá-lo sobre a vida real através dos noticiários. O entretenimento dado pelos programas humorísticos é secundário. Uma visão mais cosmopolita do mundo viria por meio da escuta da rádio de Londres e de Nova Iorque. Era a busca de um “saber social” que se fazia necessária no meio em que ele circulava e que acabava interferindo na própria vida familiar, social e cultural.

CAPÍTULO III

UM LUGAR NO BONDE: DA CULTURA

“10 de maio de 1945, quinta.

Mais um feriado doméstico, e, este, grande: faz vinte anos, hoje, que fiquei noivo! Como não nos namoramos antes, quer isso dizer que data de vinte anos a minha intimidade com Gilda. Lembro-me, como se fosse ontem, de todos os detalhes do “pedido” (...) e, aí, pela primeira vez, conversamos de mãos dadas, tendo-lhe eu dado o primeiro beijo... na mão.”

3.1. ÁLBUM DE FAMÍLIA

Na vida familiar dos anos 1940, sem televisão e sem computador, a tecnologia visual era restrita à fotografia e ao cinema. Os adultos e crianças se entretinham com jogos de tabuleiro – xadrez, bridget, damas, etc. – programas de rádio; conversas familiares e com amigos; idas à praia; passeios urbanos de automóvel; passeios de bicicleta para os mais jovens; caminhadas; passeios campestres; representações caseiras de teatro amador – no caso específico deste núcleo familiar composto pela esposa do jurista, Gilda de Almeida Rego (filha do desembargador Edmundo de Almeida Rego) era a diretora desta companhia familiar, na qual participavam como atores seus filhos, primos, sobrinhos e amigos próximos. O grupo de teatro chamava-se humoristicamente “Companhia Doméstica de Negações Teatrais”, nome criado pelo próprio jurista. As comemorações de aniversários e datas importantes também eram festividades permanentes da vida familiar.

Em uma época na qual as mulheres não tinham liberdade sexual antes do casamento e não exerciam cargos de poder, as principais funções femininas eram as de ser mãe de família, esposa e dona de casa. Cabia ao homem o papel de provedor e profissional com uma carreira bem sucedida. O filho estudava para seguir uma carreira universitária, geralmente seguindo os

passos do próprio pai, mas a filha não tinha, necessariamente, que seguir nos estudos, bastava ter um bom casamento e algum curso técnico.

Em 10 de maio de 1945 o autor relembra do início de seu relacionamento amoroso com sua esposa Gilda. O modelo de namoro e noivado era bem diferente dos dias atuais e estava pautado por um extremo romanticismo e um mínimo de contato físico:

“10 de maio de 1945, *qui*.

Mais um feriado doméstico, e, este, grande: faz vinte anos, hoje, que fiquei noivo! Como não nos namoramos antes, quer isso dizer que data de vinte anos a minha intimidade com Gilda. Lembrome, como se fosse ontem, de todos os detalhes do “pedido”: a alegria de Dr.Edmundo, a minha emoção, a perfeita serenidade de Gilda. Antes, a namorava, mas à distância, de olhar só, sem a menor certeza de ser correspondido. Só no dia 10 de maio de 1925, depois de a ter pedido aos pais, saímos a passeio no automóvel do Frederico, guiado pelo Filinto Perry, e, aí, pela primeira vez, conversamos de mãos dadas, tendo-lhe eu dado o primeiro beijo... na mão. Do que eu dizia, não me lembro. De Gilda recordo bem o estribilho com que, de instante a instante, comentava a situação: “Parece um sonho!”

Gilda dava aulas gratuitamente de teatro no colégio Bennet⁴². Observa-se que era reservada para as mulheres atividades relacionadas ao seu gênero como a docência e que a não remuneração pelos serviços prestados era considerada normal. Era quase inexistente o estímulo da sociedade para a profissionalização da mulher :

“26 de abril de 1941, *sáb*.

Sábado caseiro. Vou com Ana Maria à praia. Antes, já haviam ido o Caíco e a Gilda. Esqueci-me de registrar a grande honra que teve a família esta semana: Gilda estreou como professora de dramatização no Colégio Bennett. É pena que não renda nada. Ela bem que merecia uns cobres. Enfim, salve-se a honra...”

Em 30 de junho de 1940, o autor descreve uma cena típica da vida familiar durante as férias de inverno, que duravam um mês inteiro, a família janta em um ponto de encontro familiar, a lanchonete “Americana”– e o faz rapidamente como denota a expressão da época “jantar de assobio”.

42 O Colégio Metodista Bennett, situado na Rua Marques de Abrantes no Flamengo, foi criado em 1888 e sempre privilegiou o ensino da língua inglesa e das Artes. (site do Bennett, colocar).

Ouve um programa de rádio humorístico e depois joga o “Disparate”⁴³:

“Jantar de assobio. Os meninos lancharam na “Americana”. Gilda jejuou. Eu comi uma omelette, arroz e tangerinas. Depois, ouvimos a hora dos calouros. Jogamos “disparate”. Rimos um pouquinho. Muito pouquinho. O fim das férias entristece a Ana Maria e a nós também.”

Em pleno sábado à noite, dia 17 de julho de 1943, a diversão é encontrar familiares, jogar xadrez com o filho caçula, ler e escrever. O jogo de xadrez, constantemente aparece como um meio lúdico que estimula a relação entre os adultos e as crianças:

“Amelinha não vem jantar conosco. Quem vem é Mamãe. Fica na nossa companhia até as 9 ½. Jogo xadrez com o Caíco até as 10 hs. Das 10 às 11 ½, leio e escrevo. Durmo à meia-noite.”

Em 1 de janeiro de 1943 tentavam alugar seu próprio apartamento durante o verão, com tudo dentro, para poder veraneiar em alguma cidade de montanha com esta renda. Jogavam um jogo de varetas chamado “Bridget oriental”:

“Jantamos com Mamãe. A casa ainda não se alugou. Gilda já desanima. E não é para menos. Vamos ver se, aumentando o calor, a coisa se decide até 2ª feira. Conversamos e jogamos "Bridge oriental" até 11 ½. De volta à casa à meia-noite, não faço mais nada.”

Em 8 de janeiro de 1943 projetam filmagens caseiras feitas pelo irmão que era professor de ciências e utilizava estas imagens em suas aulas de forma pioneira, e pelo cunhado do jurista, o médico, bem sucedido, Aloysio Moraes Rego:

“À noite, serão. Na própria sala de visitas, o Edgar exhibe imagens do Brasil e o Aloysio passa o filme do nosso passeio ao Jardim Botânico. Há duas visitas: o Flávio e a Célia Pope. Ficamos até dez horas. O Caíco volta esperto. Dormindo até mais tarde, deita-se, sem esforço, tarde. Hoje, não toma Coca-cola. E fica contentíssimo por me ver dormir à mesma hora que ele.”.

Em julho de 1943 ele volta de noite do trabalho e seu entretenimento é brincar com bolinhas de gude com o filho que faria 10 anos de idade naquele ano:

43 Disparate: Disparate: jogo de salão, feito em roda, em que cada participante deve escutar uma pergunta segredada pelo vizinho de um lado e uma resposta cochichada pelo outro vizinho (que não ouviu a indagação), para só então anunciar ambas, em geral disparatadas”

“Passo a noite jogando gude e conversando com o Caíco. É um encanto de receptividade esse menino. Faz gosto. Vamos dormir depois das 10 ½.”

Em 17 de janeiro de 1943 a guerra está presente no convívio familiar deste verão em meio aos jogos de tabuleiro:

“Saio, à noite, para levar Terezinha. Faço-o depois que Londres anuncia novos êxitos da ofensiva soviética, a única coisa que anda nesta guerra. É verdade que a RAF bombardeou Berlim. E que Mac Arthur, o “herói americano”, continua vivo.

De volta às 10, ainda encontro o pessoal nos pauzinhos do “bridge” e Mamãe no xadrez com o Caíco e Ana Maria. Só às 11 horas vamos dormir.”

Em 19 de janeiro de 1943 o aparelho de som “moderno” da época chamava-se “eletrola” e era restrito às classes de poder aquisitivo mais alto, apenas o cunhado, médico da família possuía um:

“Jantar às 7 ½ com o pessoal de costume. Depois, em vez do jogo dos pauzinhos, música, ótima música, na eletrola magnífica de Aloysio. Dormimos à meia-noite.”

Em 20 de janeiro de 1943 escutam cantores franceses:

“À noite, renovamos o espetáculo musical da véspera com Georges Boulanger e Luciene Boyer. Uns pauzinhos de permeio. Dormimos às 11 ½.”

Em 21 de janeiro de 1943, na parte da manhã, escreve à mão cartas aos parentes e amigos, ao invés de telefonar. Merece destaque a relevância e diversidade de funções da correspondência epistolar no círculo familiar e social ao qual pertence o autor. O autor escreve cartas ao irmão e amigos com os quais tem uma relação profunda, os cartões são reservados para os registros de eventos sociais cumprindo a função de reforçar e dar continuidade as relações com os mais distantes. Depois vai à praia com toda a família:

“Até as 10 horas fico na varanda escrevendo. Faço uma carta ao Edgar. Outra, ao Calmon. Cartões ao Luciano Lopes sobre o nascimento da filha e ao Ribeiro da Fonseca agradecendo votos de bons anos. Às 10 ½, vou à praia. Queimo-me muito. Com Gilda, Anitinha, Ana Maria, Caíco, Terezinha e Aloysio.”

Em 22 de janeiro de 1943 passa toda a tarde com seu filho. Buscam revelações de retratos de sua esposa, revistas encadernadas e compram livros infantis. A fotografia na época ocupa um lugar importante nas famílias pois periodicamente se retratavam os membros da família acompanhando seu

crescimento e evolução. Ao guardá-los posteriormente em álbuns, estes se constituíam em narrativas das histórias da família. Sobre as coleções do Reader's Digest estas comprovam a divulgação da propaganda norte-americana que influenciava decisivamente os gostos e percepções destes círculos sociais. Finalizam a tarde indo ao cinema assistir sessões contínuas de filmes. O acesso às telecomunicações e transportes eram precários e escassos e apresentavam dificuldades:

“Almoço rápido. Não saio logo. Demoro-me lendo e conversando. Vou à cidade às 2 ½, com o Caíco. Apanho, primeiro, os retratos de Gilda. Ficaram excelentes. Depois, vamos à encadernação apanhar as *Seleções do Reader's Digest*. A seguir, às livrarias da Rua São José comprar livros para o filho do Venancio e para Anitinha. Por fim, vamos ao cinema, ao “Opera”. Entramos às 4. Vários filmes. *Eles beijaram a noiva*, tapete mágico sobre o Canadá, jornais, comédias, o diabo! O programa, que o anúncio dizia terminar às 5 e 55, acaba às 7 ½. Saio afobadíssimo. Não consigo um telefone disponível para avisar a Gilda. Afinal, conseguimos lugar num ônibus. Disparada. No Mourisco enguiça. Baldeação para o bonde. E este, até a Praça Serzedelo apenas. Chegamos em casa às 8 ½.”

Em 31 de janeiro de 1943 escreve o cardápio das refeições na pensão de Javari onde passaram férias de verão. A comida é simples e farta, dentro de uma tradição culinária que exclui sofisticadas gastronômicas:

“O almoço corre sem maiores novidades. Farto e bom. Canja. Assados. Churrasco. Feijão. Doces. É aniversário da mãe do dono da pensão, o Sr. Plínio. Há churrasco no terreiro oferecido a todos os fazendeiros vizinhos.

À tarde não saímos. Chove. Quero ver se posso escrever cartas mas não consigo. Minha facilidade de redigir, nunca desmentida, sofre agora um colapso. Paciência.

Lanche às 5. Uma nota “diferente”, deu-a o Caíco. Foi passear de bote no lago. Todo vestido de montaria. E caiu n'água! Veio molhadinho...

O jantar foi servido às 7. Bem razoável. Caldo de galinha. Empadas de galinha. Carne assada com espinafre. Pudim de creme. Café.”

Em 2 de fevereiro de 1943, de férias em Javari, passeios a cavalo registrando uma verdadeira cartografia da região e dando notícias do desenvolvimento urbanístico das pequenas populações locais. Javari, Miguel Pereira e Portela são descritas e comparadas também desde o ponto de vista demográfico:

“Café às sete. Às 8 ½, os meninos já se movimentam para a passeata matinal. Hoje, o programa é Miguel Pereira. Vamos – Caíco a cavalo; Gilda, Terezinha e Ana Maria de “*charrette*” – e eu, a pé. Saímos às 9. Em meio do caminho, chove. Ainda assim, prosseguimos. Miguel Pereira, mais nova que Portela, já é muito mais adiantada do que ela. Uma lenda o dizer-se que fica à mesma distância de Javari que a outra. Dista quase o dobro. Suporto bem a ida, mas sucumbo na volta. Ao contrário de Portela,

há muito movimento nas ruas. Homens, moças, meninas. Muitas casas, também, e infinitamente mais bonitas. Chegamos às 11 e pouco.”

Em 2 de fevereiro de 1943, o lanche típico da tarde. A alimentação baseia-se nos produtos da terra e a fartura insistentemente destacada:

“No lanche, nenhuma novidade. Em vez do milho assado, bolos de farinha de milho, muito pão, muita manteiga, muito leite, e, desgraçadamente, muito apetite em todos.”

Em 3 de fevereiro de 1943, de férias na pensão em Javari a atualidade política nacional acompanha a família ao mesmo tempo que os entretenimentos familiares:

“Jantar calmo e bom. Depois, conversa. Uma notícia triste, a morte do filho do Getúlio, em São Paulo. O sabujismo indígena dá-lhe uma nota de grotesco exagerando as manifestações de pesar. Que o enterro saia do Palácio dos Campos Elíseos, compreende-se. Mas que o comércio feche à passagem do féretro é positivamente excessivo. Enfim, cada um sabe o que faz.

Como Gilda fale do “teatro” dela, revelam-se logo vocações. E as crianças da pensão se exibem num espetáculo improvisado, a que não assisto, porque, como de costume, me recolho no quarto desde as 8 horas.”

Em 10 de fevereiro de 2013 distrai-se com os hóspedes da pensão e nos enumera uma relação variada de brincadeiras com jogos de palavras, bastante populares à época:

“Depois do jantar, fiquei na varanda brincando com os hóspedes. Diverti-me a valer com as brincadeiras. O “A minha vizinha tinha um galo”. O “D. Mariquinhas passou por aqui”. O “recado telefônico”. O “está aqui a flor (que aquele senhor mandou para aquela senhora...)”. O “passo esta tesoura”. Em todos, tomamos parte eu, o major, D. Vitória e a criançada.”

Em 13 de fevereiro de 1943, os jornais trazem os discursos dos líderes ocidentais das forças aliadas. Cabe registrar que na época a imprensa costumava disponibilizar espaço para a íntegra dos discursos de líderes e chefes de Estado. Atualmente isto é impraticável pela economia de espaço e a multiplicidade de informação disponível:

“Depois do jantar, fico conversando um pouco com o Sr. Plínio. Ele me dá os jornais da tarde. Os discursos de Roosevelt e Churchill são de invulgar otimismo. Roosevelt fala em entrar com os exércitos das Nações Unidas até as ruas de Roma, de Tóquio e de Berlim. Ainda bem!”

Em 14 de fevereiro de 1943, além de dar continuidade aos hábitos epistolares que já destacamos, o autor descreve um passeio ao ar livre em tom de aventura:

“À tarde, escrevo à Mamãe. Converso um pouco na varanda. E, por volta de 1 ½, decidimos fazer a escalada do morro da fazenda. Vamos: eu, Gilda, Ana Maria, Caíco, o Major, seu Plínio, Norma e Neyse, Terezinha, José Antonio e o pai. A empresa excede de muito as nossas forças. Não resta dúvida que o panorama, que se descortina, é magnífico. Mas, para se chegar ao cume, que canseira! Mais do que isso, mesmo, que perigo! O engraçado é que todos se assustam apenas com a subida, que é realmente impressionante, pois só há caminho até a terça parte do morro, o resto tem que ser vencido alpinisticamente. A descida, entretanto, parece muitíssimo pior. Só o contemplar do alto o que se percorreu dá ímpetos de a gente projetar-se no abismo, sem maiores cuidados. O ter de vir descendo passo a passo, sob a impressão de que uma pisadela em falso pode acarretar a morte, dá um calafrio indescritível na espinha! Mas, afinal, vencemos toda a caminhada, chegando, de volta, ao hotel às 3 ½.

15 de fevereiro de 1943, o autor confirma, mais uma vez, a importância das cartas e das fotografias, neste caso como elementos que valorizam a auto-estima e a individualidade do seu filho caçula :

“O Caíco fica satisfeitiíssimo com as cartas que recebe das duas avós. Tem a volúpia de ser lembrado. Quando não lhe endereçam os bilhetes, nem os abre... Sua alegria, hoje, foi, aliás, enorme, porque o Dr. Rubens trouxe do Rio o seu primeiro filme revelado e ele verificou que as suas fotografias saíram ótimas”.

Em 16 de fevereiro de 1943, o autor não descuida seus compromissos intelectuais e de amizade, dedicando-se à revisão de um livro de Roberto Lyra⁴⁴, ao mesmo tempo que observa como o teatro familiar durante as férias de verão se configura como um entretenimento coletivo que reflete as relações humanas e seus sentimentos, brigas, reconciliações, vaidades, entre outros:

“Depois do almoço, venho para o quarto. Lavo, eu próprio, as minhas calças brancas, para poupar trabalho à Gilda. E fico a trabalhar na revisão do livro do Roberto. Termino o segundo capítulo, deixando, todavia, em suspenso as finais para as atualizações necessárias. Gilda fica dormindo. E as meninas, felizmente, se reconciliam com as outras. Não farão mais a “revista” projetada. Substitui-a uma peça aparecida num almanaque, que tem papéis bons para todas. No curso dos ensaios a própria Gilda se anima e antes do lanche já lá está a dirigir a criançada.

Em 17 de fevereiro de 1943, aniversário do autor do diário, é curioso como o autor descreve seu aniversário de um modo poético relatando sua própria reflexão sobre o sentido da vida. Nesta reflexão a família ocupa um papel central em que

44 Roberto Lyra (1902-1982). Foi um jurista, advogado criminalista, professor e político brasileiro. Autor de várias obras sobre Direito Penal. Durante o governo de João Goulart (1961-1964) foi Ministro da Educação. (Dicionário Histórico Brasileiro pós 1930. 2a ed.. Rio de Janeiro:Ed. FGV, 2001).

todos são lembrados, do passado ao presente, de uma certa forma fazendo alusão à continuidade de uma linhagem. Nesta se destaca a honra como elemento que confirma a felicidade do indivíduo e a identifica com o dever cumprido perante o próprio círculo familiar:

“17 de fevereiro de 1943, *qua*.

Entro no quadragésimo quinto ano da existência. Furtivamente. A medo. Neste recanto do sertão, onde nunca pensei comemorá-lo.

Acordo muito cedo. Nem me dei ao trabalho de saber a hora. A luz apenas desenhava, na escuridão do quarto, o contorno da janela.

Respeito o sono dos demais que dormem calmamente. Não me levanto. Limito-me a cruzar as pernas na própria cama. E a deixar o pensamento solto. Numa oração sem palavras, identifico-me a meus mortos. Revejo-os. Evoco-os. Desde os mais antigos aos mais recentes. Aproximo-me, depois, dos ausentes. De Mamãe. Dos irmãos. Dos tios. Dos primos. Dos amigos. Dos colegas.

Quando o desfile acaba já é dia aberto. Sento-me, então, na cama. E o barulho desperta os dorminhocos dos dois quartos. Recebo o beijo de Ana Maria, primeiro. De Terezinha, depois. Do Caíco, a seguir. O de Gilda vou buscá-lo à cama dela, no quarto contíguo ao meu.” (...) “Às 8 horas, deixo a fazenda, sem rumo certo. Continuo, na caminhada a esmo, a vigília religiosa da manhã. Sigo as sombras amigas que me cercam. Penso em mim, na minha vida, nos meus sonhos tão grandes, nas minhas realizações tão pobres, tão pequenas. Mas não me entristeço. Nesse capítulo de negativas, fica-me ainda um saldo. Nunca manchei meu nome. Nunca dei um desgosto a minha mãe. Nunca fiz o que quer que pudesse me envergonhar diante de meus filhos. Julgo-me, pois, feliz.” (...)

À tarde resolvemos passear de *charrette*. Mas uma delas está pintando. E a outra, só, não resolve. Fretamos, então, de sociedade com Dr. Rubens e D. Vitória, a “vitória”. Saímos às quatro horas e voltamos às cinco e meia. Mas não gostamos do passeio. Não pela companhia, que foi ótima. Pelo próprio veículo. A “vitória” é uma relíquia histórica. Incômoda. Pesadona.(...) Antes do jantar, ainda andamos de barco, remado pelo Caíco. Depois, ainda aprendemos a cortar a cauda a dez patinhos nascidos ontem.”

Em 20 de fevereiro de 1943 comenta sobre a obra de construção da Av. Getúlio Vargas (futura Av. Presidente Vargas). Este tipo de anotação é recorrente no autor que não perde oportunidade para noticiar sobre todo e qualquer tipo de transformação urbanística ou de percurso geográfico como observamos em trechos analisados anteriormente. Este detalhamento na contextualização geográfica e urbanística, seja no meio rural ou na cidade reflete a precisão e o cuidado que são próprios do homem moderno da época, consciente de seu tempo e de seu espaço :

“O lanche ocorre calmo. A única novidade é a chegada do pai do, José Antonio, que vem dizendo estar o Rio asfixiante. O centro da cidade, então, com as demolições da última etapa da Avenida Getúlio Vargas, está irrespirável.”

Em 2 de março de 1943 faz ginástica em casa seguindo as instruções da revista *Reader's Digest* que servia como um guia comportamental introduzindo os benefícios dos exercícios físicos. O culto ao corpo e a busca pela vida saudável tão propagada pela publicação norte-americana fazem efeito no autor:

“Acordo às 6 ½. Vejo, com surpresa, no quarto de Mamãe, o Edgar. Chegou, hoje, à 1 da manhã. Passo das 6 ½ às 7 ½ na varanda, sob o sol. Faço os primeiros exercícios de ginástica ao ar livre, de acordo com as instruções do *Reader's Digest*. Sinto-me bem, mas cansado.”

Em 11 de março de 1943 vemos que o autor convive com uma cultura erudita clássica de origem europeia, muito própria da sua geração anterior. Chopin e Beethoven formavam parte do repertório da educação musical feminina. Os serões musicais permitiam momentos de convivência entre as diferentes gerações e compartilhar o gosto por determinados bens culturais. Isto propiciava uma certa fluidez nas relações familiares estabelecendo códigos comuns:

“À noite, ainda visitas. E a grande nota: no piano que Dr. Agenor dá à Anitinha, Mamãe recorda as músicas prediletas de outrora. A memória não está irrepreensível nos detalhes. Mas o conjunto tem a mesma majestade antiga. E encanta-nos tanto como a ela. Nos primeiros acordes da *Sonata ao Luar* de Beethoven e no *Noturno nº 2* de Chopin consegue efeitos estupendos. Todos a aplaudem muito. Carmen volta para ouvi-la. E o Caíco e Ana Maria se extasiam com ela.

Dormimos às 11 horas, deixando ainda visitas na sala.”

Em 12 de março de 1943, o autor nos revela uma rotina familiar que se mistura com suas obrigações de cidadão, ao mesmo tempo que percorre um roteiro de livrarias procurando encomendas de seus filhos e oportunidades para si próprio, o autor cumpre rigorosamente com a tributação de guerra que forma parte do esforço bélico que envolve toda a nação. Merece destaque o registro sobre a existência de livrarias de aluguel, um gênero hoje desaparecido e que tem sua razão de ser pelo alto custo do livro naquela época, ainda para as classes médias:

“Saio de casa às 3 horas da tarde. O gosto do Caíco pelo jogo de xadrez prende-me até esta hora para diverti-lo. Aliás, a perna não o tem incomodado nada. Anda como se a tivesse em perfeitas condições. Apenas, por prudência, não a força contra o chão.

Vou, primeiro, ao Imposto de Renda pagar a minha contribuição mensal de guerra. Já o encontro fechado. Vou à livraria de aluguel ver o livro pedido por Ana Maria. Encontro-o felizmente. Vou à procura do Teixeira, a ver se abrevio uma encomenda do Caíco. Não o vejo, porém nos pontos habituais. Corro, então, as livrarias da Rua São José. Nada de novo, nem de acessível.”

Em 13 de março de 1943, o diarista, como de hábito, acompanha as notícias do conflito bélico e simultaneamente se ocupa das atividades familiares. Além de comentar os fatos, ele se permite comentar a própria análise dos comentaristas e deixa claro que seu compromisso é com as democracias, ao ponto de utilizar a palavra com maiúscula. A identificação das democracias com as potências aliadas pode parecer polêmica pela presença da antiga URSS entre elas. O programa com a família é ir ao cinema. Filme norte-americano protagonizado com o astro hollywoodiano Gary Cooper cujo tema é a Primeira Guerra Mundial facilitando assim a comparação com a realidade do autor:

“As notícias da guerra voltam a inquietar a gente. Antes do inverno terminado, já os alemães estão contra-atacando com êxito, e conseguem “superioridade numérica” que ameaça a Karkov. Será que nem assim ingleses e americanos se convencem de que já é tempo de abrir a segunda frente? As *Diretrizes* de ontem têm um artigo magnífico do Nemo Canabarro Lucas sobre o assunto. É admirável a serenidade com que consegue versá-lo, pulverizando os argumentos comodistas dos que julgam possível contemporizar ainda com o dever inadiável das Democracias nesta hora. (...). Os jornais dão notícias confusas sobre a guerra. Parece que os russos detiveram o contra-ataque alemão em Karkov. Entretanto, embora os jornais não digam, sabe-se que foi torpedeado em Cabo Frio mais um navio brasileiro, o “Comandante Riper”.

(...)Saímos logo após, eu, Gilda e Ana Maria, para o “Rex”. Filme, o *Sargento York* com Gary Cooper. Possivelmente inverossímil quanto à guerra de 1914. Mas magnífico de emoção e de verdade quanto à adolescência descuidada do herói antes do “estalo” religioso.

Conseguimos vir de ônibus para casa, embora eu viesse em pé. Dormimos à meia-noite e pouco, porque eu ainda leio dois capítulos do *Dafne Adeane*.”

Em 17 de março de 1943, encontramos o registro de outra atividade constante da família, a ida ao teatro. Observamos que prestigiavam a produção nacional. Reparamos nas dificuldades em obter transporte público:

“À noite, vamos ao Teatro “Carlos Gomes”, eu, Gilda, Ana Maria, Terezinha e Dalva. Representação patrocinada pelo Instituto de Cultura. Peça do Francisconi, que também toma parte no desempenho. Bem razoável o espetáculo. Infelizmente termina à meia noite, o que nos preocupa quanto à condução. Mas já nos dirigíamos para o bonde quando, no Tabuleiro da Baiana, encontramos um ônibus de “Estrada de Ferro-Ipanema”.

Dormimos à 1 hora”.

Em 2 de abril de 1943, sua rotina familiar com a companhia do filho caçula no cabeleireiro e nos habituais jogos de xadrez. Fica clara a forte ligação entre eles pois

o pai está presente em muitas atividades do menino. Existe uma relação de companheirismo de gênero entre pai e filho. À noite realizam o programa favorito da família, a ida ao cinema, filme norte-americano protagonizado pela estrela Dorothy Lamour e como acompanhamento um episódio dos seriados cinematográficos populares na época:

“Não me sinto com disposição para trabalhar. A vista dói-me muito. Fico esperando a chegada do Caíco, com quem vou, às 4 ½, ao cabeleireiro. De volta, jogamos xadrez. Até o jantar. Depois do jantar, que tem a presença de Carmen, saio com ele. Vamos ao “Americano”. Um filme bonito: *Além do horizonte azul*, com Dorothy Lamour. Complementos razoáveis. O filme de episódios (filme “em série”) que já víamos no “Pirajá”. Dormimos às 11 ½.”

Em 6 de abril de 1943:

“Às 5 h., na Academia Carioca. Sessão incrivelmente concorrida. Presença de 14 acadêmicos: eu, o Afonso, o Martins de Oliveira, o Phócion, o Leôncio Correia, o Lagden, o Luciano Lopes, o Prado Ribeiro, o Orciuli, o Jucá, o Modesto, o Melo e Souza e o Nogueirinha. Leio a ata e o expediente. Fala o Afonso. Falam outros. Duas coisas aproveitáveis: o Prado Ribeiro desanca no livro do Nogueirinha sobre *Gonçalves Dias e Castro Alves* – e o Melo e Souza faz o elogio de *O Professor Ideal* do Luciano. A sessão se prolonga até as 7 ¼.”

Em 13 de abril de 1943, temos o exemplo de um outro tipo de atividade familiar e social de conteúdo intelectual, as conferências ou palestras que faziam parte das atividades de seu meio social. Neste caso uma conferência sobre a vida de Thomas Jefferson, figura central no processo da revolução americana e de sua constituição. Observamos o contexto político-institucional em que se realizou esta atividade: na sede da associação brasileira de Imprensa, organizada pela Sociedade Amigos da América com uma prestigiosa mesa de representantes nacionais e estrangeiros que o próprio autor denomina como “figurões”. A contundência da oratória e a ousadia dos conteúdos chegam a emocionar o público. O autor aproveita para registrar os laços de amizade com o palestrante, uma figura relevante no cenário da época e a repercussão social desta proximidade:

“Às 5 ¼, encontro-me, novamente, com Gilda e Ana Maria para irmos à conferência do Ivan Lins sobre “Jefferson”, de que se comemora hoje, o segundo centenário do nascimento. Sala repleta, a da A.B.I. Presidência do Manoel Rabelo, pois foi promovida pela Sociedade Amigos da América. Mesa constituída por almirantes, embaixador da Bolívia, representante do Caffery e muitos figurões. Magnífica, a conferência. O Ivan está perdendo as meias tintas. Está falando tudo, com um desassombro raro. Deve ter arrepiado os bonzos da mesa. Mas encantou a assistência. A própria Ana Maria entusiasmou-se. Eu e Gilda, fãs antigos, abraçamo-lo comovidos. E ele, em meio a toda gente, prometeu visitar-nos.”

Em 5 de setembro de 1943, temos o retrato de uma cena de jantar na casa da matriarca da família com alguns membros do clã familiar interagindo solidariamente entre eles. O Edgar entretendo com seus filmes habituais, o Aloysio prestando assistência médica a outros familiares:

Chegamos à casa de Mamãe às 6 ½. Ouvimos rádio até às 7 ½. Jantar calmo. Sem muita gente. E com a habitual de bom humor. Às 9 horas, porém, o Plínio telefona chamando o Aloysio porque Adele estava passando mal. Toda a tranqüilidade foi-se embora. Em vão Irene telefona depois, tranqüilizando. E o Edgar procura distrair Mamãe, projetando “imagens do Brasil”. Às 10 horas voltamos para casa. E, antes das 11, já estou na cama.”

Aspectos da vida familiar em 11 de setembro de 1943, o jurista se mostra como um protótipo de pai de família e marido afetuoso e cooperativo. Com naturalidade acompanha o filho para posar em uma fotografia, copia os poemas de seu filho e ainda passa a limpo o programa de uma peça do teatro doméstico, leva a sogra ao ponto do bonde e depois continua colaborando com sua esposa. O autor se multiplica, parece onipresente:

“À tarde, não consigo trabalhar. Como tenho que ir com o Caíco ao fotógrafo, pois preciso de um retrato *atual* dele, não distraio a atenção da pessoinha dele. Começo a passar a limpo o programa que Gilda encomenda. Depois, copio as suas poesias. E, nisso, vou até a hora de sairmos. Saímos. Lanchamos. Ele *posa* admiravelmente. Depois, de volta, ainda me entrego à cópia das suas poesias.

Jantamos às 7 ½. Com Amelinha. Vou, depois, levá-la ao bonde. Dalva leva Ana Maria. De volta, fico a trabalhar com Gilda nos clássicos cartazes do teatro doméstico. Será representada a peça *Por onde andaré tia Nastácia?* que Gilda extraiu do *O Minotauro* de Lobato.

Vamos dormir às 11 ½.”

Aniversário de 10 anos do “Caíco”. Neste trecho observamos nitidamente a importância que o filho representa na vida do autor. Se nesse dia a Gilda é fundamentalmente “mãe”, o autor nesse dia é fundamentalmente “pai”. Desde o início da jornada do dia sua visão é poética, característica esta que já observamos no seu próprio aniversário. O imenso afeto pelo filho o leva a focar cada detalhe da preparação do aniversário que se transforma em um grande

acontecimento com recital de poesia, peça de teatro e projeção de filme. Destacamos a poesia feita pelo próprio filho sobre seu decenário, transcrita na íntegra dentro do diário demonstrando assim o sentimento do pai:

“17 de setembro de 1943, sex.

O dia amanhece com a consciência plena do que representa para a minha vida: de sol, de belo sol, de luz magnífica e gloriosa. *Glorious day*: o Caíco dormiu conosco. Contentíssimo. Acha que os dez anos, que completa hoje, representam o fim da sua infância, a chave da sua “independência”. Disse isso, insubstituivelmente, na sua linguagem — a poesia:

Meus 10 anos

Completarei meu decenário.
Ansioso espero o aniversário,
O começo da independência minha
Que há tanto tempo eu vinha
Pensando em proclamar.

Nas minhas mãos há de ficar
Meu corpo, a minha vida.
Não a sentirei jamais florida
Como a senti na meninice.
Embora não desistisse
De pensar como hoje penso.

Porém o peso será imenso
Para eu, tão pequenino.
Minha alma de menino
Será de criminoso.
Meu coração bondoso
Será de pedra dura.

Enfim, será loucura
Vaguear pela deserta rua
Olhando somente a lua
E me deixando acabar...

Não! Com meus pais hei de morar.
Obedecer a eles é o meu dever.
Então, quando eu crescer,
Viverei por sangue meu
O destino que o mundo me deu.

10.09.1943

Toda a manhã, passo-a desambientado. Não sei o que fazer. Não tenho coragem de pegar nos processos. Não sei fazer nada que não diga respeito a ele e ao seu dia.

Ele sai de casa à hora habitual. Mas, diferente. Vestidinho de novo. Com sapatos novos. Camisinha de seda. Roupa nova. Todo de cerimônia. Fiquei a vê-lo da janela. Enquanto esperava o ônibus do colégio, tinha os olhos nos pés. E ria-se sozinho...

A mãe, que trabalhou até depois da meia noite, levantou-se desde cedo e faz tudo na casa. É cozinheira, copeira, arrumadeira, telefonista, doceira. É, sobretudo, mãe.

Visto-me, para sair às 9 horas. Vou à cidade comprar lâmpadas. Volto, depois, para comprar flores. (...).

Em casa às 6 horas. Encontro o espetáculo já começado. Isso não impede que o Caíco corra a me abraçar satisfeitíssimo com a minha chegada, ainda que atrasada. Depois da representação da peça *Por onde andar* tia Nastácia? Extraída por Gilda do "O Minotauro" do Lobato, há leitura dos versos do Caíco e sessão de cinema pelo tio Edgar. Tudo corre bem. Mas a invasão da criançada ultrapassou todos os limites. Havia mais de 30, seguramente. E algumas com os respectivos pais! Ambiente superlotado, pois. Irrespirável, mesmo. A comida chegou, porque foi farta. Gilda deve ter gastado muito. Enfim, não se fez feio.

À noite, o Caíco se compraz em mostrar os presentes. Foram muitos. E alguns, ótimos. Irene e Aloysio deram uma caneta Parker autêntica. Mamãe e Adele, 100\$000 cada uma. Livros e jogos em quantidade. D. Amélia Duarte mandou um xadrez muito bonito e ainda um livro do Lobato. Uma noite cheia para o "bichinho".

Em 4 de abril de 1944 o comentário dos amigos da Academia Carioca de Letras sobre o livro de poesia do Caíco é registrado paralelamente aos comentários sobre as obras de intelectuais reconhecidos. O reconhecimento é tido como uma consideração ao casal Sussekind de Mendonça e a família Mendonça em geral o que o deixa muito emocionado:

"Saio do Conselho e vou para a Academia Carioca. Sessão comum, semanal, na A.B.I. Eleição do Silva Araújo. Oração do Modesto de Abreu sobre Vitor Alves. Distribuição do livro de Roberto Macedo, *Efemérides Cariocas*.

A certa altura, o Fócion Serpa pede a palavra. E, a propósito da crônica de Lemos de Brito, fala dos versos do Caíco. Impossível dizer o que ele disse, tal a emoção de que me possuí. Sei que falou da inteligência dos Mendonças. De mim. De Gilda. Do lar de que essa criança de dez anos era fruto. Da probidade que presidira à confecção do livro, colecionando os versos tais quais eram, sem retoques, nem enfeites, na fragrância de sua espontaneidade. Acaba por lembrar que a Academia já conhecia o poeta. Quem não se recordava daquela figurinha viva que não perdia as minhas conferências e as acompanhava com os olhos e o coração?

Fiquei literalmente arrasado.

Em casa, para jantar, às 8 horas. Indescritível o sucesso da *Vanguarda*! Dou o primeiro recorte ao Caíco, que o lê extasiado. Dou um segundo a Gilda. Um terceiro a Ana Maria. Um quarto a Dalva. Todos se emocionam de verdade."

Em 19 de setembro de 1943 a vida familiar está "azedada". O curioso é que o motivo é a "educação", esta é fundamental para a família a ponto de motivar conflitos. Este grupo encontra na educação o meio principal de reconhecimento social:

“(...) Em casa de Mamãe, às 6 ½. Já lá está Gilda. Jantar às 7 ½. Um pouco frio. Dr. Agenor sai sem sentar-se à mesa. Aloysio chega muito tarde por causa de um desastre que encheu de feridos o hospital. Edgar azedou com Ana Maria, como acontece sempre quando lhe explica Matemática. Gilda azedou com Irene a propósito de educação e Irene azedou com Ana Maria pelo mesmo motivo. Noite azeda, pois.

De volta, antes das 10. Abro as folhas do livro *Eterno Motivo* do Araujo Jorge, que comprei para Gilda. Leio, ainda, alguns pareceres do Romão e do Plácido em matéria de revisão.

Vamos dormir pouco depois das 10 ½.”

Mais vida familiar em 26 de setembro de 1943. A vida familiar transcorre misturada com as atividades intelectuais e as notícias da guerra se entrecruzam com as notícias sobre a saúde dos familiares:

“Às 2 horas, visto-me. E fico jogando damas com Gilda, tocando vitrola, lendo, matando o tempo à espera dos estudantes que deveriam vir, com o Leônidas Marafelli, convidar-me para “orientar” a revista *Renovação*. Devem ter desistido no meio do caminho, porque não apareceram. Quem telefonou foi o Américo Jacobina, diretor da “Casa de Rui Barbosa”. Convidou-me oficialmente para prefaciar a coletânea do *Diário de Notícias*, 2ª fase. Marquei com ele na terça-feira, às 6 da tarde.

Saio às 5 ½. Vou, com Gilda e Caíco, lanchar no “Ipiranga”. Às 6, rumamos a pé para a casa de Vodica. Jantar e noite relativamente calmos. De conversas brandas. O Edgar se assusta um pouco com uma opinião de um médico do Ministério da Educação sobre o seu estado. Mas Dr. Agenor o tranqüiliza. Boas notícias na B.B.C. sobre a frente russa. O Carlito é que não está passando nada bem.”

Vida familiar em 3 de outubro de 1943. Os encontros familiares eram freqüentes entre irmãos, sobrinhos, avós, tios e outros membros da família. Existia uma maior aproximação pessoal que nos dias de hoje. O convívio familiar tinha um caráter intergeracional, pouco comum atualmente. A recitação de poemas era um entretenimento comum na época, a memória e a oratória eram valores apreciados. Percebemos em Anitinha esta característica educacional que se estendia também ao conhecimento de idiomas estrangeiros. Uma vez mais o teatro e, particularmente, o gênero de revista, hoje praticamente desaparecido no Brasil se faz presente:

“Jantar calmo, com Mamãe. Noite encantadora, graças à Anitinha, que recita admiravelmente em português, francês, inglês e alemão... *Believe me, or not*. Voltamos à casa às 10 e pouco. Com Edgar e Armandinha. Projetamos uma ida, quarta-feira à noite, ao Teatro “João Caetano”, para ver uma revista da Beatriz Costa e do Oscarito. Lembrança de Armandinha. *Believe me, or not* – ainda uma vez. Durmo antes das 11 horas.”⁴⁵

45 Beatriz Costa, atriz portuguesa, permaneceu no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra e teve o grande comediante e ator Oscarito (1906-1970) como principal figura masculina em sua companhia

Em 19 de maio de 1945 temos um registro que denota a utilização de um vocábulo em extinção, a palavra “bóia” para designar “comida”. O jantar com a sogra e o cineminha no final do dia formam parte de uma rotina presente na vida do diarista. Os cinemas do bairro Copacabana eram o destino habitual para estas sessões noturnas. A família voltava, tranquilamente, a meia-noite :

“Jantar às 7 ½. Com Mamãe e Amelinha. Bóia aumentada e melhorada. As duas gostaram.

À noite, fui levar a sogra até ao ônibus. Fiquei conversando com a “velha” e o Caíco. Às 10 h., saio, com Gilda, para o “Metro-Copacabana”. Vamos ver *Canção da Rússia*, que eu já vira com as crianças. Saímos, de fato, com esse propósito. Mas fomos ver *A mansão de Frankenstein* no “Roxy”. Nunca vi tanta besteira junta! E, para isso, além de pagarmos 12\$000, apanhamos chuva de verdade! Vamos dormir depois de meia-noite, indignados.”

Em 28 de janeiro de 1945 passando um veraneio em Petrópolis descreve o cardápio do almoço da pensão com certa irritação. Observamos que a alimentação continua sendo simples:

“O almoço é ajantarado. Mas o menu está longe de ser o que era. Canja rala e salgada. Galinha de muitas pernas e um peito desfalcadíssimo. Batatas em nhoques raquíticos. Bifes transparentes. Ainda assim, comemos.”

Em 2 de fevereiro de 1945 jogos e leituras na convivência familiar:

“Depois do jantar, ficamos um pouco na varanda. Depois, jogamos “Sete e meio” no quarto – eu, Gilda e o Caíco. Depois, lemos. Dormimos às 10 ½.”

Em 20 de setembro de 1943 o entretenimento é marcado pelos jogos:

“Em casa, às 6 ½. Jantar com Mamãe. Alegre. Depois, o Caíco experimenta um jogo novo — a “bagatela”, com que o presentearam hoje no Bennett. Adorável.”

Em 28 de agosto de 1945 observamos um pouco da culinária da época:

“Almocei com o Caíco às 11 hs. Pirão de batatas, chuchu, arroz, cenoura e batata doce. Compota de pêra, para terminar.

Em 11 de fevereiro de 1945, mais culinária da época:

“Almoço ajantarado à 1 hora. Muito razoável. Muito bom. Como nos melhores dias. Canja. Feijão. Galinha com *petit-pois*. Empada de camarão. Macarronada. Bifes. E goiabada com queijo para sobremesa.”

Mais culinária da época:

“23 de abril de 1945, seg.

Acordo às 7 h., voltando ao ritmo antigo. E, felizmente, depois de uma noite bem dormida, com um pouco de “peso”, apenas, naturalíssimo, aliás, aos domingos, pois, agora, Mamãe conseguiu somar o jantar ao lanche... Tivemos ótimas croquetes de galinha, presunto, queijo, pães de minuto, pães comuns, bolos, chocolate e laranja. Unicamente...”

O prazer da convivência familiar é percebido nessas páginas. A vida familiar vai se desenrolando e se cruza com sua vida social e política. O autor e seus familiares são verdadeiros entusiastas quando o assunto é a política nacional e estrangeira. O sentimento de cidadão carioca parece estar permanentemente aguçado na mente do diarista que não deixa de observar e anotar cuidadosamente todos os detalhes possíveis.

3.2. VIDA SOCIAL : A CANETA SEM TINTA.

O autor do diário era um intelectual simpatizante das idéias renovadoras da esquerda, envolvido com sua rotina de trabalho no Ministério Público e com as associações acadêmicas e culturais as quais pertencia. Suas relações com o sistema de poder da época eram caracterizadas por uma visão crítica dos fatos em seu diário e a firmeza e coerência de suas ações em sua vida profissional. Seu irmão, Edgar Sussekind de Mendonça, foi preso durante os anos 1930 por ser simpatizante do comunismo e esse fato marcou a família Sussekind de Mendonça nos anos posteriores. Seu pai, Lúcio de Mendonça, que chegou a presidente do Supremo Tribunal Federal e seu tio avô, Salvador de Mendonça (diplomata e autor do *Manifesto Republicano* junto com Quintino Bocaiúva), tiveram um papel de destaque na instauração da República no Brasil. Sendo assim a vida política estava absolutamente misturada com a sua vida social como poderemos observar em alguns trechos selecionados de seu diário.

As livrarias eram locais de encontros e eventos sociais como palestras, reuniões de associações, saraus literários e recitais. Durante um certo período de tempo o autor do diário foi dono da Livraria Científica. Paulo Carneiro, em

depoimento póstumo sobre Francisco Venâncio Filho intitulado *Francisco Venâncio Filho: homem de ciência e educador*, e com epígrafe dedicada à memória de Edgard Sussekind de Mendonça menciona em seu livro os tempos da Livraria Científica:

“Quando ainda havia em nossa cidade, nos cantos de certas ruas, livrarias que se constituíam em salões literários, lugares de encontro marcados pela presença de prestigiosas figuras que em torno delas congregavam admiradores e amigos, uns na casa Garnier, outros à porta da Francisco Alves, tinha Venâncio Filho o seu próprio ponto de reunião, na Livraria Científica, criada e dirigida por Carlos Sussekind de Mendonça, seu fraternal amigo, à rua São José. À tarde, ali se juntavam homens de ciência e homens de letras, professores e estudantes, personalidades ilustres do jornalismo e do teatro, ao lado de obscuros boêmios atraídos pelas celebridades. Lá apareciam com freqüência, Heitor Lira e Afrânio Peixoto, Roquette-Pinto e Edgard de Mendonça, João Carlos Vital, Celso Kelly, Raja Gabaglia, Jonatas Serrano, Raul Bittencourt, Delgado de Carvalho, Faria Góes, Gustavo Lessa, Alair Antunes, Tude de Souza... De quando em vez, vinha-lhes ao encontro Capistrano de Abreu, à busca de livros.”
(CARNEIRO, Paulo. 1996, p 101).

O autor elabora o discurso ao historiador Ivan Lins que chegaria a ocupar importantes cargos na administração pública. Ao comparecer ao desfile em homenagem ao dia da Independência Americana deixa transparecer sua crítica política aos líderes do Estado Novo mencionando o projeto do Estado Novo de criar um movimento juvenil fascista como Mussolini e Hitler fizeram na Europa e Perón na vizinha Argentina :

“4 de julho de 1942, sáb.

Toda a manhã, passo-a na redação final do discurso ao Ivan. Agradam-me certos trechos dele. Mas tenho medo da extensão!

À tarde, vou à cidade para assistir ao desfile da Mocidade Acadêmica em homenagem à data da Independência Americana. Pensei que fosse ver uma palhaçada. Vi qualquer coisa de sério, de muito sério. Os arquitetos do Estado Novo devem estar convencidos de que a Juventude Fascista, que pensavam criar, morreu hoje. Lindas alegorias. Ótimas críticas. E bastante entusiasmo. Se não fosse ter chovido, como choveu, teria sido um deslumbramento.”

A intensidade e a força da amizade do autor com Monteiro Lobato prova o seu entrosamento com os referentes intelectuais da época. A carta de agradecimento de Monteiro Lobato registra a enorme repercussão do resgate realizado pelo diarista da memória e obra deste importante escritor. A familiaridade do tratamento, a referência carinhosa ao Caíco e sua comparação com seu falecido filho denotam uma grande

proximidade. A carta também permite conhecer e datar a criação da biblioteca infantil e de um centro de cultura que levam seu nome em sua cidade natal de Taubaté. Carta de Monteiro Lobato enviada ao jurista em outubro de 1943:

“Quando o Caíco chega do colégio, traz-me outra carta do Monteiro Lobato, esta datada de 16 de outubro e bem mais afetuosa que a primeira. Ei-la: “Meu caro Carlos Sússekind de Mendonça. Recebi tua carta de 3 e todas as informações da festa. Que esplêndido e generoso és! Quanto trabalho tudo isso revela. A súmula das conferências denota tanta leitura e tanto escabichamento da vida e ação do Monteiro Lobato, que ele abriu a boca. Nunca supôs que houvesse alguém que dele soubesse tanto. Foi tanto o feito, que estou eu agora atrapalhado para agradecer. Como agradecer, com que palavras, em que termos, uma coisa dessas?”

“E o brado de alarma, que você deu, repercutiu e continua a repercutir. Cresceu uma onda. Multiplicam-se os centros de cultura e bibliotecas com o meu nome. Acabo virando como o general Polidoro e outros da Guerra do Paraguai e que adquiriram uma séria função onomástica. Uma praça nova aqui do meu bairro recebeu o nome de Praça General Polidoro. Para bibliotecas e centros de cultura no interior o nome da moda é o meu — graças à indiscrição do Carlos Sússekind de Mendonça, com as bodas de prata. Veja a força das bolas de neve! Em Taubaté, a cidade em que eu nasci e que nunca me engoliu, vão fazer três coisas: um edifício que lá estão construindo de dez andares, “o maior arranha-céu do vale do Paraíba”, receberá o nome de Edifício “Urupês”. E haverá o Centro de Cultura Monteiro Lobato e a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em edifício próprio e representando o sítio de Dona Benta, com decorações murais relativas aos episódios de minhas histórias. Uma coisa realmente linda — e a quem as crianças de Taubaté vão dever isso? Ao Carlos Sússekind de Mendonça, porque, se ele não descobre a paca, ninguém daria pela existência dela no mundo — nem ela própria.

“Achei um encanto a risadinha de teu filho no programa do colégio Bennett. Eu tive um menino assim, o Guilherme, do qual só me resta um retrato assim, com um riso lindo. Muito curioso, também, o programa de *Negrinha*, teu arreglo para a Companhia Doméstica de Negações Teatrais... Que sadia e tanta sinceridade!

“Pois é isso, meu caro, você me transformou em general Polidoro e muita cidadinha anda aproveitando a ‘nova denominação’. E há de haver gente que sentenciosamente responda à pergunta: *Mas quem é este Monteiro Lobato?* com um grave e convincente: *Pois foi um dos nossos grandes heróis da Guerra do Paraguai, homem tão modesto que nem usa no nome o posto.* Obrigado, obrigado, obrigado. Eu, um malabarista de palavras, encontro-me agora sem palavras.”

“Um grande abraço do Monteiro Lobato.”

Nos dois trechos a seguir o autor comenta o telegrama que sinaliza a aproximação e possível aliança política entre Luis Carlos Prestes e Getúlio Vargas. A análise das probabilidades estratégicas desta aliança e de suas conseqüências demonstram como o autor vivência as alternâncias políticas deste período e sua relutância em aceitar o pragmatismo que o mundo da política apresenta.

Em 7 de abril de 1945 Prestes envia um telegrama, desde a prisão, a Getúlio Vargas, fato que é discutido em família:

“À noite, quando vou levar a mãe e a sogra, discuto com Aloysio e Irene a grande nota política do dia – o telegrama do Luis Carlos Prestes ao Getúlio. À primeira vista, desconcerta. Porque é mais um trunfo para o Getúlio e nada representa para Prestes, nem muito menos para as esquerdas. No fundo, todavia, bem pode ser que encerre algum compromisso não só de anistiar os líderes democráticos, como de alijar do Governo os figurões direitistas, Dutra *et caterva*. Não será essa a obra do João Alberto? É cedo, pois, para falar.”

Situação política em 23 de abril de 1945:

“Mesmo a política tomou um novo rumo. Prestes parece em definitivo aliado ao Getúlio. Isso, evidentemente, está condicionado a um desvio do Governo para a esquerda. Virá esse desvio? Se vier (fala-se até em fazer Prestes ministro do Trabalho) não há hesitação possível: temos de nos getulizar também. O brigadeiro continuará rezando e comungando. Mas ninguém pode afirmar nada que dependa do Getúlio. E circo foi coisa que sempre me enjoou.”

Em 23 de maio de 1945 os irmãos Sussekind de Mendonça assistem ao comício de Prestes em um estádio. Prestes acabara de ser libertado em 18 de abril de 1945 depois de cumprir dez anos de prisão. A presença dos irmãos no evento, a convite da comissão organizadora, e sua localização próxima da tribuna onde o líder comunista discursaria comprovam o reconhecimento da esquerda ao apoio que estes manifestavam. Trata-se de um depoimento espontâneo do apelo popular do Prestes e, ao mesmo tempo, de um observador crítico sobre as divisões que começavam a fragilizar o regime Vargas:

“O programa de hoje é trabalhar nos processos pela manhã – ir à Procuradoria à tarde – ir ao comício do Prestes depois (recebi convite da Comissão Promotora) – e trabalhar à noite para a sessão de amanhã do Conselho Penitenciário.

Uma notícia inquietadora para o comício: o Dutra proibiu a sua irradiação pelo DIP, ocasionando a demissão do diretor deste, o capitão Amílcar Dutra de Menezes. É, positivamente, o oficialismo que se desintegra...(…) Chegamos ao estádio às 7 e quarenta e cinco. Já estavam quase todas as arquibancadas ocupadas. Um espetáculo sem precedentes! Fomos levados até um camarote muito próximo da tribuna de honra, de onde Prestes falaria. À medida que chegavam as figuras mais representativas – delegações, comitês, representantes e representados – havia palmas bem dosadas. A viúva Pedro Ernesto⁴⁶ e o Bispo de Maura “abafaram”. O que foi a chegada de Prestes – em quinze minutos de ovação ininterrupta – não se pode descrever. Seria impossível. Impossível dizer, também,

46 Pedro Ernesto Baptista foi prefeito do Rio de Janeiro de 1931 a 1934 e de 1935 a 1936. Foi um grande benfeitor das Escolas de Samba do Brasil. Foi preso sob acusação de ser comunista. (FERNANDES, Nélson da Nóbrega. Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro: Coleção Memória Carioca, 2001).

o que foi o discurso em si. Os discursos todos, aliás. Excederam a qualquer expectativa, mesmo às mais otimistas.

O comício terminou às 11 ¼. Só conseguimos vir, de pé, num bonde, perto do motorneiro, à meia-noite. Chegamos à cidade à meia-noite e meia. Em casa, ainda de bonde, à 1 ½ .”

Em 8 de janeiro de 1944 ele está de férias, convivendo intensamente com sua família. Podemos observar por meio dessa convivência como eram os programas daquela época. O relato do autor constitui um verdadeiro roteiro de locais de lazer. No início de mais uma temporada das férias de verão é praticamente obrigatória a estréia de uma nova “roupa de banho”.

Na parte da tarde eles vão à “cidade”, o núcleo urbano por excelência, e lá realizam diversos passeios e atividades típicas de pai e filho. Primeiro a compra de fascículos na própria sede do jornal, depois a visita à lugares representativos da época como as lojas “Victor” a lanchonete ‘Ponto Chic’ e o cinema “Capitólio”, vale a pena destacar a variedade de entretenimentos que o cinema oferecia:

“Apesar de ainda não ter roupa de banho nova, vou, mesmo com a velha, à praia. Eu, Gilda e Caíco. Lá encontramos Anitinha e Ana Maria. Depois Irene e Aloysio. Tomo banho. Gelado! Não me demoro muito por ser primeiro dia. De volta à casa, às 12 ½.

Almoço à 1. Calmo. Depois, jogo xadrez com o Caíco. E me visto para sair com ele. Vamos à cidade. Sem rumo. Sem programa. À toa. Vamos, primeiro, ao *Jornal do Comércio*. Compramos fascículos atrasados do *Arquivo Judiciário*. Depois, vamos às lojas “Victor”. A seguir, tomamos lanche no “Ponto Chic”. E, por fim, vamos ao “Capitólio” conhecer o programa “Passatempo”. Ótimo. Documentários. Viagens. Música. Esporte. E muita guerra.

Em casa, às 7. Jantar às 7 ½. Com Amelinha. Conversa-se muito. Até as 9 horas. Vamos levá-la ao bonde, eu e Ana Maria. Uma espera maluca! Levo, depois, Ana Maria à casa de Mamãe. Volto às 10 horas. Impossível fazer mais o que quer que seja. Durmo antes das 11 horas.”

O diário de um jurista pressupõe um “lugar de memória” do pensamento jurídico e dos outros grupos pelos quais circulava o autor do diário. A sociologia jurídica, segundo Arno Wehling mostra claramente a importância do Direito no campo da memória (WEHLING, 1997). A própria construção do direito utiliza a memória social como um de seus alicerces. Entretanto, por ser um diário pessoal, a abordagem do mundo jurídico vem acompanhada de uma forte carga de subjetividade. O que encontramos em grande quantidade no diário, relacionado ao ambiente de trabalho, são os relatos dos inúmeros processos e questões jurídicas que fazem parte da rotina do autor do diário, as reuniões do Conselho Penitenciário e com outros grupos ao qual ele pertencia. Grande parte do seu tempo e de sua vida social foi destinada ao trabalho, de certa forma todos os eventos sociais faziam parte

do caldo cultural de sua vida, e isso ficou registrado detalhadamente no diário, como podemos ver nos exemplos das transcrições abaixo:

Em 31 de março de 1944 sua vida social era pautada por inúmeras conferências e solenidades como a posse de Sobral Pinto como conselheiro da OAB. Nesta situação o autor comparece representando a Sociedade de Criminologia:

“Às 2 hs compareço à solenidade da Ordem dos Advogados. Posse do Sobral Pinto, como conselheiro. Discurso incisivo, corajoso, brilhante mesmo. Aproveito para felicita-lo e fazer-lhe o convite em nome da Sociedade de Criminologia. Aceita. Ficamos de assentar tudo segunda-feira. Depois, conferência do Ari Franco. Não assisto. É impossível.”

O autor também participa de eventos relacionados com o próprio regime Vargas como o batizado do avião “Conselheiro Lafayette”, neste caso sua presença é justificada por razões familiares. Nesta oportunidade trata-se de um evento marcado pela presença de personalidades da época, como Assis Chateaubriand⁴⁷.

“8 de junho de 1942, seg.

Nada faço pela manhã, pois às 10 h. tenho de estar no aeroporto Santos Dumont para assistir ao batismo do avião “Conselheiro Lafayette” pelo Fritz (Süssekind). A cerimônia corre otimamente. O Chateaubriand fala, espontaneamente, comigo. O Salgado Filho também me faz muita festa. Antes assim. Os discursos, bons. O do Fritz um pouco tímido. (...) Dei-lhe material esplêndido. Só aproveitou o que era clássico. Ainda assim, agradou muito.

À tarde, depois de ter voltado à casa para almoçar, saio às 4 horas. Vou a uma reunião dos diretores da Sociedade de Criminologia, que não se faz por falta de número. Corro algumas livrarias. Venho para casa às 6 ½.

À noite, o Jocelyn telefona-me que só pode dar meu livro sobre o Salvador em novembro deste ano. Desanimo. Positivamente, estou sem sorte. E tanto o Lagden, como o Múcio e o Zé Afonso me passarão a perna.

Como Irene esteja adoentada, vamos vê-la. Ficamos de conversa até 10 e pouco. De volta, ainda leio o *Lope de Vega* do Ivan. Mas o cansaço me vence antes das 11 ½. E vou dormir logo, antes que o cansaço aumente e as horas passem.”

Em 28 de julho de 1943 vai a um evento na Associação Brasileira de Imprensa com seus colegas da Academia Carioca de Letras demonstrando assim a circulação dos intelectuais pelas diversas instituições e ambientes sociopolíticos.

47 Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968) foi um dos maiores empresários brasileiros, jornalista, advogado e político. Foi proprietário do maior conglomerado dos meios de comunicação do Brasil entre 1930 e 1960. (MORAIS, Fernando. Chato – o rei do Brasil. Cia das Letras: São Paulo, 1994).

Reparamos que as programações sempre incluem diversas formas de exaltação da palavra falada:

“Saio com o Afonso, o Phócion, o Paulo de Medeyros, o Orciuoli o Saladino e o Avelino Pessoa Cavalcanti. Vou, com este, depois, à A.B.I., onde assisto ao final da festa do centenário da “Canção do Exílio”. Canto. Discursos. Recitativos. Uma salada quilométrica. Mas agradável. Com muita menina bonita. E muitos homens conhecidos.”

Em 20 de abril de 1945 os acontecimentos do final da guerra se misturam aos eventos sociais na cidade do Rio de Janeiro. Cada notícia relevante do conflito bélico é acompanhada de perto pela família. A fotografia na época era tão importante como registro que se organizavam coleções temáticas formando verdadeiras galerias. A mãe do autor manifesta o desejo de possuir um retrato de Roosevelt em sua galeria de mortos ilustres:

“Às 11 ½, Mamãe telefona avisando da entrada dos russos em Berlim. Confirma-se, assim, o boato de ontem. E tem bastante significação a escolha da data aniversária de Hitler. Mamãe lembra a alegria que teria tido Roosevelt e pede um retrato dele para a sua galeria de mortos. Hei de dá-lo.

Não sei ainda se poderei comparecer ao desfile em homenagem à memória dele, Roosevelt, hoje à tarde. Se largar cedo o Conselho, irei, sem falta. Deve ser algo de deslumbrante – sobretudo, anunciada, como está, a presença de Luis Carlos Prestes. Se for, ficarei na cidade jantando para não perder a reabertura da Sociedade Amigos da América à noite. A sessão está marcada para as 8 ½, no Instituto de Música. Se não formos às 8, não encontraremos lugar.”

Um significativo evento social e familiar foi a inauguração do retrato a óleo de seu pai Lucio de Mendonça em 31 de julho de 1943, sábado, na Academia Brasileira de Letras. Para o autor este momento tem uma significação muito especial, ao mesmo tempo que confirma a importância da memória de seu pai para este grupo social, sente como algo extremamente pessoal o comparecimento ou a ausência de determinadas pessoas de seu círculo de amigos determinando um comportamento de futuro em relação à estes. O clã dos “Mendonça” confere e confirma seu próprio prestígio ao avaliar a adesão à homenagem ao seu patriarca:

“Em casa, às 3 ½. Troco de roupa. E, às 4 ¼, saímos novamente, eu, o Caíco e Gilda. Vamos à Academia Brasileira de Letras, onde se inaugura, na sala das sessões, o retrato, a óleo, de Papai.

A solenidade foi altamente emocionante. Com uma bela sala, de assistência escolhida e numerosa. Muito magistrado. Muita moça. E a

família Mendonça *au grand complet*. Só faltou Anitinha, obrigando a ausência de Irene, por doente aquela, apesar de entusiasmadíssima.

Acadêmicos presentes: o Ademar Tavares, Pedro Calmon, Múcio Leão, Manuel Bandeira, Filinto (de Almeida), Viriato Correia, Ataulfo, Cláudio de Souza, Miguel Osório, Clementino Fraga, e, de pé, sem tomar parte, o Cassiano Ricardo. O Afrânio, apesar de nos ter recebido à porta, não ficou para a sessão. Nada do Levi Carneiro, programado até para falar. Ausência compreensível do Tristão de Ataíde, do Gustavo Barroso e de outros crápulas que tais. Ausência imperdoável do Afrânio, do Roquette, do Taunay, do Aloysio de Castro, do Celso Vieira, do Rodolfo Garcia. À última hora, me lembro de mais um presente, o Olegário Mariano. Sem manifestação também, o Nery. Isso é gente que teremos de marcar para o resto da vida.”⁴⁸

Em 27 de setembro de 1944, o diário revela a vida política interna das principais associações que o autor integrava. Em relação à Academia Carioca de Letras o autor resiste a certas práticas políticas com as quais ele não comunga. No caso da Sociedade de Criminologia, ao mesmo tempo que o autor nos permite identificar importantes juristas contemporâneos a ele, destaca o cansaço produzido pelo esforço individual em reerguer a instituição e a falta de apoio de seus colegas:

“Persuadi-me de que a falta de *quorum*, ontem, para as eleições da Academia Carioca, foi obra maquiavélica do Afonso para me convencer, à força, de que devo fazer política como ele. Isso me inquietou. Política, eu não faço. Presidir a Academia, atormentado, entre dois fogos, sem poder transigir com os dissidentes, que se mostram bem intencionados, nem com os antigos companheiros, que se estão mostrando mesquinhos, não me seduz. Por outro lado, a Sociedade de Criminologia, que eu supus ressuscitada, continua mais morta do que nunca. Mesmo tendo oradores que se oferecem espontaneamente, como foi o caso do Floriano de Lemos, do Pontes de Miranda e do João Adler, deixei de realizar a sessão de setembro porque o Francisco Chermont não dá um ar de sua graça e eu não posso me virar em dez ao mesmo tempo. Para cúmulo dos cúmulos, a própria Comissão de Inquérito, que parecia correr tão bem, se me apresentou prejudicada. Só porque o Ary Fernandes perguntou ao Donattini se não seria possível encerra-la dentro de um mês, e não dos dois que o Estatuto concede, entrei logo a ver nisso uma censura à minha morosidade em conduzir os trabalhos.(...) Às 5 h., depois de escrever uma carta ao Chermont dizendo-lhe da impossibilidade de continuar sozinho à frente da Sociedade de Criminologia, vou deitar-me. Não durmo. Mas fico até as 7 h. na cama.”

Ainda, no mesmo dia, aspectos da vida literária do autor. Especificamente o autor se detém na proposta de Roberto Lyra, importante jurista brasileiro, que desempenhou um papel relevante no ensino jurídico brasileiro, de publicar um livro

48 A Academia Brasileira de Letras neste período histórico congregava importantes pensadores da literatura e da cultura brasileira em geral: jornalistas, poetas, romancistas, historiadores e políticos de diferentes posições, confirmando assim, o ecletismo desta instituição democrática.

com a correspondência entre eles. As pessoas conservavam as cartas e atribuíam a elas um caráter literário passível de publicação. O que nos surpreende é a abrangência do período desta correspondência, quase três décadas, e a grande quantidade de cartas, tornando-se uma fonte preciosa para a memória social :

“Ao meio-dia, encerramos os trabalhos. Vou receber dinheiro. O ambiente usual da Procuradoria. Conversas. Anedotas. Trepações. Não vejo o Romão, nem o Plácido. Falo só com D. Amélia Duarte, aliás muito ligeiramente, só para entregar-lhe o cartão do Caíco agradecendo-lhe o presente do dia 17, e, mais longamente, com o Roberto Lyra. Quer-me este, agora, que reveja com ele minha correspondência desde 1916, que ele guarda cuidadosamente, e que monta a mais de duzentas cartas. Diz que são interessantíssimas e muito bem escritas. A idéia de publicá-las veio do livro de Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre*, que acaba de aparecer, contendo 40 anos de suas cartas a Godofredo Rangel⁴⁹. Fico de examinar o assunto, sem nada prometer. Logo que saio da Procuradoria, compro o livro. É, realmente, uma coisa encantadora! Mas, para isso, é preciso que se seja Lobato. Esse ponto é que parece que o Roberto não compreende...”

Em 10 de julho de 1943 o autor compra selos com seu filho. Coletar selos era um hábito que tinha um aspecto educativo, pois através dos selos se identificavam os países, os personagens históricos retratados, os monumentos que glorificam a memória, efemérides, e outros elementos que contribuíam para a construção cultural dos indivíduos:

“Almoço ao meio-dia. À 1 hora, saio com o Caíco. Vamos à cidade ver as coleções de selos que ele tanto ambiciona. Compra várias, gastando os 25\$000 de que dispõe. Parece satisfeito.”

Em 11 de julho de 1943 comenta a guerra com seu cunhado. Percebe-se que o autor referindo-se as forças aliadas utiliza o termo Nações Unidas. Termo este, importante simbolicamente porque seria o nome adotado pela organização internacional criada após o final da segunda Guerra em substituição da chamada Liga das Nações⁵⁰ :

“Converso com o Rego Neto, antes, durante e depois do almoço. A invasão da Sicília o entusiasma. Eu tenho os meus receios. Confio muito nas Nações Unidas no ar e no mar. Em terra, assusto-me sempre que os vejo defrontando os alemães. Oxalá que me engane.”

49 José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951). Foi escritor, tradutor, jurista e professor mineiro. Integrou a boemia literária do início do séc. XX e foi autor de romances, contos, livros infantis e outros. (LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1950).

50 Para um maior aprofundamento do assunto ler : CARVALHO, Delgado de. *História diplomática do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959

Abaixo observamos como eram as solenidades em comemoração ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas que já começavam cedo e de forma estrondosa. O culto ao líder em regimes populistas como o de Getúlio é central. O nascimento do líder e qualquer outra data relacionada com este adquire uma dimensão nacional e uma representação institucional. Ao se referir aos fogos de artifício como “primeiro número” o autor demonstra que considera isto um espetáculo, no mínimo, incômodo:

“19 de abril de 1943, seg.

Manhã chuvosa. Depois de noite fria, de aguaceiro considerável. Às 6 horas, os foguetes despertam-nos. É o primeiro número das comemorações do aniversário do Getúlio.”

Em 31 de março de 1944 um evento social de caráter popular foi o desfile da Força Expedicionária Brasileira nas ruas do centro do Rio de Janeiro. Este tipo de eventos alimentava o patriotismo e consolidava a política nacionalista do Estado Novo:

“Só me demoro no Tribunal até as 3 ½. A essa hora, saio para assistir ao desfile do Corpo Expedicionário. Espero até as 5. Ótima impressão, se bem que parcial. Gente boa, forte, resoluta. Assisto à passagem da estátua do Deodoro.”

Abaixo uma curiosidade, a importância das canetas, naquela época, para a vida profissional/social do jurista. A caneta predileta, Parker, foi para o “conserto” como quem vai para um “tratamento”. Existia uma relação pessoal entre a caneta e o indivíduo. A ausência da caneta afetava sua produção de trabalho que era feita à lápis nesse meio tempo:

“20 de setembro de 1945, qui.

Ainda tenho de me valer do lápis. A minha caneta está “em observação” na Parker. Paguei adiantado pelo conserto. E ainda não sei se os pândegos m’o farão a contento.”

Em 13 de maio de 1945 a caneta tinteiro também apresentava problemas:

“Ontem, à noite, minha caneta-tinteiro enguiçou. Não no escrever. No encher. Seu abastecimento de tinta, que já se limitava a 2/3, passou a 1/3. Nessa marcha, acabará ficando um excelente objeto de adorno.”

3.4. DIÁRIO: LUGAR DE MEMÓRIA; ARQUIVO DE FATOS

Abaixo um trecho do diário no qual Carlos Sussekind de Mendonça inicia um novo “caderno” e dá mais uma definição sobre a função do diário em sua vida. Sempre tentando compreender melhor o seu próprio “lugar de memória”. Percebemos que o autor do diário faz breves reflexões conscientes sobre a importância de manter os registros de seu tempo nos cadernos:

“5 de julho de 1943, seg.

“O dia foi feliz para a abertura de mais este caderno – o 14^o do meu Diário. Os Cincos de Julho foram o grande sonho da minha mocidade. Tive, neles, sempre, o melhor símbolo do meu amor pelo Brasil. E, tanto mais os vejo esquecidos e vilipendiados, quanto mais os venero, no mais íntimo do coração.

Aliás, faço mal de falar em “Diário”. Isso não é “Diário”. É, quando muito, arquivo. Arquivo de fatos. De documentos que interessam à minha vida. De impressões que, no momento, não valham muito, mas que, no futuro, hão de valer, pelo menos para mim. A gente se esquece tão depressa de tudo! Isso ajuda a lembrar. É uma vida quebrada em pedaços pequeninos. Mas a saudade saberá, mais tarde, recompô-los.”

Provavelmente o autor do diário se refere ao dia 5 de julho com tanta admiração por ser a data em que houve o “Levante dos 18 do Forte de Copacabana em 1922” e o “Levante Revolucionário em São Paulo” que culminou com a criação da Coluna Prestes em 1924. Mantendo assim a sua postura de simpatizante com as causas populares revolucionárias.

Mas, analisando um pouco mais a importância deste diário na vida de Carlos Sussekind de Mendonça foram pesquisadas as ideias de alguns pensadores como Philippe Artières (nascido em 1968) historiador e pesquisador francês, doutor pela Universidade Paris 7, que tem como principal objeto de estudo a escrita autobiográfica. E, por ser o diário uma escrita autobiográfica, além de ser um arquivo pessoal repleto de recortes, fotografias, cartas e outros representantes de seu cotidiano, considero que as ideias desse historiador estão em perfeita sintonia com o meu objeto de estudo, o diário do jurista.

De acordo com o pensamento de Philippe Artières a exigência do arquivamento de si não é apenas uma tarefa prática e funcional para a organização de nossos papéis que são constantemente exigidos pela sociedade em que vivemos – apresentação de documentos de identidade, boletos de pagamento, etc. – e sim

pelo fato de que o indivíduo precisa manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida e controlar sua própria vida. Sendo assim, nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro e, acima de tudo, existir no cotidiano (Artières, pág. 14, 1998)

Para o antropólogo brasileiro – doutor em Antropologia Cultural – José Reginaldo Gonçalves “A categoria *coleccionamento* traduz, de certo modo, o processo de formação de patrimônios”. Ao realizar a atividade de colecionamento de objetos materiais (no caso do diário: cartas, fotografias, etc.) o autor desta ação estaria demarcando um domínio subjetivo em oposição ao “outro”. Ou seja, “eu” possuo e me identifico com esses objetos, com esses “recortes” de memória, e seu duplo sentido (GONÇALVES, 2003).

Outra reflexão pertinente sobre a função de um diário na vida de um indivíduo seria o aspecto abordado pelos sociólogos Berger e Luckmann, ambos pensadores que já foram citados no início desta dissertação. Segundo as ideias desta dupla estamos constantemente envolvidos por objetos em nosso dia a dia e esses objetos “proclamam” as intenções subjetivas de nossos semelhantes, ou seja, o objeto é criado pelo homem e tem algo importante a dizer. Seja um artefato de metal ou um livro, ele se “apresenta” e se “anuncia” ao seu grupo. O diário é um exemplo significativo de um objeto que possui um enorme valor simbólico para seu autor e possivelmente aos seus leitores do futuro que saberão “interrogá-lo” e, provavelmente, irão extrair dele inúmeras respostas. A permanente pesquisa sobre este diário trará informações que irão preencher lacunas de memória (BERGER, 2006).

De acordo com algumas idéias de Émile Durkheim (1858-1917), sociólogo e filósofo francês, e um dos idealizadores da Sociologia Moderna, também percebemos no diário uma experiência que se assemelha ao seu conceito de “conformismo lógico” no qual encontramos uma tentativa de uma “concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (DURKHEIM, 1994). O diário permite, de certa forma, ao diarista, sentir-se plenamente inserido nesta sociedade ordenada e cronológica. A atividade sistemática de escrever todos os dias no diário seria uma forma de estabelecer uma conexão com o lado sistemático da sociedade como um todo e, principalmente, com sua função de jurista, uma profissão muito pautada por

regras e normas. A visão de mundo retratada em suas páginas obedece a cronologia do tempo, das horas, das refeições, dos encontros sociais, algo que estaria em afinidade com a idéia de Durkheim de que a preponderância da sociedade sobre o indivíduo exige deste indivíduo uma adaptação, uma integração deste à esta estrutura social ordenada e rígida, porém capaz de acolhe-lo e legitimá-lo (BOURDIEU, 2009, p. 9).

O diário, sob um determinado ponto de vista, comunica o que o autor vê. A comunicabilidade do “visível” nas páginas do diário é feita por meio da escrita do autor, da transcrição de conversas de terceiros e de material epistolar e iconográfico aderido às suas páginas: fotografias, postais, recortes de revistas, pequenos objetos, desenhos, etc., formando assim um pequeno inventário de sua época. Mas, o diário poderia enquadrar-se também na categoria de objetos “não-visíveis” dentro de uma perspectiva mais ampla como a história oficial dos fatos, por exemplo. Por ser uma fonte alternativa, não oficial, estaria “invisível” aos olhos da maioria da população. Partindo desse ponto de vista, o diário se tornaria “visível” apenas quando for pesquisado e tornar-se produção acadêmica. Esta ideia está de acordo com a visão do pesquisador espanhol Antônio Viñao, doutor em Direito e professor de Teoria e História da Educação na Universidade de Murcia. Foi presidente da Sociedade Espanhola de História da Educação e seus principais objetos de estudo são a história da educação e a cultura escrita. (MIGNOT, BASTOS & CUNHA, 2000).

De uma maneira bem específica podemos observar as transformações sociais ocorridas na época deste jurista brasileiro em seu diário pessoal, de uma forma contínua, durante vários anos. Esta escrita acumulou-se em 80 cadernos, o que de certa forma caracteriza-se como sendo uma coleção de volumes de um diário privado. Um material tangível e repleto de subjetividade por tratar-se de uma visão pessoal de mundo, passível de sensações e percepções individuais.

Segundo Marcelo Abreu:

Uma coleção é, partindo de uma proposição genérica, um conjunto de objetos acumulados com uma função específica: garantir a comunicabilidade do visível, aquilo que se vê e se realiza no mundo real, e o invisível, aquilo que não se vê e se encontra fora do mundo sensível imediato, mas existe em um mundo ideal. (ABREU, 2011).

O jurista reuniu em sua coleção de cadernos que compõem seu diário – uma fonte não oficial – a escrita de seus pensamentos sobre os acontecimentos do momento em que vivia, uma descrição detalhada dos fatos, recortes e outros itens já

citados aqui. “Trechos” de um passado rememorado por uma testemunha qualificada, na medida em que participava direta ou indiretamente, dos fatos narrados daquela época. Fatos que nos transportam no tempo, revelando, de maneira alternativa, alguns detalhes sobre desempenhos sociais e políticos que não se perpetuaram, em sua totalidade, através dos tempos na historiografia oficial. E, também, aspectos pouco conhecidos pelas novas gerações de estudantes, que são ávidas consumidoras de notícias da atualidade, seja pelos meios de comunicação, redes sociais e outros meios que simplificam e reduzem os conteúdos de memória.

Estas gerações sofrem o fenômeno da “aceleração da história” que segundo Pierre Nora seria caracterizado por esses elementos:

É o mundo inteiro que entrou na dança, pelo fenômeno conhecido da mundialização, da democratização, da massificação, da midiaticização. (...) Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro (...) Ainda mais: é o modo mesmo da percepção histórica, que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da realidade. (NORA, 1993).

Algo como uma concepção idealizada do passado que, por não ser aplicada e utilizada no presente por meio de uma cultura hereditária, seria vista por esses jovens como um “lugar de memória”, legitimado pelos pesquisadores, para ser acessado e consultado quando necessário. Algo diferente do “lugar de memória” consagrado aos monumentos e datas comemorativas criadas pela história política oficial. De acordo com o pensamento de Pierre Nora que diferencia “memória” de “história”, como já foi abordado anteriormente nesta dissertação, poderíamos afirmar que o diário do jurista está repleto de “memórias” que servem para a reconstrução, não oficial, da “história”.

O historiador Arno Wehling em seu ensaio “Memória e história. Fundamentos, convergências, conflitos” analisa o conceito de diferenciação entre memória, filosofia e história⁵¹. A diversidade na conceituação da Memória faz com que muitos caminhos possam ser trilhados quando o objetivo é delimitar o campo da Memória Social. Adicionando os pontos identificados por Wehling com o de outros autores contemporâneos, percebe-se que a multiplicação de possibilidades sobre a definição da Memória é quase inesgotável. Estudar aspectos da Memória é pensar nas suas

51 WEHLING, Arno e Maria José. Memória e História. Fundamentos, convergências, conflitos. In: Memória Social e Documento – Uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1997.

muitas acepções: memória como “intuição sensível”; inteligível; reminiscência; memória como sentido interno junto com a imaginação, o sentido comum e a avaliação; memória consciente, subconsciente e inconsciente; memória recente e memória distante; memória individual, coletiva e social; memória como uma instituição a ser preservada; memória herdada de nossos ancestrais; memória fantasiosa; memória factual; a memória verdadeira do gesto e do hábito; memória emotiva; memória como patrimônio de um povo; memória arquitetônica de uma cidade e assim por diante⁵². Talvez essa visão sobre a Memória ainda sofra muitos desdobramentos sob o efeito dos estudos acadêmicos – ou do senso-comum – mas, basicamente, a noção geral que temos atualmente é essa.

Podemos observar que as diferentes linhas de interpretação sobre o conceito de Memória demonstram a necessidade de possuí-la como uma ferramenta utilitária sem a qual o indivíduo ou uma sociedade não poderia sobreviver e para isso teve que recorrer a sua manutenção. (BARRENECHEA, 2005, p.62).

A Memória faria parte de uma necessidade de compreensão do mundo. O que não é problemático não é questionado. Sendo o “problema” o fator principal para a existência de uma solução, podemos deduzir que a falta de uma “memória” em determinadas sociedades causou sérios prejuízos. Isso motivaria a permanência incontestável da Memória como fator agregador de um povo e da estrutura mental de um indivíduo (ALVES, 1981).

Com o intuito de contribuir para o aprofundamento do conceito sobre memória social, Wehling nos apresenta quatro explicações ou hipóteses complementares: a primeira seria relativa ao movimento migratório causado pela revolução industrial no século XIX. A ameaça da perda de “memórias” de determinados grupos sociais, causada por essa mudança, de uma certa forma poderia ter gerado a necessidade de recuperação dessas “memórias” por meio de uma conscientização coletiva da importância desses aspectos que estavam se perdendo nos diversos níveis da sociedade europeia ocidental. A segunda hipótese está vinculada ao estudo das sociedades primitivas e seus “homens-arquivo” encarregados da transmissão da memória e, conseqüentemente, da preservação da memória de seu grupo social. A

52 O pesquisador Federico Casalegno diz que “Cultura, memória e prática social estão intimamente relacionadas, portanto os aspectos materiais das construções físicas estão em harmonia com os sons da prática diária invisível, formando uma memória viva e social” (CASALEGNO, Federico. Memória cotidiana – comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.).

terceira hipótese surge através do historicismo, em seu aspecto cientificista, e coloca a memória social como um ramo da sociologia. A quarta hipótese, ambientada no terreno filosófico surge como uma memória relativa à temporalidade de acordo com o pensamento de autores como Nietzsche, Heidegger e Lacan. Wehling coloca que:

“O conceito de memória social ou coletiva presta-se à leitura de diferentes significados. De um ponto de vista social, ou mesmo sociológico, pode-se perceber que compreende tanto uma visão homogênea como conflitual do passado. Pode idealizá-lo, congelando ou esquecendo as tensões sociais e lutas, numa perspectiva de cooperação pacífica. Ou, pelo contrário, pode ser instrumento de combate para afirmar a própria identidade minoritária, muitas vezes, ante outras comunidades da mesma sociedade. Em ambos os casos as categorias principais empregadas são passado, tradição, história ou mesmo memória, variando os instrumentos de preservação: literatura escrita, arquivos, bibliotecas e museus (os “lugares topográficos” de Nora), no primeiro caso; recursos informais ou mais precariamente formalizados e instituídos, no segundo.”(WEHLING, 1997, p.17).

O diário fica reconhecido como um “lugar de memória” e arquivo de fatos, principalmente, pela sua característica de esmiuçar os acontecimentos de sua época através de diversos meios de comunicação que são utilizados por seu autor para checar informações, na troca de idéias com seus contemporâneos e pela tentativa de afirmar a identidade de seu grupo. É um testemunho do passado arquivado em um diário pessoal.

A pesquisadora e pedagoga brasileira Ana Chrystina Mignot observa as singularidades de se pesquisar um arquivo pessoal de escrita autobiográfica:

“(…) dar a conhecer a documentação de um ente querido, muitas vezes, envolve situações difíceis e complexas. Geralmente, estes velhos papéis carregam uma grande carga afetiva dos responsáveis pela documentação, pois protegem segredos, sonhos, expectativas e projetos, o que obriga os pesquisadores a se colocarem no lugar daqueles que escreveram, conservaram e classificaram de formas muito próprias, inúmeros papéis que cumprem a função social de edificar a memória pessoal ou familiar”. (MIGNOT, 2010).

Um diário pessoal como este que foi pesquisado é, também, um portador de segredos e aspectos íntimos de seu autor. Selecionar os trechos mais significativos para o objeto deste trabalho, que é a vida cultural no Rio de Janeiro durante o período da Segunda Guerra Mundial, fez surgir a necessidade de diferenciar, na medida do possível, o que era um sentimento proveniente do meio cultural – como

no trecho transcrito da morte do presidente Roosevelt – e que por essa razão torna-se algo relevante como constituinte de uma memória social dessa época, e descartar o que seria uma descrição afetiva sem muita projeção cultural, sendo, porém, considerada um elemento integrante do aspecto subjetivo, da personalidade do autor.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações socioculturais são refletidas no espaço urbano, na linguagem e nas obras artísticas em geral. Os objetos museais, as grandes coleções, as cidades arqueológicas, os monumentos, as instituições que preservam estes testemunhos culturais dos povos, enfim, uma vasta produção contemporânea e de tempos remotos fazem parte do patrimônio cultural de uma nação. Analisar a permanência destes semióforos através dos tempos nos possibilitaria um mapeamento mais profundo e um melhor entendimento sobre os diferentes grupos que atuam em nosso país.

A “memória” e o “patrimônio” como formas de instituições, interagem, constantemente, a favor da construção da identidade de uma nação. Compreender esse processo de transformações sociais é compreender a si mesmo, pois a memória coletiva e a memória individual são partes de um mesmo fenômeno. O diário do jurista Carlos Sussekind de Mendonça engloba a memória individual de seu autor e suas ramificações com a memória social brasileira dos anos 1940 e mais especificamente ainda no período da Segunda Guerra Mundial.

No cotidiano do autor do Diário – um intelectual carioca – encontramos uma perspectiva particular e este tipo de fonte tornou-se, recentemente, objeto de estudo dentro do âmbito da micro-história. Possivelmente, a reflexão sobre uma visão unilateral quando confrontada por outras visões parciais traçaria um panorama mais nítido da macro-história como comprovou-se nesta dissertação. Situa-se o Diário como elemento de resgate para a memória e para a reconstrução de aspectos histórico-sociais.

Nesta dissertação conseguimos verificar que os registros do autor do diário viabilizam plenamente a reconstrução do imaginário sócio-cultural da época. Os hábitos culturais de seu grupo social ficam claramente identificados nas citações de obras literárias; filmes; peças de teatro; eventos; notícias jornalísticas, entre outros. Mais do que informações são autênticos testemunhos de uma época

caracterizada por profundas transformações sociais e ao mesmo tempo submersa em um processo político extremamente importante para a história política brasileira como foi o Estado Novo. Paralelamente a descrição da vida sócio-cultural do regime Vargas reconstruímos o impacto nessa vida do maior conflito da humanidade, a Segunda Guerra Mundial.

Foi possível realizar um exame cuidadoso da historiografia do cotidiano, no decorrer desta pesquisa, redescobrimos hábitos de consumo alimentar, formas e meios de entretenimento e atividades lúdicas, assim como as inter-relações afetivas do núcleo familiar, o sistema de transporte e a comunicação, com especial destaque para a correspondência epistolar.

No aprofundamento dos estudos sobre a categoria “diários pessoais” verificamos que é possível reconstruir o perfil das elites culturais daquele momento histórico neste tipo de fonte alternativa. Podemos identificar suas dinâmicas de sociabilidade no espaço público e privado. Notamos isto por meio dos trechos em que o jurista comparece aos eventos sócio-políticos e culturais como: homenagens e cerimônias oficiais; reuniões de diversas instituições e sociedades públicas e particulares; inaugurações; estréias; lançamentos de livros e outros.

Percebemos também o impacto causado pelas inovações tecnológicas como a “eletrola”, os filmes de Walt Disney, a evolução do rádio e outras. A influência destas inovações no consumo e no estilo de vida desta classe média carioca também se comprovou por meio da análise feita nesta dissertação.

O pensamento transdisciplinar de historiadores, sociólogos, pedagogos, filósofos, antropólogos e outros autores também encontra-se aqui, exposto na edificação e no fortalecimento do âmbito da Memória Social.

As ideias do autor do diário em relação às representações dominantes na sociedade da época foram amplamente demonstradas ao longo destas páginas. O jurista critica livremente os integrantes dos grupos de poder afirmando seu ponto de vista constantemente.

Em relação ao aspecto subjetivo que permeia toda essa escrita autobiográfica do diário aparecem fortemente descritos alguns exemplos de contradições como a aversão do diarista ao imperialismo americano e sua verdadeira fascinação pelo cinema dos Estados Unidos e pela figura de Roosevelt. Assim como sua admiração por Getúlio Vargas, demonstrada no relato sobre sua

morte, e sua rejeição total aos fascistas e às ditaduras em geral. Aspectos estes que são divergentes mas que fazem parte da complexa e subjetiva natureza humana e, principalmente deste narrador solitário.

Sobre a questão da recuperação da memória do cotidiano social e cultural do Rio de Janeiro e a força desta cidade no período em que era capital federal e principal pólo de pensamento do Brasil, podemos dizer que esta fonte alternativa apresentou claramente a reconstrução dessa memória e a importância da cidade como capital cultural e política. O “desfile” de dezenas de intelectuais, artistas e personagens políticos concentrados nesta cidade e anotados no diário, comprovaram a centralização e o dinamismo existente na cidade. A descrição das ruas, dos bondes, dos cinemas de bairro e do centro da cidade, da praia de Copacabana, das avenidas, confeitarias, livrarias, lojas e outros lugares, assim como as anotações sobre os dias ensolarados ou chuvosos possivelmente propiciaram ao leitor uma grande aproximação e um melhor entendimento do tempo histórico situado entre 1939 e 1945 nesta cidade do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo. **Coleção urbana: imaginária urbana e identidade da cidade.**

Disponível em: www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www...br.../pe07-1.pdf

Acesso em: 20 fev. 2011.

ABREU, Regina. “**Chicletes eu misturo com bananas**”, in: Gondar, J. e Dodebei, V. *O que é memória social?*, RJ: Contra Capa, 2005.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Anuário, 1973-1974.** Editora da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro.

ALBERCA, Manuel. ***La escritura invisible, testimonios sobre el diario íntimo.*** Espanha: Sendoa, 2000.

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. “**O Cinema Brasileiro no Estado Novo: o diálogo com a Itália, Alemanha e URSS.** In: Revista de Sociologia e Política, junho, n. 12, Universidade federal do Paraná, Curitiba, 1999.

ALVES, Rubens. **Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

ARENDT, Hannah. ***Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARTIÈRES, Philippe. “**Arquivar a própria vida**”, in: *Arquivos pessoais*, revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AUTORES E LIVROS. Rio de Janeiro: **A Manhã**, n.1, 1941.

BARCELLOS, Sergio. ***Armadilhas para a narrativa – estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind.*** Rio de Janeiro: editora Velocípede, 2006, 145p.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. **A Genealogia da Memória Social.** In: *O que é Memória Social?* Rio de Janeiro: Contra Capa. 2005.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**, Petrópolis: Vozes, 2006.

BONA, Dominique. **Stefan Zweig, uma biografia**. Editora Record, São Paulo, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2009.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história**. São Paulo: Ática, 2003.

BUSTILLO, Josefina Cuesta. **“Memória e historia. Um estado de la question”**, in: Bustillo, Josefina Cuesta (ed.), Madrid: Marcial Pons, 1988.

CALABRE, Lia. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. In: Nenhum Brasil existe, pequena enciclopédia, Ed. Topbooks, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. **“Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos”**, in *Arquivos pessoais*, revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARNEIRO, Paulo. **Francisco Venâncio Filho: homem de ciência e educador**. In: Venâncio Filho, Alberto. *Francisco Venâncio Filho: um educador brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana – comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

CHAGAS, Mario. **“A radiosa aventura dos museus”** in: Dodebei, Vera e Abreu, Regina (org.). *E o Patrimônio?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Direito à memória: natureza, cultura, patrimônio histórico-cultural e ambiental**. In: *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.

Conferências na Academia Brasileira de Letras, 1962-1972. Ed. Da Academia de Letras [s.d.], 98p.

CONTURSI, Maria Eugenia & Ferro, Fabiola. **La narración: usos y teorías**. Bogotá: GrupoEditorial, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia de literatura brasileira**, 2ª edição. Global Editora, Rio de Janeiro, 2001.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de Campo – Diário de uma expedição; introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade**. São Paulo: Cultrix, 1975, 197p.

DACOSTA, Fernando. **Máscaras de Salazar**. Lisboa, Casa das Letras, 2006.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BRASILEIRO pós 1930. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

DUARTE, Marcelo. **O guia dos curiosos – Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.

FERNANDES, Néelson da Nóbrega. **Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Coleção Memória Carioca, 2001.

GABLER, Neal. **Walt Disney: o triunfo da Imaginação Americana**. Ed. Novo Século: São Paulo).

GARZA, Hedda. **Os grandes líderes: Franco**. Editora Nova Cultural, 1987.

GOLDENBERG, Myrian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Ângela Castro. **Escrita de si, escrita da história**. RJ: Ed. FGV, 2004.

GONDAR, Jô. “**Quatro proposições sobre memória social**”, In: *O que é memória social?*RJ: Contra Capa, 2005, p.17.

GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. ***A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil***. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MINC-Iphan, 1996.

GONÇALVES, J. Reginaldo Santos. “**O patrimônio como categoria de pensamento**”, em: Abreu, Regina e Chagas, Mario (org.). *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

Gran historia ilustrada del cine, vol. 9, 1984.

HALBWACHS, Maurice. ***A Memória Coletiva***, SP: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HOBBSAWM, Eric. ***A era dos extremos – o breve século XX, 1914/1991***. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HUYSSSEN, Andréas. ***Seduzidos pela memória***, RJ: Aeroplano editora, 2000.

JELIN, Elizabeth. ***Los trabajos de la memoria***. Madrid: siglo XXI, 2002.

LINHARES, Temístocles. ***Diário de um crítico, de 1974 a 1976***. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001, 434p.

LINHARES, Temístocles. ***Diário de um crítico, de 1976 a 1979***. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001, 216p.

LOBATO, Monteiro. ***A barca de Gleyre***. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOCKE, John. ***Segundo Tratado sobre o Governo Civil***. Editora Vozes, 4a edição, 2006.

MACHADO, Ana Rachel. ***O Diário de Leituras; A introdução de um novo instrumento na escola***. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 263p.

MAGALHÃES-RUETHER, Graça. “**As suecas do nazismo**”. In: Jornal O Globo, 16/03/2013; pág.2.

MALLON, Thomas. **A book of One's own – People and their diaries**. Saint Paul, Minnesota: Hungry Mind Press, 3ª ed. 1995, 314p.

MASSARINI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20**. UFRJ,: Rio de Janeiro, 1998.

MASSI DE, Domenico (org.). **A Sociedade Pós-Industrial**. SENAC, SP: São Paulo, 1999.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa (orgs.). **Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000, 237p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Papéis Guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Armanda Álvaro Alberto**. Ed. Massangana/ MEC/ Coleção educadores. Recife, 2010.

MILLIET, Sergio. **Diário Crítico de Sergio Milliet**. Martins. São Paulo: Edusp, 1981, 2ª edição, 320 p.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Formação do Império Americano (da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque)**. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2005.

MORAIS, Fernando. **Chato – o rei do Brasil**. Cia das Letras: São Paulo, 1994).

NORA, Pierre. “**Entre a memória e a história: a problemática dos lugares.**” Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUC-SP, dez. 1993.

NOSSO SÉCULO, 1930/1945. A Era Vargas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

OLINTO, Antonio. **O “Journal” de André Gide**. Brasil: Ministério da Educação e Cultura, 1955, 70p.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil – entre o povo e a nação. Ed. Ática: São Paulo, 1990.

PEIRANO, Mariza. **Rituais – ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2003.

PEREIRA SOARES, Mozart. **O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte**. Editora AGE, 1998.

PIMENTA VELLOSO, Mônica. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**, 1987.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio**”. *Estudos Históricos* 3, RJ: Ed. Vértice, 1988.

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. *Estudos Históricos* 10, RJ: Ed. FGV, 1982.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. Record: São Paulo. vol. I, pág. 12.

REVISTA estudos históricos. **Indivíduo, biografia, história**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, vol.10, nº19, 1997, 156p.

REVISTA estudos históricos. **Arquivos Pessoais**. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, vol.11, nº 21, 1998, 216p.

RICOEUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Hélio. **Eurico Gaspar Dutra, 16º Presidente do Brasil**. Editora Três, 1983.

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial – Natal (RN)**: EDUFRN, 2001.

SORJ, Bernardo. **A Nova Sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

SOUTO MAIOR, Dagoberto. **Tesouros de Osvaldo Aranha**. Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de. “**O papel dos euclidianos cariocas na monumentalização de Euclides da Cunha**” In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH, São Paulo, 2011.

SWETLANA ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio. Os grupos do poder e a determinação dos conteúdos**. Sumus editorial: São Paulo, 1985.

TOTA, Antonio Pedro. **Imperialismo Sedutor – a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. Companhia das Letras: São Paulo, 2000).

VENEZIANO, Neyde. **O teatro de revista no Brasil – Dramaturgia e Convenções**. Ed. UNICAMP/Pontes, 1991.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**, SP: Edusp, 1973.

WARAT, Luis Alberto. **Introdução ao Direito II, a epistemologia jurídica da modernidade**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris editor, 1995.

WEHLING, Arno e Maria José. Memória e História. **Fundamentos, convergências, conflitos**. In: Memória Social e Documento – Uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1997.

ZAGNI, Rodrigo Medina. “**Imagens Projetadas do Império. O cinema hollywoodiano e a construção de uma identidade americana para a política da boa vizinhança**”. São Paulo: cadernos PROLAM/USP, ano 8 – vol.1 – 2008.